

Encontro Nacional de Formação

5º ENAFOR

Educação popular é resistir, é transformar



DIRETORIA EXECUTIVA
(GESTÃO 2017-2021)

PRESIDENTE
Aristides Veras dos Santos

VICE-PRESIDENTE E SECRETÁRIO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Alberto Ercílio Broch

SECRETÁRIA-GERAL
Thaisa Daiane Silva

SECRETÁRIO DE FINANÇAS E ADMINISTRAÇÃO
Juraci Moreira Souto

SECRETÁRIO DE POLÍTICA AGRÁRIA
Alair Luiz dos Santos

SECRETÁRIO DE POLÍTICA AGRÍCOLA
Vania Marques Pinto

SECRETÁRIA DE MEIO AMBIENTE
Sandra Paula Bonetti

SECRETÁRIO DE POLÍTICAS SOCIAIS
Edjane Rodrigues Silva

SECRETÁRIO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SINDICAL
Carlos Augusto Santos Silva

SECRETÁRIA DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS
Maria José Morais da Costa

SECRETÁRIA DE JOVENS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS
Mônica Bufon Augusto

SECRETÁRIO DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DA TERCEIRA IDADE
Antônio Oliveira

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL DA CONTAG – ENFOC

EQUIPE PEDAGÓGICA

Adriana Pereira de Souza – Assessora da Secretaria de Terceira Idade

Altemir Pereira Viana – Assessor Regional Norte

Ana Bisneto de Moura – Assessora da Secretaria Geral

Antônio Gilberto Viegas da Silva – Assessor Regional Centro-Oeste

Helica Araújo Silva – Assessora de Meio Ambiente

Ivo Lourenço da Silva Oliveira – Assessor de Políticas Agrárias

José Arnaldo de Brito – Assessor de Política Agrícola

José Gilberto da Silva – Assessor Regional Nordeste

José Ramix de Melo Pontes Júnior – Assistente de Assessoria da Secretaria de Políticas Sociais

Lívia Braga Barreto – Assessora da Secretaria de Jovens Trabalhadores/as Rurais

Lorena de Freitas Severino – Assessora Regional Sudeste

Maria do Socorro Cerqueira Simas – Assessora de Finanças e Administração

Marleide Barbosa de Sousa Rios – Assessora de Formação e Organização Sindical

Nemo de Andrade do Amaral – Assistente de Assessoria da Vice-Presidência e Relações Internacionais

Nestor Bonfanti – Assessor Regional Sul

Raimunda de Oliveira Silva – Assessora de Formação e Organização Sindical

Vilenia Venancio Porto Aguiar – Assessora de Mulheres Trabalhadoras Rurais

SECRETARIA DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SINDICAL

EQUIPE DE FORMAÇÃO

Assessoria e Coordenação Pedagógica da ENFOC
Raimunda de Oliveira Silva
Marleide Barbosa de Sousa Rios

Assistente Administrativo de Assessoria
Claudia Maria dos Santos Ferreira

Analista da Secretaria de Formação
Larissa Aparecida Delfante

Secretária da ENFOC
Gisele Nunes de Sousa Lima

EQUIPE DE ORGANIZAÇÃO SINDICAL

Assessoria
Antonio Ricardo Farani C. Matos

Assistente Administrativo de Assessoria
Claudinéia dos Santos Souza

Auxiliar de Secretaria
Virgínia dos Santos Vieira







Encontro Nacional de Formação

5º ENAFOR

Educação popular é resistir, é transformar

FICHA TÉCNICA

AUTORES E AUTORAS:

Aldo Sena Albernas Conceição – Agricultor Familiar, Educador Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC, Técnico Agropecuário do STTR de Bujaru/PA

Anajá Antônia Machado Teixeira – Educadora Popular, Socióloga e Mestra em Desenvolvimento Rural

Andressa Dantas Amorim – Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC

Francisca de Sousa Santos – Educadora Popular Agricultora Familiar e Diretora do STR de Tianguá/CE

Jenicélia Vieira de Aragão – Agricultora Familiar, Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC, Secretária Geral do STTR de Gracho Cardoso/SE

Joyce Pereira da Silva – Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC

Jussiê Alves de Araújo Nunes – Educador Popular, Pedagogo, líder comunitário, Secretário de Jovens Agricultores/as Familiares do STTR de Caraúbas do Piauí/PI

Maria Aneci Martins de Abreu – Agricultora Familiar, Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC, Coordenadora Regional da FETAEMA no Baixo Parnaíba

Silvana Teixeira da Silva – Agricultora Familiar e Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC

Silmara Rodrigues da Costa – Assistente Social, Especialista em Políticas Públicas de Atenção à Família, Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC, Assessora da FETARN

Viviane Emanoela Couto – Agricultora Familiar, Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC, Diretora de Finanças e Administração do STR Águas Belas/PE

Wilma Alves de Farias – Educadora Popular da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC

Thalita Coelho – Socióloga e Educadora da Equipe Nacional de Formação da CUT Brasil

Organização: Raimunda Oliveira, Elza Falkembach, Iara Lins, Carlos Augusto Santos Silva, Ana Maria Menezes, Marleide Sousa Rios

Edição: Raimunda Oliveira, Elza Falkembach, Iara Lins

Diagramação e arte-final: Pedro Jardim
Revisão: Iolita Domingos Barbosa Campos

As fotos exibidas nesta publicação foram efetuadas durante o 5º Enafor; os desenhos que ilustram a capa e o miolo do livro concebidos por Pedro Jardim e os gráficos existentes pertencem ao acervo da CONTAG/ENFOC.

Tiragem: 3.000 exemplares

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

E56

Encontro Nacional de Formação (5. : 2021 : Brasília)

5. ENAFOR Encontro Nacional de Formação: Educação Popular é Resistir, é Transformar / organização Raimunda Oliveira ...[et al.]. – Brasília: CONTAG, 2021.

224 p. –

ISBN 978-85-63462-20-6

1. Educação popular. . 2. Prática sindical. 3. Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo. I. Oliveira, Raimunda..

CDU: 331.881

Bibliotecária
Ginamara de Oliveira Lima
CRB-10/1204

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1 13
ASSIM COMEÇOU: PREPARAR JÁ É REALIZAR
Cada Enafor tem sua singularidade
Antecedentes apontam rumos
"Se joga, Galera!", uma equipe sistematiza o 5° Enafor
Sistematização, que processo!

CAPÍTULO 2 29
ENAFOR, LUGAR DE FALA, LUGAR QUE FALA
A alegria da chegada aquece o frio do Cerrado
O 5° Enafor em números
"Se é pra ir pra luta, eu vou"
Compreender é preciso
- Golpe de 2016: as implicações para a classe trabalhadora e para a democracia
- Campo, Sujeito e Identidades
- Reforma Agrária, Terra, Água e Agroecologia
- Educação Popular e Educação do Campo

CAPÍTULO 3 95
"NÃO SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM"

Os grupos temáticos, troca de experiências e as oficinas pedagógicas
- Grupos de Aprofundamento Temático
- Grupos de Intercâmbio de Experiências Organizativas e Produtivas
- Oficinas Pedagógicas

As atividades culturais
- Feira de Saberes e Sabores
- Margaridas em Marcha em 2019
- Ato das mulheres contra a violência
- Chamada do Programa Jovem Saber
- Cortejo, Feira de Troca de Sementes Crioulas e Batalha da Escada
- Abraço simbólico à REITORIA da UNB
- Lançamento de livros
- Arte e Cultura
- Espaços de Cuidado

CAPÍTULO 4 181
ENCONTRO E COMPROMISSOS: "MÃO NA MÃO, PÉ NO CHÃO"

Encontros – Acampamento pela Reforma Agrária e Agricultura Familiar
e Acampamento Enafor Lula Livre
Carta de Compromissos

CAPÍTULO 5 193
EDUCAÇÃO POPULAR É RESISTIR, É TRANSFORMAR
Uma reflexão contextualizada
Tensões e aprendizados
Na organização e desenvolvimento do Encontro
Na elaboração do texto da sistematização
A Equipe "Se Joga Galera" avalia sua atuação
Desafios para a formação político-sindical na ENFOC

REFERÊNCIAS

ANEXOS



PARA COMEÇAR

Silvana (BA)

A escola de formação da CONTAG
Sua atenção quer chamar
Para nesse momento
Um livro lhe apresentar
Nele contém textos e fotos
Para o 5° Enafor relatar.

Este livro é diferenciado
Vai mexer com a imaginação
Os relatos verdadeiros
O levarão à emoção
Proporcionando a todos
Uma grande transformação.

Agora você vai saber dos detalhes
E reviver todos os momentos
Ver a experiência do Enafor
Em forma de acampamento
A galera "Se Joga" fez a cobertura
Da preparação até o encerramento.



APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer que a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares – CONTAG, por meio da sua Escola Nacional de Formação – ENFOC, apresenta a sistematização do 5º ENAFOR – Encontro Nacional de Formação, realizado em Brasília/DF, de 21 a 25 de maio de 2018.



Com o tema **EDUCAÇÃO POPULAR É RESISTIR, É TRANSFORMAR**, o livro faz um recorrido sobre a preparação do Encontro e relata, por meio de palavras e imagens, como foi o seu desenvolvimento e quais as apostas e compromissos definidos para a formação do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR. Revela ainda como o eixo temático **Resistência e Transformação,** que orientou o 5º Enafor e pautou esta sistematização, foi trabalhado com o auxílio dos fundamentos e instrumentos pedagógicos da Educação Popular; traz "depoimentos" sobre os sentimentos desencadeados pelo Encontro e destaca, por fim, as vozes da Equipe de Sistematização **"Se Joga, Galera"**, que avaliou sua experiência com esta forma de produção de conhecimentos – a sistematização de práticas sociais.

O livro mostra como o 5º Enafor, desde a sua forma – um acampamento no interior de uma universidade pública – até os temas trabalhados nos painéis, oficinas, grupos temáticos, místicas e atividades culturais; como o campo popular e nosso sindicalismo, em particular, se propôs a ser um espaço de resistência ao desmonte das conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, das cidades, da floresta e das águas. Ressalta como este Encontro Nacional, mediante a reflexão crítica sobre a prática sindical contextualizada compreendeu o golpe de 2016, que instalou "o entreguismo" na política brasileira, abrindo espaço para as agressões de um neoliberalismo autoritário, ultraconservador e predatório.

Mostra que as formas de atuação da formação no sindicalismo do campo são muitas, ao contar como foram os encontros entre o Acampamento 5º Enafor Lula Livre e o Acampamento pela Reforma Agrária e Agricultura Familiar, que aconteceram nos mesmos dias, mas em espaços diferentes. Esses acampamentos reuniram militantes do Movimento Sindical (dirigentes, lideranças, educadores e educadoras), palestrantes, moderadores/as de oficinas, artistas, animadores/as dos espaços e atividades desenvolvidas e parceiros/as de diversos movimentos, organizações e instituições sociais.
O livro procura revelar a esperança contida nos corações da militância quanto à retomada das conquistas perdidas e quanto à aposta na real transformação da nossa sociedade. Tudo isso está associado ao propósito de fortalecimento das mulheres e homens empenhados nesta tarefa de "resistir e transformar".

Com o 5º Enafor, narrado por esta sistematização, que lançou mão de vivências, registros e documentos produzidos coletivamente, atestamos que a prática pedagógica da ENFOC tem influenciado processos formativos em diferentes áreas de atuação da CONTAG e de suas Federações e Sindicatos, o que reforça e renova a Escola como um "lugar de transformação política".

Acampamento 5º Enafor Lula Livre, situado no Centro Comunitário da UnB e Acampamento pela Reforma Agrária e Agricultura Familiar, no estacionamento do Ginásio Nilson Nelson em Brasília.

Aristides Veras dos Santos
Presidente

Carlos Augusto da Silva
Secretário de Formação e Organização Sindical





CAPÍTULO 1

ASSIM COMEÇOU: PREPARAR JÁ É REALIZAR



CADA ENAFOR TEM SUA SINGULARIDADE

O QUE É ENAFOR?

É um encontro de formação que, desde 2005, faz parte da vida do MSTTR – Movimento Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Contextualiza e reforça o debate sobre a formação político-sindical promovida pela ENFOC – Escola Nacional de Formação da CONTAG, sob o enfoque da Educação Popular, e traça caminhos para que esta formação possa "impulsionar a prática da militância e fortalecer as entidades sindicais", no âmbito do Movimento.

QUAL A SINGULARIDADE DO 5° ENAFOR?

O 5° Enafor ocorreu em uma conjuntura conturbada! Mundialmente, nas primeiras décadas do século 21, o movimento dirigido a manter um aparente "estado de paz" entre as nações, contraditoriamente está sendo determinado pela persuasão e pela força. O que, na verdade, não configura situação de paz! É tensão contínua decorrente da agressão política das forças capitalistas neoliberais que seguem comandando o mundo: os Estados Unidos e seus aliados, nem sempre bem alinhados hoje em dia, que insistem em manterem-se como um império impetuoso, autoritário e violento, embora encontrem presenças fortes, como a da China, que tornam mais complicados os enfrentamentos internacionais.

No Brasil, vivemos em um estado de desagregação social e institucional, criado pelo golpe – parlamentar, midiático, jurídico – que depôs a presidenta Dilma Rousseff em 2016 e passou a expandir-se promovendo o "desmonte dos direitos e políticas públicas conquistadas, historicamente, pela classe trabalhadora, com ataques aos direitos sociais e coletivos por forças conservadoras (patriarcais, racistas e homofóbicas) que tomaram de assalto o poder em nosso país, submetendo-o à agenda ultraconservadora" (ENFOC, 2018, p. 4).

Arbitrariamente encarceraram Lula, para impedir seu retorno à presidência do país e impossibilitar as trabalhadoras e trabalhadores brasileiros de agirem como cidadãos, participando da política, resgatando direitos e recuperando as condições de vida perdidas: emprego, acesso à saúde, a escolas e universidades; à moradia própria e alimentação saudável; a programas de acesso à tecnologia, cultura e lazer.

As forças do mercado capitalista criaram novas formas de submissão que substituíram a centralidade da exploração do trabalho e do lucro pela especulação financeira, que faz do endividamento nova forma de submissão e de concentração de riqueza.

Em coerência com o exposto, como ocorre mediante a orientação da Educação Popular, que se propõe transformadora de contextos e sujeitos, o 5º Enafor teve um formato inusitado: aconteceu sob a forma de um acampamento, no campus da Universidade de Brasília – UnB: **Acampamento Lula Livre!**



POR QUE ACAMPAMENTO LULA LIVRE?

Por nos identificarmos com ele e reconhecermos que Lula é um preso político (preso injustamente, para não concorrer à Presidência da República nas eleições de 2018; preso às vésperas dessas eleições, sem provas e julgamento justo). O acampamento Lula Livre foi, então, uma forma de protesto e, ao mesmo tempo, de solidariedade e homenagem a ele: denúncia, protesto e resistência! Por sua vez, consistiu em uma aliança fundamental para setores democráticos: trabalhadoras e trabalhadores rurais e professoras e professores da universidade: Enfoc/Contag e UnB.





ANTECEDENTES APONTAM RUMOS

O ano de 2018 inicia e, com ele, a Contag se vê diante da necessidade de se preparar para enfrentar os desafios imediatos e históricos decorrentes da difícil e complexa conjuntura imposta à sociedade brasileira, em especial à classe trabalhadora a partir do golpe de 2016. Um dos maiores desses desafios foi o de ler a conjuntura, compreender as condições que possibilitaram o golpe e pensar os passos necessários para construir resistência às ofensivas que ele gerou. Neste cenário, o 5º Enafor foi uma das atividades que mereceu atenção e intensas discussões acerca da sua realização e do momento político vivenciado no ano de 2018.

Essa realidade levou o Coletivo Nacional de Formação e Organização Sindical a propor a realização do 5º Enafor como um espaço amplo de formação, de reflexão e também de resistência frente aos ataques impostos às trabalhadoras e trabalhadores e às suas organizações, o que se configurou como importante e acertada decisão política da Contag para cumprir as atividades previstas em sua agenda política.

Ler a conjuntura, entender o conjunto de condições que possibilitaram o golpe foi a principal das questões definidas para aprofundamento.

O Coletivo Nacional de Formação Ampliado com integrantes da Rede de Educadores e Educadoras Populares, espaço corresponsável pela formação na Enfoc, construiu condições para que o Encontro atingisse grande número de "lideranças de base" precisando, portanto, de providenciar espaço para abrigar a todas e todos. Foi aí que surgiu a ideia de um acampamento e, para viabilizá-lo, o Coletivo articulou-se com a UnB, universidade que já era apontada como uma instituição com a qual se pretendia intensificar a parceria. Acreditava-se que, além de oferecer espaço físico, professoras e professores da universidade poderiam contribuir com os debates durante o encontro. Tomadas estas decisões, foram definidas as equipes de trabalho e estas passaram a se dedicar à construção do 5º Enafor.

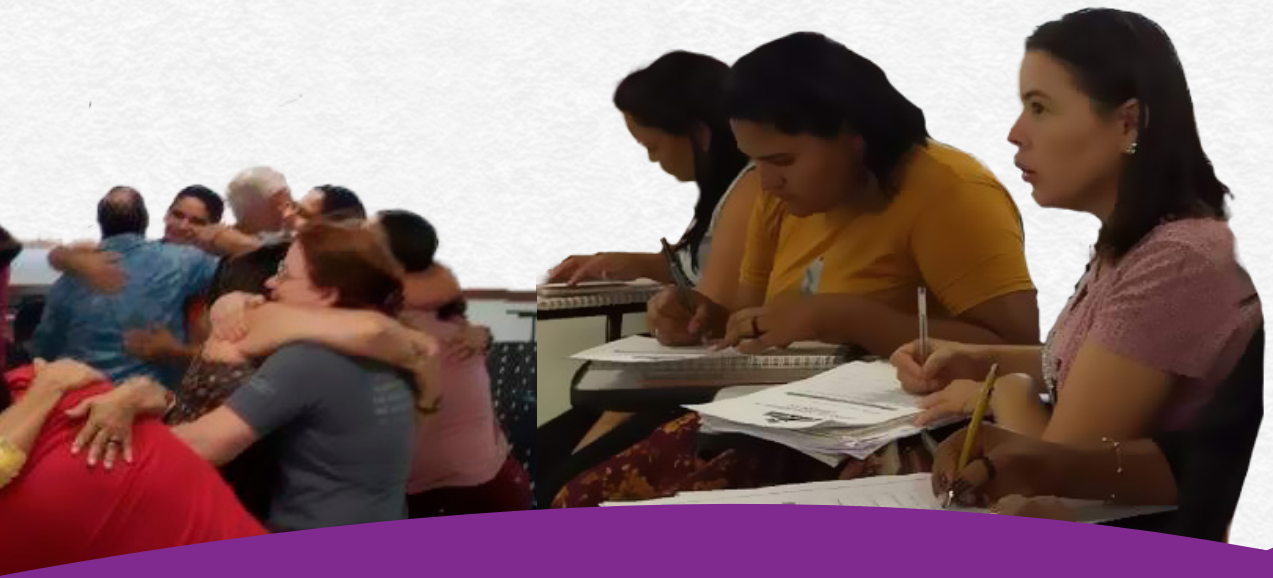


Como já dissemos, ao mesmo tempo em que ocorreu o Acampamento 5º Enafor Lula Livre, dedicado a dar visibilidade especificamente à formação, constituiu-se o Acampamento da Reforma Agrária e Agricultura Familiar, que esteve situado no estacionamento do Ginásio Nilson Nelson em Brasília. Os dois acampamentos promoveram atividades conjuntas em três momentos: em um painel sobre Reforma Agrária, na caminhada pela Esplanada dos Ministérios e no encerramento das atividades.

Equipes que atuaram na preparação e realização do 5° Enafor:

a) Metodologia;
b) Infraestrutura;
c) Mobilização e Comunicação;
d) Experiências de Base;
e) Mística;
f) Feiras;
g) Saúde;
h) Ciranda;
i) Ornamentação;
j) Acolhimento;
k) Credenciamento;
l) Apoio aos Grupos de Trabalho;
m) Informática e Sistematização.

A partir das propostas construídas no Coletivo Nacional de Formação e Organização Sindical, cada equipe planejou sua agenda de trabalho até a realização do Encontro. Ao todo, foram envolvidos/as cerca de 40 educadores/as populares da Enfoc, dos vários estados do país. Esses/as educadores/as, ao mesmo tempo em que concebiam o Encontro, se dedicavam à mobilização das lideranças de base. Foi um processo de muito aprendizado e ampla participação.



Objetivos do 5º ENAFOR

- Fortalecer estratégias formativas articuladas às lutas populares de resistência ao neoliberalismo e às práticas conservadoras de desmonte dos direitos conquistados pelos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros/as;
- Debater as implicações do Golpe – parlamentar, midiático, jurídico – de 2016 para a classe trabalhadora e para a democracia brasileira;
- Compartilhar experiências formativas, organizativas, produtivas e culturais de base para estimular a multiplicação de fazeres e saberes sintonizados com a concepção de desenvolvimento do PADRSS e com as matrizes formativas da Política Nacional de Formação – PNF e do Projeto Político Pedagógico;
- Elaborar recomendações e estratégias formativas comprometidas com as lutas de resistência e para o fortalecimento de práticas políticas transformadoras e emancipadoras.

"SE JOGA, GALERA!", UMA EQUIPE SISTEMATIZA O 5º ENAFOR

A realização da sistematização do 5º Enafor foi uma decisão tomada coletivamente, tendo em vista a experiência vivida em 2014, que resultou na publicação *4º Enafor, um conto que encanta* (ENFOC, 2015). Foi previamente constituída e preparada uma equipe, com representantes das diversas regiões do país para dar conta da tarefa. O grupo responsável pela sistematização do 5º Enafor fez parte da 6ª Turma do Curso de Formação Política da Enfoc/Contag, com exceção de Thalita Coelho, educadora da Escola de Formação Sindical da CUT Chico Mendes na Amazônia.

Na assessoria ao processo, tivemos, pela Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, Ana Menezes (Maranhão), Iara Lins (Alagoas) e Elza Falkembach (Rio Grande do Sul). Iara e Elza são também vinculadas ao PLAS – Programa de Apoio à Sistematização do CEAAL – Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe. Raimunda Oliveira – Mundinha (coordenadora pedagógica da Enfoc), Carlos Augusto – Guto (Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag) e Marleide Rios (educadora da Equipe de Formação da Enfoc) representaram o braço político e pedagógico da Enfoc na assessoria à sistematização do 5º Enafor.

Aldo Cena Albernas Conceição veio do Pará, e Maria Aneci Martins de Abreu, do Maranhão.

Eu venho do Estado do Pará, para contribuir com a sistematização do 5º Enafor!!! Fui indicado pela Secretária de Formação da **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Pará (FETAGRI-PA)** (Aldo, PA).

Vim para a equipe de sistematização a convite do Secretário de Formação da **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Maranhão – FETAEMA**, José Chateô Brian. Ele me perguntou se eu aceitaria, porém já dizendo que era eu quem iria mesmo (risos). Então aceitei e hoje agradeço imensamente essa escolha, pois estou vencendo desafios que achava ser incapaz e aprendendo muito com essa equipe e com os livros que li. Gratidão pela oportunidade... (Aneci, MA).



Jussiê Alves de Araújo Nunes representou o Estado do Piauí.

Eu sou de uma cidade chamada Caraúbas do Piauí, situada ao norte do Estado e fui convidado pela **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Piauí–FETAG-PI** para participar da equipe de sistematização. Um certo dia, eu estava em uma outra cidade resolvendo umas tarefas do sindicato juntamente com outros companheiros. Nesse dia, eu estava meio pra baixo por alguns motivos pessoais. Após o almoço, recebi uma ligação da assessoria da Secretaria de Formação da FETAG-PI me perguntando se eu gostaria de participar da oficina de sistematização que aconteceria em Brasília-DF, de 16 a 18 de abril de 2018. Fiquei com um pouco de medo de dizer sim, mas, como gosto de desafios, logo respondi que sim. Antes eles perguntaram se eu teria disponibilidade de participar, pois essa equipe ficaria responsável pela sistematização do 5º Enafor. Então pensei que tamanha responsabilidade eu iria assumir e ainda mais de representar nosso Estado! Daí busquei organizar minhas tarefas do Sindicato e pessoais, para me jogar em mais uma missão do Movimento Sindical. Uma das coisas que me motivou também foi a possibilidade de viver novas experiências, conhecer outras pessoas e suas culturas (Jussiê, PI).

Anajá Antônia Machado Teixeira e Joyce Pereira da Silva marcaram a presença do Rio Grande do Sul e do Distrito Federal na equipe.

Tudo aconteceu muito rápido! Primeiro eu seria apenas uma participante desse grande encontro de educadores/as, mas um colega estava com problemas sérios de saúde com a esposa e, como faço parte da equipe de formação da **Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul – FETAG-RS**, vim para uma reunião preparatória da metodologia, em março, para substituí-lo. Nessa reunião, indicamos e nos colocamos em equipes de trabalho. A princípio eu havia me inscrito em duas: Mística e Experiências de Base, indicando uma outra pessoa para a Sistematização. No decorrer do processo, esta pessoa não pôde fazer parte e cá estou eu. Claro que, com esta decisão, não foi possível conciliar as outras duas equipes. Dessa forma, eu me retirei delas para não prejudicar o andamento desse grupo de trabalho (Anajá, RS).

Bom, inicialmente fui chamada para ser apenas uma participante, mas, uma semana depois, recebi um e-mail dizendo que faria parte da equipe de relatoria do Encontro. Quando cheguei à Contag, me dei conta que era pra fazer parte da equipe de Sistematização! Não fazia ideia do que era, porém aceitei, pois sempre quis participar do Enafor, e ter a oportunidade de participar da sua construção é uma experiência maravilhosa (Joyce, DF).

Silvana Teixeira da Silva chegou pela Bahia.

Bom, digamos que caí de paraquedas no Enafor! Em uma bela tarde, estava eu no Sindicato fazendo algumas atividades, quando recebi uma ligação da Secretária de Formação da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura no Estado da Bahia – FETAG-BA, perguntando se eu queria participar. Eu, pensando que era do famoso Enafor, aceitei, mas nem me preocupei, afinal, era apenas mais um movimento como os demais. Meses depois, recebo uma mensagem falando que minha passagem já estava confirmada para ir a Brasília. Sem entender, perguntei o que iria eu fazer em Brasília. Ela falou que era a Sistematização e falei novamente: "Tudo bem", pensando que iria fazer a oficina preparatória do Enafor, e assim fui eu, sem saber o que realmente era o Enafor e a SISTEMATIZAÇÃO. Chegando à oficina, quando fiquei ciente do que realmente se tratava e vendo a grande responsabilidade que estava sobre mim, quase caí da cadeira (risos)! Nunca imaginava eu que seria escolhida para fazer uma tarefa tão importante assim. O medo tomou conta, pois a ficha não tinha caído, não dava para entender o que estava fazendo ali, logo eu, péssima em português (risos). Cheguei até a Secretária de Formação, falei que ela tinha aprontado uma comigo, ela simplesmente me olhou, sorriu e falou: "TE VIRA", e aqui estou eu, agradecida a Deus por essa oportunidade única (Silvana, BA).



Viviane Emanoela Couto e Andressa Dantas Amorim Silva representaram os estados de Pernambuco e Alagoas.

Inicialmente, a Contag solicitou das Federações a indicação de pessoas que já viveram algum processo formativo da Enfoc, orientando sobre a importância da 6ª Turma Nacional fazer parte desse processo. Então a **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco – Fetape**, além de olhar para essa orientação e para o perfil dos participantes da 6ª turma, observando os que mais têm facilidade de abraçar os desafios bons da sistematização, teve ainda o cuidado de oportunizar esse aprendizado olhando para as regiões do Estado. Na última oportunidade, fez parte dessa equipe uma educadora do Sertão, então, para esse novo momento, a Federação resolveu indicar uma pessoa do Agreste. Assim sendo, o Diretor de Formação e Organização Sindical me ligou fazendo o convite. Logo aceitei e entrei em contato com a Assessora da Diretoria de Formação que me passou os detalhes sobre os trabalhos da equipe. E aqui estou, com muita satisfação, pronta para resistir e transformar (Viviane, PE).

Tudo aconteceu repentinamente, após a solicitação da Contag à **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Alagoas – FETAGAL.** A tutora do Estado de Alagoas (Raquel Brás) me liga e diz: "Andressa você vai fazer parte da equipe de Sistematização do Enafor". De cara, aceitei o desafio, pois o Estado havia me confiado a oportunidade, apesar de não entender o que estava por trás dessa palavra enorme e temerosa "Sistematização", mas tinha certeza de que seria mais aprendizagem para o caminho. E ao descobrir que sistematizar não era tão difícil, assim, na realidade, iríamos fazer um livro trazendo nossos sentimentos e visões. Agarrei, abracei a oportunidade. Conheci a maravilhosa equipe e me joguei!!! É desafio bom.
Sistematizar não é só a aparência, é a essência do nosso 5° Enafor (Andressa, AL).

Silmara Rodrigues da Costa veio do Rio Grande do Norte e Jenicelia Vieira de Aragão de Sergipe.

Fui convidada pela Secretaria de Formação e Organização Sindical da **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Rio Grande do Norte – FETARN** para compor a equipe de Sistematização do Enafor. No primeiro momento, me preocupei em não dar conta de tamanha missão, mas senti que seria uma oportunidade importante de grande aprendizado, além da expectativa de poder colaborar com a produção de um livro. Isso é algo fantástico para mim. Sendo assim, decidi me "jogar" nessa nova experiência (Silmara, RN).

Venho do Estado de Sergipe a convite do Secretário de Formação, Lucivânio, da **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Sergipe – Fetase**, que me ligou perguntando se eu toparia fazer parte da equipe de Sistematização do 5º Enafor. Aceitei este desafio feito por ele, agradeço-lhe imensamente e fico feliz por participar dessa construção, desse momento desafiador (Jenicélia, SE).

Francisca de Sousa Santos representou o Ceará na equipe.

Bom, eu recebi o convite pela minha **Federação (Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará – FETRAECE).** Fiquei por alguns momentos me perguntando: "Por que eu?" Depois assumi como mais um desafio de tantos que o processo formativo da Enfoc já me proporcionou como mulher, agricultora, mãe e militante. No entanto, é a primeira vez que me desafio escrever. Vi também que precisava ler, e a leitura passou a ser uma atividade diária da minha rotina que eu achava não ter mais como inserir algo. Porém vi o quanto a leitura me ajudou a compreender tantos momentos vivenciados não só no processo de Sistematização do Enafor, mas nos tantos outros da minha militância. Hoje vejo que escrever e ler produzem conhecimentos e melhoram nossa prática (Francisca Sousa, CE).

Wilma Alves de Farias veio da Paraíba.

Aconteceu inicialmente com a solicitação da Contag à **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado da Paraíba – FETAG/PB.** Ao receber o convite para participar da equipe de Sistematização, de cara, aceitei, achando que seria da equipe de Sistematização do curso Regional Nordeste que aconteceria na Paraíba em alguns dias. Passando pela sede da Fetag, a secretária aborda-me e diz que a passagem já está comprada para viagem. Surpreendida, pergunto: "Para onde?" E ela me responde: "Brasília, e prepare-se para participar da equipe de Sistematização do 5º Enafor". Assim, me joguei nesse caminho novo de aprendizagem e oportunidade para traçar metas e plantar sementes para o futuro. E ainda tenho a oportunidade de participar de um livro que irá contar várias histórias vindas de vários cantos do país com seus saberes e sabores. Meu sentimento de gratidão (Wilma, PB).

Thalita Coelho (da Escola de Formação Sindical da CUT Chico Mendes na Amazônia) também integrou a equipe.

Como educadora da Escola Sindical da CUT na Região Norte, eu também contribuo na assessoria de algumas atividades das Estaduais da CUT e dos Sindicatos e Federações filiadas à Central na região. Quando não estou em viagens pela região, trabalho na sede da CUT Pará, no mesmo prédio onde também funciona a Fetagri/Pará; essa convivência passou da partilha do mesmo espaço físico para a partilha de experiências. A partir dessa aproximação e de algumas contribuições que dei no campo da reflexão em cursos e da sistematização de algumas ações formativas, recebi o convite para participar do 5º Enafor pela Secretaria de Formação da Fetagri/Pará; e esse convite foi reforçado pelo Secretário de Formação da Contag, Guto, que já foi dirigente da Escola Sindical da CUT na região Norte e da CUT Pará. Como já estaria em Brasília na semana anterior do Enafor, por conta de outra agenda de trabalho da CUT, me integrei à equipe de organização do Encontro alguns dias antes e escolhi a equipe de Sistematização para me inserir, por ser uma área da qual gosto e à qual tenho me dedicado a contribuir, principalmente na região Norte. O Enafor foi e está sendo uma experiência rica, bonita e de muitos aprendizados (Thalita Coelho, PA).

As educadoras Iara Lins, Ana Menezes e Elza Falkembach foram as responsáveis por preparar, junto com a equipe, todo o processo de sistematização, incluindo as vivências durante o 5º Enafor, criando as condições objetivas para que a equipe produzisse, em tempo real, durante e pós 5º Enafor, com as produções virtuais por meio do ambiente virtual de aprendizagem da Enfoc.

Sou Educadora Popular e iniciei minha militância no Movimento Sindical em 1995, no Estado de Alagoas, onde, em 2002, fui convidada para a Contag, como assessora nas Secretarias Geral, Finanças e Administração e, por último, na Formação e Organização Sindical da Contag. Além de outras atividades na Enfoc, me dediquei a acompanhar os processos de sistematização desenvolvidos na Escola desde o início, continuando até hoje como integrante da Rede de Educadoras e Educadores Populares da Enfoc. Atualmente vivo na Colômbia, concluindo o mestrado em Educação Popular, que tem como objeto de estudo a sistematização da Enfoc, e faço parte do Programa de Apoio à Sistematização – PLAS do CEAAL. Em relação a essa publicação, fui convidada pela Enfoc para compor a equipe de Coordenação de Sistematização do 5º Enafor, o que me deixou muito feliz, desafiada e honrada com o convite **(Iara Lins)**.

Fui convidada como Educadora Popular pela Secretaria de Formação e Organização da Contag, na condição de colaboradora, sendo informada inicialmente que iria integrar a equipe de sistematização durante o 5º Enafor. Fiz parte da Assessoria de Formação e Organização Sindical da Federação do Maranhão por 13 anos, integrei a Primeira Turma Nacional da Enfoc em 2006 e participei como Educadora de outros processos de sistematização de experiências. Atualmente acompanho Sindicatos em experiências de formação de base. Sempre que sou convidada e dentro das minhas possibilidades, me coloco à disposição para colaborar nos processos formativos da Escola **(Ana Menezes).**

Como tenho colaborado com a Enfoc desde 2006, assessorando processos de sistematização, Mundinha ligou-me dizendo que o Guto, Secretário de Formação da Contag, propôs à equipe de preparação do evento a sistematização do 5º Enafor, como ocorreu no 4º Enafor, para aperfeiçoar o processo mediante oficinas preparatórias, com uma equipe permanente para vivência, acompanhamento e registro de todo o Encontro. Nessa altura, meu compromisso com o MSTTR falou alto e me joguei pra Brasília, depois de ter feito uma proposta para a primeira oficina preparatória. Desde aquele momento, não me desliguei da trajetória iniciada...
(Elza Falkembach)

A dinâmica adotada para viabilizar a sistematização, na perspectiva da Educação Popular, pode ser caracterizada como formação na ação. Foram realizadas duas oficinas preparatórias para a construção da equipe e preparar o processo. A **primeira** resultou no projeto da sistematização e a **segunda**, na construção de instrumentos de registro, troca e interpretação de informações e comunicação.

SISTEMATIZAÇÃO, QUE PROCESSO!

A primeira Oficina de Sistematização aconteceu nos dias 16, 17 e 18 de abril de 2018, no Centro de Estudo Sindical Rural – CESIR, em Brasília. Este foi um momento de grande importância para a constituição da equipe, pois foi quando se abriu a conversa sobre o tema e o grupo se deparou com a grandiosidade da tarefa que começava a assumir. A Oficina orientou-se pelos objetivos:

a) Realizar estudos sobre sistematização e Educação Popular;

b) Fomentar a realização da sistematização como instrumento político e pedagógico para o registro e reflexão da vivência do 5º Enafor;

c) Contribuir, por meio da teoria e prática da sistematização, com a formação de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc/Contag;

d) Construir o projeto de sistematização do 5º Enafor.

A Oficina fez exposições dialogadas, leitura de textos e debates sobre a conjuntura (brasileira e do Movimento Sindical), sobre Educação Popular, sistematização, e o grupo pôde tomar contato com a proposta teórico-metodológica assumida pela Enfoc/Contag, há mais de 10 anos, *Sistematização, uma arte de ampliar cabeças* (Falkembach, 2006). Tudo isso regado à mística que abre corações e mentes para o acolhimento de saberes e construção coletiva de conhecimentos e marca os processos formativos da Enfoc – "Lugar de formação e transformação política" que, desde então, assumiu-se também como "espaço de resistência".

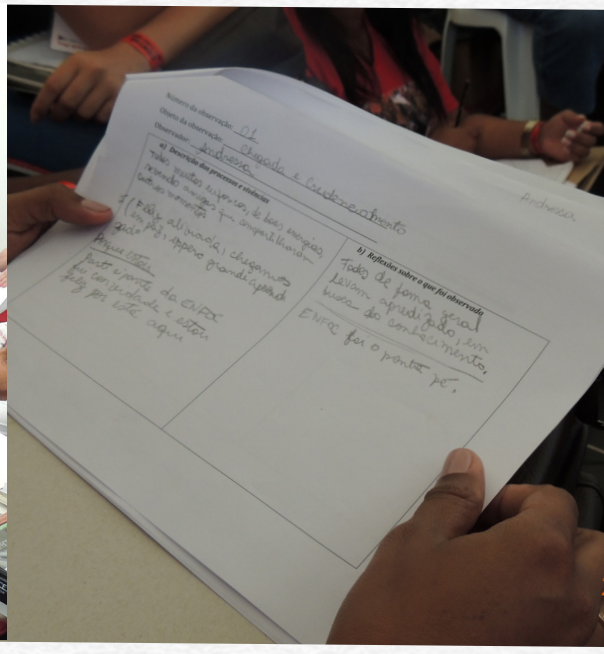
Ao avaliar essa oficina, uma ponta de medo começou a se manifestar no grupo: uns se questionavam, será que dou conta? Outras diziam que, até então, não tinham ideia de que os desafios eram tantos... Durante esse bate-papo, uma das participantes do grupo levantou a provocação para si e para os/as demais, que deu nome à equipe de sistematização do 5º Enafor: **"Se joga, Galera!"**

O Projeto da Sistematização do 5º Enafor, sem dúvida, resultou do **"Se joga, Galera!"** Durante os trabalhos, houve o cuidado de favorecer esse "jogar-se" com relações que "animassem" o diálogo, a produção coletiva de conhecimentos e ainda a vivência de princípios da Educação Popular como a reciprocidade, o respeito à diversidade e à convergência de potencialidades a um sentido comum, ou seja, "transformação e resistência", tema do nosso 5º Enafor.



ESPAÇO DA SISTEMATIZAÇÃO





a) O que sistematizar?

O processo formativo no 5º Enafor, desde sua preparação até o encerramento, com a mobilização que reuniu os dois acampamentos na "Esplanada dos Ministérios", em Brasília.

b) Por que sistematizar?

A sistematização de um grande encontro, como o 5º Enafor, garante a memória das práticas formativas para orientar a multiplicação junto àqueles e àquelas que não puderam estar presentes e também a produção de conhecimentos, incentivo e provocação de debates nas bases do MSTTR, no momento tão desafiador para a classe trabalhadora em nosso país, de resistência ao golpe de 2016. Seus produtos se tornam instrumentos pedagógicos para incentivo aos próprios sistematizadores, a outras pessoas e grupos do MSTTR na criação e acompanhamento de novas ações formativas.

c) Para que sistematizar?

Descrever e refletir sobre os momentos do Encontro, desde a preparação até a elaboração de materiais para comunicar as vivências e aprendizados construídos neste processo; compartilhar, através de imagens, depoimentos, dados e histórias, com pessoas que não tiveram a oportunidade de participar do 5º Enafor, informações sobre as estratégias de resistência e transformação presentes nas práticas do Encontro e das experiências que reuniu; contribuir para o fortalecimento de "estratégias formativas articuladas às lutas populares de resistência ao neoliberalismo e às práticas conservadoras de desmonte dos direitos conquistados pelos trabalhadores e trabalhadoras" (ENFOC, 2018) em nosso país.

d) Eixos Temáticos da sistematização

Eixo Temático 1 – Como o 5º Enafor vivenciou os princípios e métodos da Educação Popular de modo a contribuir com práticas de resistência e transformação de sujeitos?

Eixo Temático 2 – Como o 5º Enafor, enquanto espaço de Educação Popular, vivenciou os princípios e orientações do PADRSS, do PPP e da PNF?

Desdobramos os eixos temáticos em perguntas orientadoras, especialmente para favorecer as observações e registros das atividades, vivências e sentimentos propiciados pelo 5º Enafor.

e) Perguntas Orientadoras

1) Por que estou aqui, no 5º Enafor?
2) Como estou me sentindo ao chegar ao 5º Enafor?
3) O que o 5º Enafor está provocando em mim?
4) Que tipo de resistência o 5º Enafor possibilita às práticas e sujeitos que reúne?
5) Quais momentos vivenciados no 5º Enafor foram mais provocativos para mim? Por quê?
6) O que levo de resistência e transformação para atuação na minha base?

f) Como sistematizar?

Qual o jeito previsto para abordar o processo formativo no 5º Enafor, de forma a apreender o que aconteceu e os significados que as pessoas atribuíram ao que aconteceu? Quais os procedimentos seguidos e as técnicas utilizadas para construir e acessar registros sobre esse processo formativo? Como construir as narrativas, dispondo desses registros?

Essas questões foram tratadas na Segunda Oficina de Sistematização, realizada nos dias 19 e 20 de maio de 2018, também em Brasília, preparando a equipe para fazer observações, entrevistas, construir registros e se comunicar, durante a sistematização.

A Segunda Oficina procurou:

a) Integrar as equipes que deveriam seguir atuando no 5º Enafor;
b) Situar as pessoas no espaço da UnB a ser ocupado pelo Acampamento 5º Enafor Lula Livre;
c) Preparar a equipe de sistematização para o uso de técnicas de registro de informações e comunicação (Diário de Campo, Fotografias, Whatsapp e Plataforma Moodle).

Desde a primeira oficina, o pessoal saiu com muitas tarefas e muita animação: leitura de textos, conversas no Whatsapp entre os integrantes da equipe de sistematização, discussões com as coordenações sindicais para assegurar tempo para a sistematização sobre as tarefas assumidas.

Os depoimentos que seguem revelam o "clima" criado na preparação do 5º Enafor.

Encontro-me num momento muito interessante. Estamos nos últimos preparativos do Enafor 2018, uma construção coletiva com participantes de vários lugares do nosso grande Brasil (Wilma Alves de Farias).

Sabe o que é viver uma expectativa boa? O "clima" criado na preparação do 5º Enafor possibilitou isso. Perceber que temos muitas tarefas grandes pela frente, mas que, na equipe, seremos muitas cabeças e muitas mãos para dar conta delas. Já construímos o projeto que vai orientar a sistematização; agora é seguir em frente sem perder o rumo dado por esse projeto (Anajá Antônia Machado Teixeira).



CAPÍTULO 2

ENAFOR, LUGAR DE FALA, LUGAR QUE FALA



A ALEGRIA DA CHEGADA AQUECE O FRIO DO CERRADO

A alegria do reencontro foi maior que o cansaço das longas viagens de ônibus. O brilho nos olhos das pessoas é impossível de descrever. A cada chegada de um ônibus, o cansaço se manifestava nos rostos, mas bastava alguns passos em direção ao alojamento e o reencontro com pessoas de outros estados ou do mesmo estado para que o cansaço abrisse espaço para a felicidade.

Era visível a satisfação das pessoas, que falavam com emoção da energia positiva sentida e já se colocavam como pertencentes ao encontro, não apenas participantes. O acolhimento foi marcante, bem como o sentimento de partilha e de alegria, como revelaram as pessoas para a equipe **"Se Joga, Galera!"**:

Se Joga, Galera!

"Chegamos e já nos sentimos num espaço que revela nossa luta".

"Feliz, aliviado, chegamos em paz, espero grande aprendizado".

"O espaço é a cara da Rede, sem divisão, que é o que a Escola propõe".

"É um espaço de aprendizado e fortalecimento da luta. Parece a Marcha das Margaridas".











Sentimentos de pertencimento também se manifestaram em muitas pessoas ao visitarem o espaço *Caminhos da Formação* e se verem em fotos expostas. Da mesma forma, isso aconteceu ao reencontrarem amigos e amigas com quem compartilharam outros momentos da luta sindical.

O café da manhã (café com leite, pão com queijo, bolo de milho e frutas variadas) estava servido para todo mundo e não houve filas, espera ou bagunça.

Para quem nunca participou de uma atividade nacional, ocorrem medos e receios de não ter o que comer, mas tudo isso foi vencido, quando duas delegadas do encontro (MS) perceberam e falaram sobre a organização do lugar e principalmente sobre a mesa farta do café da manhã.

Em tempos de era digital, não poderia faltar uma forma colaborativa de alimentar as baterias dos celulares, afinal, esta era uma forma de, em tempo real, manter os que ficaram nos estados sabendo como estava o 5º Enafor.











Quanto ao credenciamento, as delegações foram chegando, se organizando no acampamento e, em seguida, no credenciamento, que foi dividido por região. O credenciamento iniciou nos horários informados, a maior fila era a da região Norte, mas o processo estava sendo rápido. Quase todos e todas participantes do 5º Enafor foram indicados pelos Sindicatos em relação com os secretários de formação das Federações.

No dia anterior à chegada das delegações, organizou-se um mutirão para distribuição dos materiais. Muitas pessoas ajudavam, inclusive alguns que estavam na fila. Todos os materiais foram disponibilizados em cima de uma mesa e as pessoas iam montando os kits e entregando às pessoas, garantindo, dessa forma, que nada faltasse aos participantes do 5º Enafor.

Se Joga, Galera!

"Viemos porque fazemos parte das experiências de base e por acharmos importante a troca de conhecimentos. Sentimos que será um encontro de fortalecimento das experiências".

"Por que estou aqui no 5º Enafor? Para aprender e levar conhecimento para minha base, como forma de resistência e transformação".

O Encontro contou com delegações de todo o país e ainda com a participação de companheiros/as de outros países latino-americanos como México, Venezuela e Peru. As "delegações" foram chegando, se organizando no Acampamento 5º Enafor Lula Livre.

Algumas delegações chegaram pela manhã bem cedo. A maioria das delegações dos estados veio de ônibus. Pela manhã, estava frio, para surpresa de algumas pessoas, mas elas estavam preparadas com seus agasalhos.

A delegação do DF e entorno veio de duas maneiras: os agricultores familiares do acampamento Tiradentes (onde eu moro) vieram de carro próprio, pois moram perto da UnB e ficariam na "barraca dos chás", apresentando seus produtos; os demais vieram de carona solidária, no ônibus do pessoal de Goiás (Joyce, Brasília/DF).

O Rio Grande do Sul iniciou sua organização praticamente um mês antes. A ideia da diretoria de formação foi de convidar pessoas-chaves indicadas pela formação e confirmadas pelas regionais sindicais. Foram incluídos alguns jovens que estavam vivenciando o processo de formação na Enfoc do estado, pois se percebia o potencial que esses jovens estavam alçando na formação. Para este 5º Enafor, o grupo gaúcho priorizou a juventude devido a aposta do estado nesses sujeitos. Veio gente de praticamente todas as regiões do estado (Anajá, RS).

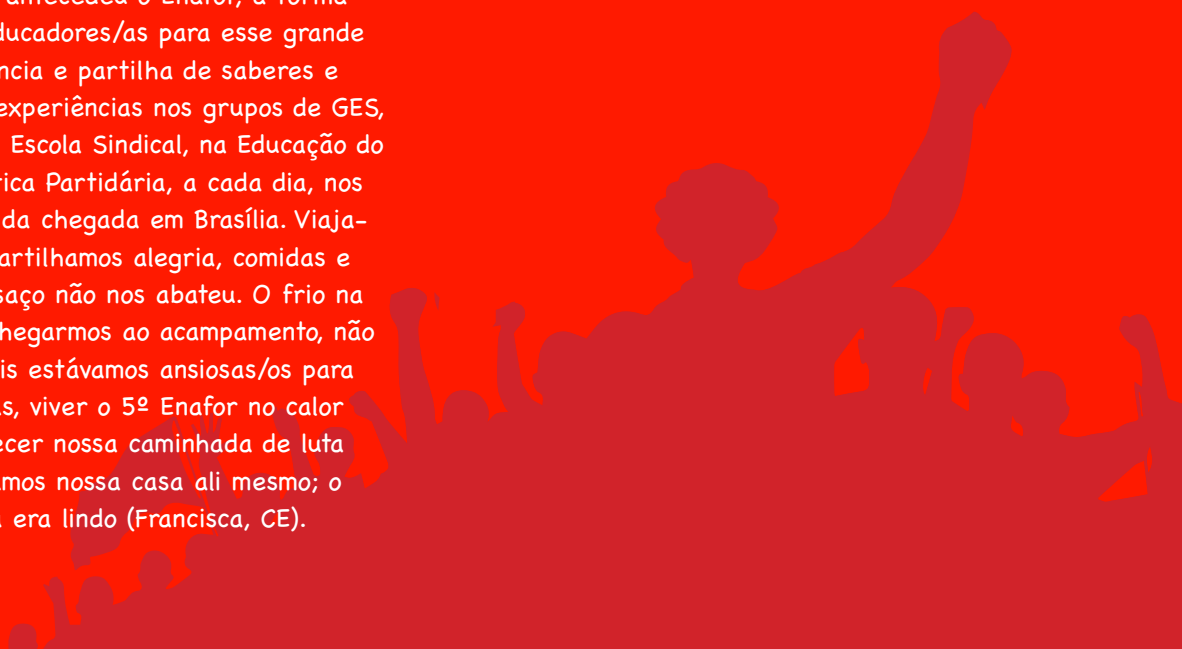
A delegação do Ceará teve uma longa preparação com ações formativas. Durante a parte do ano de 2018 que antecedeu o Enafor, a formação animou os educadores/as para esse grande momento de vivência e partilha de saberes e sabores. Nossas experiências nos grupos de GES, nas Jornadas, na Escola Sindical, na Educação do Campo e na Política Partidária, a cada dia, nos aproximava mais da chegada em Brasília. Viajamos de ônibus, partilhamos alegria, comidas e bebidas, e o cansaço não nos abateu. O frio na madrugada, ao chegarmos ao acampamento, não nos intimidou, pois estávamos ansiosas/os para encontrar pessoas, viver o 5º Enafor no calor humano e fortalecer nossa caminhada de luta formativa. Montamos nossa casa ali mesmo; o clima de partilha era lindo (Francisca, CE).

Em Pernambuco, a diretoria da FETAPE possibilitou a participação de todos os Polos Sindicais e das diversas experiências formativas do estado, considerando: jovens, mulheres, melhor idade, programa Jovem Saber, experiências de Delegacias Sindicais, GES, Educadores e Educadoras Populares. Chegamos a uma Delegação Pernambucana, com as mais variadas experiências, jeitos, cultura e todos/as com um só objetivo: partilhar, viver novas experiências, resistir e transformar (Viviane, PE).

Ao observar a chegada dos participantes e conversar com eles/as, percebemos a ansiedade ao chegarem ao primeiro Enafor a ser realizado na forma de acampamento. Para alguns e algumas, havia até mesmo "medo da desorganização do espaço e receio de passar fome". Mas "o acolhimento chamou muito a atenção, no cuidado de um com o outro, no companheirismo, na mão amiga". "Desde a madrugada, havia equipes para receber as pessoas, indicando onde elas deveriam acampar" (Anajá, RS).

Com isso, a ocupação do acampamento pelas delegações ocorreu de forma tranquila e com companheirismo. As pessoas se ajudavam e mantiveram a organização e os espaços delimitados para colchões, malas e barracas. A organização coletiva dá força para melhor desempenho dos trabalhos, era o que se observava.

O diferencial foi ter um lugar especial para os acampados/as colocarem suas redes (Anajá, RS).



O 5º ENAFOR EM NÚMEROS

Muita gente participou do 5º Enafor, mais do que os que se inscreveram na manhã do primeiro dia. O SIG – Sistema de Gerenciamento das Atividades da Enfoc/Contag (ENFOC, 2018) – nos deu as primeiras informações sobre as inscrições realizadas, que estão representadas nos quadros e na figura que seguem.

Além desse número de pessoas inscritas no SIG, foram inscritas, no momento da atividade, mais de 200 pessoas, ultrapassando um total de 1.000 participantes. Esse número ficou ainda maior quando os dois acampamentos se encontraram: o Acampamento 5º Enafor Lula Livre e o Acampamento da Reforma Agrária e Agricultura Familiar.

Sexo

Descrição	Quantidade	Percentual
Masculino	317	38,5%
Feminino	507	61,5%
Total Participantes	824	100,0%

Geração

Descrição	Quantidade	Percentual
Até 32 Anos.	256	31,1%
Acima de 32 até 55 Anos.	471	57,2%
Acima de 55 Anos.	97	11,8%
Total Participantes	824	100,0%

Cor/raça

Descrição	Quantidade	Percentual
Outra	9	1,1%
Branca	221	26,8%
Parda	437	53,0%
Indígena	10	1,2%
Amarela	6	0,7%
Preta	141	17,1%
Total Participantes	824	100,0%

Dirigentes Sindicais – Cargo ocupado atualmente no MSTTR

Descrição	Quantidade	Percentual
Coordenador(a) Regional da CONTAG	1	0,2%
Coordenador(a) Regional ou de Polo da FETAG	30	5,3%
Delegado(a) de Base	11	2,0%
Diretor(a) CONTAG	11	2,0%
Diretor(a) FETAG	71	12,7%
Diretor(a) STTR	435	77,5%
Diretor(a) Central Sindical	2	0,4%
Total Participantes	561	100,0%

Escolaridade

Descrição	Quantidade	Percentual
Ensino Fundamental Completo (completou a 8ª série)	55	6,7%
Ensino Fundamental Incompleto (completou a 4ª série)	17	2,1%
Ensino Fundamental Incompleto (cursou até a 1ª, a 2ª, a 3ª ou a 4ª série, mas não completou a 4ª série)	26	3,2%
Ensino Fundamental Incompleto (cursou até a 5ª, a 6ª, a 7ª ou a 8ª série, mas não completou a 8ª série)	48	5,8%
Ensino Médio Completo (completou o 3º ano)	347	42,1%
Ensino Médio Incompleto (cursou até o 1º, o 2ºou o 3º ano, mas não completou o 3º ano)	73	8,9%
Nunca frequentou escola	1	0,1%
Superior Completo (terminou a faculdade)	174	21,1%
Superior Incompleto (iniciou, mas não terminou a faculdade)	83	10,1%
Total Participantes	824	100,0%

Dirigente Sindical

Descrição	Quantidade	Percentual
Não	263	31,9%
Sim	561	68,1%
Total Participantes	824	100,0%

Tempo de atuação no MSTTR

Descrição	Quantidade	Percentual
Até 2 anos	23	4,1%
De 13 a 16 anos	72	12,8%
De 3 a 5 anos	122	21,7%
De 6 a 8 anos	123	21,9%
De 9 a 12 anos	104	18,5%
Mais de 16 anos	117	20,9%
Total Participantes	561	100,0%



Ilustração: Iara Lins

Observação: os gráficos foram elaborados com dados do total de inscritos no Sistema de Gerenciamento (SIG) que correspondeu a 824 pessoas. Entretanto, durante o evento, foram inscritas mais de 200 pessoas, ultrapassando o número de 1.000 participantes.

"SE É PRA IR PRA LUTA, EU VOU" [1]

A chamada para o início dos trabalhos do 5º Enafor traz à tenda central do Acampamento 5º Enafor Lula Livre palavras, sons e gestos convocando a todas e todos para se unirem em torno do eixo central do Encontro: **Educação Popular é resistir, é transformar.**

Sem paredes, sem portas e sem janelas, a grande tenda, disposta no espaço do Centro Comunitário da Universidade de Brasília – UnB, passa a acolher quem ali chega e se junta. O espaço fala. Este é "Momento de transformação, resistência e luta dos/as trabalhadores/as rurais do Brasil".

Não se vê olhar vagando. Há, sim, o gesto da busca. Em movimento, corpos diversos e até então dispersos se unem enquanto tomam seus lugares para dar abertura aos trabalhos do 5º Enafor: "Juntos/as no acampamento Lula Livre"!

Ao som dos tambores, entram em cena duas crianças de mãos dadas com suas mães, levando ao palco central do Encontro a bandeira da Contag, seguidas por jovens, mulheres e homens de idades e etnias diversas. Passos firmes, olhares destemidos, corpos fortes e belos representam as trabalhadoras e os trabalhadores rurais brasileiros. Todos e todas cantam a canção de Zé Vicente (1994) *O que vale é o amor*, ao som da viola do Tião Farinhada!

[1]VICENTE, Zé; FONTELES, Babi. O que vale é o amor. In: VICENTE, Zé; FONTELES, Babi. Álbum: **Em canto**. Gênero: Cristão/Gospel. Gravadora: Paulinas COMEP, São Paulo, 2015. CD, faixa 12.



O QUE VALE É O AMOR

Zé Vicente

Se é pra ir à luta eu vou,
se é pra tá presente eu tô,
pois na vida da gente
o que vale é o amor.

Aqui é lugar de encontro com a Educação Popular, lugar de transformação, de resistência, de emancipação, de liberdade, de sonhos, de luta, de coragem, de ousadia, de reconstruir, de revolução, de novas possibilidades... Lugar de Lula Livre!!! Boa tarde, Lula! Boa tarde, Brasil! Lula inocente! Lula presente! Não dá pra calar o Brasil quando ele quer cantar! Olê, olê, olê, olá, Lula, Lula!
(COMISSÃO DE ANIMAÇÃO)

Se Joga, Galera!

"A emoção estava visível na maior parte dos que estavam na plenária e muitos se levantaram com as bandeiras dos seus estados para homenagear Lula da Silva, aprisionado no estado do Paraná".

"O sentimento passado na mística de abertura causou impacto: ouvir a 'música' do tambor nos fez voltar às nossas raízes".

"Cantar e dançar as músicas que tocam essas pessoas é uma forma de resistência à medida que demonstram felicidade e disposição para enfrentar as dificuldades. É transformação, pois a luta do Movimento Sindical é dura, mas não pode e não deve ser embrutecida".

A abertura política do 5º Enafor reconstruiu, de forma criativa, a dinâmica dos outros quatro Encontros que o antecederam. Mesa representativa, revelando "a cara" do MSTTR: direção da Contag, representação das Federações, Secretários e Secretárias de Formação dos estados, representantes de Centrais Sindicais (Central Única dos Trabalhadores e Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), da Universidade de Brasília, parceiros – Movimentos, Organizações e Instituições Sociais brasileiras e latino-americanas como a Coordinadora de Productores Familiares del Mercosur – Coprofam e o Consejo de Educación Popular de America Latina y el Caribe – CEAAL.

Ao som do chamamento ao compromisso com a luta de resistência e com a transformação, pelo canto do refrão da música de Geraldo Vandré (1968), *Pra não dizer que não falei das flores*, as pessoas foram compondo a mesa e dando seus recados aos presentes.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Geraldo Vandré

[...]
Vem, vamos embora
que esperar não é saber,
quem sabe faz a hora,
não espera acontecer! [refrão]





Aristides Veras dos Santos – Presidente da Contag; Maria José Moraes da Costa (Mazé) – Secretária de Mulheres da Contag; Carlos Augusto Santos Silva (Guto) – Secretário de Formação da Contag; Mônica Buffon – Secretária de Jovens da Contag; Alberto Broch – Vice-Presidente e Secretário de Relações Internacionais da Contag e Presidente da Coordinadora de Productores Familiares del Mercosur – Coprofam; Thaisa Daiane Silva – Secretária Geral da Contag; Juraci Moreira Souto – Secretário de Finanças da Contag; Rosmarí Barbosa Malheiros – Secretária de Meio Ambiente da Contag; Elias D'Ângelo Borges – Secretário de Políticas Agrárias da Contag; Edjane Rodrigues Silva – Secretária de Políticas Sociais da Contag; Antoninho Rovares – Secretário de Políticas Agrícolas da Contag; Josefa Rita da Silva – Secretária da Terceira Idade da Contag; Olgamir Amância – Diretora de Extensão da Universidade de Brasília; Carmen Foro – Vice-Presidenta da Central Única dos Trabalhadores – CUT; Robson Câmara – Secretário de Formação da Central dos Trabalhadores e das Trabalhadoras do Brasil (CTB); Rosa Elza Zuñiga López – Representante do Consejo de Educación Popular de America Latina y el Caribe – CEAAL; Wilder Sánchez – Representante da Coprofam.

Evilângela de Abreu da Silva Paiva – Secretária de Formação da Fetacre; Leonardo Correia dos Santos – Secretário de Formação da Fetag-AL; Ivanildo Rodrigues da Fonseca – Secretário de Formação da Fettagrap; Sergio Paulo Roque de Almeida – Secretário de Formação da Fetagri-AM; Vania Marques Pinto – Secretária de Formação da Fetag-BA; Fabiana Deluca – Secretária de Formação da Fetaes; Sandra Pereira de Farias – Secretária de Formação da Fetaeg; Jose Chateobrian Costa Rego – Secretário de Formação da Fetaema; Ângela Maria Costa Moraes Tokumitsu – Secretária de Formação da Fetagri-PA; Adelson Freitas Araújo – Secretário de Formação da Fetape; Maria José Ribeiro de Sousa – Secretária de Formação da Fetag-PI; Oto dos Santos – Secretário de Formação da Fetag-RJ; Francisco de Assis Araújo – Secretário de Formação da Fetarn; Lérida Matilde Pivoto Pavanelo – Secretária de Formação da Fetag-RS; Francisco das Chagas Barbosa – Secretário de Formação da Fetag-RR; Lucivânio de Aragão – Secretário de Formação da Fetase e Milena Magalhães Camelo – Secretaria de Jovens Trabalhadores Rurais da Fetraece.

O Hino Nacional Brasileiro é tocado e cantado sob diferentes ritmos, manifestando a diversidade de nossa cultura. **Resistir, transformar!!!** E as falas de boas-vindas convidam à coragem e ao compromisso.

- **Aristides Veras dos Santos – Presidente da Contag**

  Ao cumprimentar todos e todas, faço um agradecimento especial à UnB, pela parceria na realização deste Encontro. O Acampamento 5º Enafor Lula Livre resulta da construção desde a base do MSTTR, o que garantiu essa forma e esse lugar, pois na Contag vale a democracia!

  Junto ao Acampamento em Defesa da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar, na Esplanada dos Ministérios, o 5º Enafor reforça seu caráter formativo e de luta pela democracia e por nossos direitos. Estamos aqui para construir consciência e dar uma mensagem: prenderam Lula, mas não nossos sonhos! A eleição deste ano é como uma revolução frente à tentativa de legitimar o golpe. Vamos derrotá-los nas ruas e nas urnas! Vamos à luta!

- **Mazé Moraes – Secretária de Mulheres da Contag**

  A Enfoc é resultado da força das mulheres. O 5º Enafor se realiza em momento de golpe contra a democracia, retrocesso de direitos, avanço do conservadorismo; estamos vivendo o corte e o desmonte das políticas públicas para a agricultura familiar. Apropriam-se de nossas terras, criminalizam nossas lutas e nossas lideranças. Este é para nós um momento muito importante, pois afeta (ainda mais!) a vida das mulheres, com o aumento da violência, do racismo, do machismo, do conservadorismo; temos muitos desafios pela frente. Temos que ler a conjuntura e construir caminhos coletivos de formação de base para mudar o país e dar outra cara a ele. Este é um lugar feito em rodas e em rede, com base em fazeres e saberes de todo o Brasil. Juntos e juntas a gente é mais forte.

- **Vânia Marques representando os/as Secretários/as de Formação e Organização Sindical**

  Para nós é importante ocupar esse espaço da educação formal, na luta pela Educação do Campo, pela Educação Popular. É um desafio falar em nome de todas/os secretárias/os de formação do MSTTR, pois somos e temos pensamentos distintos. No entanto, depois de gran-

de debate, concordamos que este precisava ser um grande encontro, frente a um contexto tão desafiador. Parabéns à Contag por aceitar a proposição de fazermos esse encontro aqui, nesse formato de acampamento, acolhendo toda esta gente.

Parabéns também pelo acampamento em defesa da Reforma Agrária. Temos que falar de formação e da terra como espaços de luta. Cumprimento às assalariadas e assalariados rurais. Também ao coletivo que se propôs a construir este acampamento. Temos que construir estratégias para mudar a conjuntura com os diversos movimentos. Nós, da classe trabalhadora, podemos, pela Educação Popular.

- **Carlos Augusto (Guto) – Secretário de Formação e Organização da Contag**

  É uma satisfação ter todas/os vocês aqui. Nosso 5º Enafor foi construído a várias mãos! Foram os Secretários/as de Formação e a Rede de Educadores/as que construíram de fato este Enafor.

  Obrigado à UnB por esse espaço. Queremos a universidade pública para todos e todas. Um governo democrático e popular deve valorizar universidade pública como lugar de construção de conhecimento coletivo. Estamos juntos na luta contra esse desmonte da educação e da universidade pública, sendo solidários/as aos/às estudantes, servidores/as e professores/as.

  A partir da diversidade, temos que construir unidade frente ao golpismo. Vamos construir solidariedade internacional contra países ricos que utilizam instrumentos de dominação para nos explorar, na América Latina. Da nossa integração, pode brotar um projeto de resistência aos países ricos. Vamos retomar o debate sobre a luta de classes no país para construir nossas estratégias sindicais e dar continuidade à formação para a agricultura familiar.



Juntamos aqui o Acampamento da Reforma Agrária e Política Agrícola para fazer Educação Popular. O conjunto de temas que vamos discutir vai reformular nossa estratégia de formação para novo ciclo de embate que estamos enfrentando neste estado de golpe. Vamos debater Reforma Agrária, pois, sem ela, não há alimento para o povo brasileiro, não há desenvolvimento. Vamos debater sobre água, agroecologia, sobre a contribuição da agricultura familiar que visa a nossa sustentabilidade econômica, social e política. Falaremos também sobre Educação Popular e Educação do Campo, instrumentos necessários para dinamizar os conhecimentos que nossa base tem, e juntá-los com o que a universidade vem produzindo sobre a sustentação de nossa Enfoc, tendo como protagonistas mulheres, jovens, indígenas, agricultores, extrativistas. **Educação Popular é resistir, é transformar!**

- **Rosa Elza Zuñiga – Secretária Geral do CEAAL**

  O CEAAL agrega, hoje, 21 países da América Latina e Caribe, priorizando a formação política para lutar contra as opressões, contra o sistema capitalista. O golpe no Brasil é um golpe contra todos nós. O CEAAL precisa estar presente pensando, com vocês, alternativas e estratégias à atual conjuntura, Enfoc e CEAAL de mãos dadas, como diz a canção *Hermano, dame tu mano* (JOSÉ SANCHEZ; LUIS SOSA, 1973).



HERMANO, DAME TU MANO

Mercedes Sosa (intérprete)

Hermano, dame tu mano,
vamos juntos a buscar
una cosa pequenita
que se llama libertad.

SÓ SAI REFORMA AGRÁRIA

Gérson (intérprete)

Só, só, sai Reforma Agrária
Só, só, sai, só sai Reforma Agrária
Com a aliança camponesa e operária.

Wilder Sanchez/Coprofam/Peru

O crescimento de nossas potencialidades, com a formação, é necessário frente ao contexto em que vivemos. A solidariedade entre nós dá-nos força para que possamos defender a agricultura familiar campesina, desde as comunidades: formas de pensar, produzir, comer, atuar.

NÃO VOU SAIR DO CAMPO

Gilvan Santos

Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola.

Se Joga, Galera!

O que mais me impactou? O reconhecimento de que a atual conjuntura, marcada por ataques aos trabalhadores, precisa dialogar com os processos formativos.

A trajetória do Movimento, o amor pelas pessoas que se deram por nossos trabalhadores, é isso que resiste.

A nossa luta é necessária. Este momento de debate político provoca transformações. Faz a gente perceber que não estamos sozinhos, nos faz refletir sobre a nossa atuação de base.



COMPREENDER É PRECISO

Os conteúdos temáticos do 5º Enafor foram trabalhados de forma densa nos quatro painéis que desdobraram o eixo **Resistir**, **Transformar**. Os painéis aconteceram em quatro momentos e deles participaram professores/as de universidades, dirigentes sindicais e de organizações e movimentos sociais.



GOLPE DE 2016 E AS IMPLICAÇÕES PARA A CLASSE TRABALHADORA E PARA A DEMOCRACIA

Sob a coordenação de Aristides Veras, desenrolou-se o primeiro painel que tratou do eixo articulador *Golpe/2016 e as implicações para a classe trabalhadora e para a democracia*. Os trabalhos iniciaram-se com a fala do professor da UnB Luiz Felipe Miguel. Dando seguimento ao tema, falou a professora Olgamir Amância, Decana de Extensão da UnB.

Abordou-se o processo que desencadeou o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016, retrocessos e perda de direitos que têm afetado a classe trabalhadora e a democracia brasileira. Foram discutidos também quais os desafios e agendas políticas para o futuro.

Prof. Luiz Felipe Miguel

Obrigado pelo convite e parabéns à Contag pela organização deste encontro.

Temos que ter clareza do que aconteceu em 2016, no Brasil. Foi golpe, sim, uma quebra das regras do jogo político. Dilma foi retirada sem justificativa. Foi usado o impeachment para a realização de um golpe, não foi só a substituição de quem estava no comando. O golpe está em processo, caminha na direção da destruição das conquistas do povo. É retração dos direitos, das políticas sociais.

A aprovação da reforma trabalhista levou ao fim a legislação de proteção e de direitos dos trabalhadores com o aumento do trabalho precário, aumento do desemprego e diminuição da renda. O que vemos é a luta entre capitalistas e trabalhadores, com o avanço do capital sobre as conquistas e direitos do povo.

O Estado brasileiro deixa de ter políticas sociais, está destruindo a educação, a ciência, a tecnologia e, na economia, há a desnacionalização.

Quem está no poder não negocia, não discute, nem quer convencer, apenas impõe medidas e retrocessos. Isso só é possível com a destruição da democracia e das liberdades, pois as propostas que apontavam para essas medidas foram sempre derrotadas nas urnas. Tínhamos democracia, que não era a que realmente queríamos, mas havia momentos em que a vontade popular podia se expressar.

Quanto à eleição em 2018, que eleição é essa em que o povo não pode eleger seu candidato predileto? Lula foi preso sem provas. Caso a eleição ocorra viciada pela ausência de Lula, não haverá recomposição da democracia no Brasil.

A primeira tarefa, hoje, é ampliar a mobilização e orientar a indignação do povo para pressionar, para reverter as medidas autoritárias. Sem pressão da maioria do povo brasileiro, não temos como retomar o caminho da democracia. Todos os que defendem a democracia precisam estar juntos.

O regime, após a ditadura de 1964, com sistema eleitoral, com liberdades civis, com as conquistas asseguradas na Constituição de 1988, não foi o ideal e nem tudo foi implementado. A Reforma Agrária nunca foi o que precisava ser, como também o direito à moradia, mas conquistamos a possibilidade de lutar por um Brasil melhor, com liberdade, em condições de busca por qualidade de vida. Quando trabalhadores sem teto ocupam prédios abandonados, eles podem mostrar na Constituição o direito à moradia. Tivemos vitórias.

O golpe de 2016 tenta destruir a possibilidade da luta popular: amplia a repressão, a polícia volta a bater, há o aumento de assassinatos de lideranças de trabalhadores. Marielle foi executada de forma bárbara, e ela não foi a única, a repressão tem se agravado depois do golpe. Vivemos um momento de regressão das liberdades, querem emparedar os movimentos populares e isso não pode continuar. Mais de 90% do povo rechaçam esse governo. Com isso, a única forma de ele se manter é pela repressão da insatisfação política.

Os Movimentos sofrem ataque forte pela instrumentalização do Estado e por um poder judiciário utilizado para impedir as lutas e uma educação crítica. A comunicação – rádio, TV – vêm criminalizando movimentos sociais, afirmando que eles impedem a sociedade de viver com tranquilidade. As lutas são apresentadas como desordem, as reivindicações como baderna. E o pior são as formas de exploração e opressão.

Nós, do campo popular, temos que reafirmar nosso direito de existir, de expressar nossas ideias e reivindicações; de não consentir que o judiciário persiga posições políticas, impedindo o diálogo, o debate, a conversa. Queremos um processo eleitoral limpo e livre! Sem liberdade de Lula, não podemos restaurar a democracia no Brasil, avançar em nossas pautas. Vamos lutar por democracia e por uma sociedade menos injusta, com a força do argumento em defesa dos nossos sonhos!

Professora Olgamir Amância

Meus cumprimentos a todos os participantes do Encontro.

A educação tem sido historicamente usada pelas elites para manter o poder nas mãos de poucos. Contudo pode ser instrumento de dominação ou de transformação.

O 5º Enafor sabe da importância da educação para transformar; das conquistas da Constituição cidadã de 1988, quando conseguimos muito, mas queríamos mais. Demos passos alargados e conseguimos direitos que agora estão sendo retirados: a educação como direito, direito subjetivo, algo que não pode ser a ninguém negado. Todos e todas devem ter acesso: rural, urbano, preto, branco, criança, jovem.

Isso permitiu que, com os governos democráticos, tivéssemos a ampliação das matrículas, a criação de escolas, de universidades e institutos federais de educação que foram espalhados por todo o Brasil; o aumento de vagas, antes tão restrito. Na educação básica e infantil, houve também

o acesso à escola para todos/as. Antes, classe popular não tinha acesso à creche, à pré-escola. Hoje, filhos de trabalhadores estão nas universidades, cujo acesso ocorre de forma mais democrática.

Ter acesso ao conhecimento mexe com valores da classe dominante e a coloca em risco, é considerado ameaça. Vimos agora medidas de retirada de direitos, retirada de recursos, estrangulamento das universidades. Como ter educação de qualidade sem recursos?

São adotadas, similarmente, medidas sobre a concepção de educação, adotando um modelo que pretende perpetuar a educação que reproduz conteúdo, retirando disciplinas que desenvolvem o pensamento crítico, áreas do conhecimento que favorecem a formação integral.

Não é à toa que a disciplina proposta pelo professor Miguel (sobre o golpe de 2016) foi perseguida, gerou grande crise tentando o seu impedimento. Não querem que pensemos e reflitamos.

Estamos aqui para nos interrogar sobre o que está acontecendo. Não podemos concordar que um país tão rico possa conviver com profundas desigualdades sociais, estamos voltando a ter miséria. Isso não é natural. Há um ataque à educação, porque ela é fundamental para transformar a realidade.

"Por que empresas estão sendo entregues para o capital internacional, como se isso fosse para o interesse do povo?" Se tivermos espaços de diálogo na educação, entenderemos o que está por trás disso tudo.

Escola sem partido é uma perspectiva que procura dizer que estamos fazendo política partidária, o que não é verdade. Querem escola de um único partido, de uma única visão. Escola sem partido é escola da não liberdade, da não autonomia, de só uma visão de mundo. Isto permite tornar natural as desigualdades, a exploração, a dominação.

Queremos o contrário, queremos espaço para confrontar visões. Que vocês, com a sua visão (visão do campo, do meio rural), possam questionar o que está sendo colocado pelo elemento urbano.

Queremos a formação de sujeitos, não a reprodução, não estas medidas restritivas em nome da democracia. Escola sem partido é uma escola amordaçada. Vocês sabem o que foi a conquista da Educação do Campo, que oportunizou o ingresso dos quilombolas na universidade. E agora, vocês têm clareza do impacto de uma emenda como a que estabelece o congelamento de recursos para a educação? É considerar que educação e sociedade estarão estagnadas.

Nessa semana teremos a Conferência Nacional Popular de Educação – CONAPE, espaço de resistência, de grande importância! Como pensar educação democrática sem os espaços das conferências? Teremos que lutar por uma educação emancipatória como forma de resistência!

CONSIDERAÇÕES

Após as exposições, os participantes do 5º Enafor reforçaram a importância do tema *Golpe/2016 e as suas implicações para a classe trabalhadora e para a democracia* e apontaram para os desafios a serem enfrentados nas eleições de 2018, no sentido de constituir um congresso que defenda o projeto político da classe trabalhadora, levando em conta que são os agricultores/as familiares que alimentam o país e também a necessidade de acabar com preconceitos como o dirigido à Dilma por ser ela mulher, presidente do país. Reconheceram o acerto da escolha do espaço da universidade para acontecer o 5º Enafor, pois necessitamos continuar na resistência, na defesa da educação que queremos – atualmente passando por um desmonte em todos os níveis – e do acesso da população trabalhadora à educação que já começa a ser dificultado. Temos que tomar posse do nosso trabalho, da nossa força, dos nossos conhecimentos, honrar a bandeira da Educação Popular e levá-la à base.

Para Luiz Felipe, é muito importante saber que no Brasil temos uma classe dominante que tem alergia à igualdade e não quer a redução da desigualdade. Tivemos política para mais acesso à educação, pelo fim da fome. Ainda temos aqueles que sempre ocuparam a universidade, mas veem, como ameaça, a democratização do acesso a ela. É preciso estar nas universidades e não deixar que nos afastem. Querem reforçar a discriminação, as desigualdades.

O golpe mostra que tem, sim, preconceito com Dilma, por ela ser mulher. Antes tivemos tentativas de derrubada de Lula com difamação, especialmente nos períodos eleitorais. A campanha de 2014 foi a mais agressiva: Lava Jato, TV Globo, jornais e, ainda assim, Dilma se elegeu. Como não conseguiram nas urnas, deram o golpe.

Temos mostrado pouca capacidade de mobilização, porque um grande erro dos governos populares foi a falta da educação política. É necessário eleger pessoas melhores, sim, mas temos que segurar nas ruas, nas mobilizações!

Para Olgamir, a privatização da educação não se dá só quando as instituições passam para o setor privado, mas também acontece quando passam a descredenciar, fragilizar, sucatear a escola pública, pela retirada de recursos e não implementação das metas dos Planos de Educação.

Tínhamos a decisão de colocar recursos do pré-sal na educação, mas retiraram isso. Nas experiências que vivemos (governos Lula e Dilma), garantimos muitas conquis-

tas e direitos à vida, a morar com dignidade, mas não foi feita a disputa ideológica. Ocupamos espaços de governo, mas não nos atentamos à disputa de classes. Quando não disputamos no campo das ideias, perdemos as pessoas que estão desacreditadas da política. Abrimos vaga para os ideais das classes dominantes. Não podemos perder de vista que vivemos em uma sociedade de classe.

Como resistir? Estamos resistindo de diferentes formas. É preciso cuidar do que conquistamos. Mesmo com cortes, estamos tentando não reduzir ensino, pesquisa e extensão. Temos que enfrentar contradições que, de fora, passam para dentro da universidade: machismo, racismo, homofobia, e que são danosas à nossa convivência. Nosso papel é fazer o debate, a arma que temos é o da disputa das ideias, não o da naturalização dos preconceitos.

Foi criado na UnB o Conselho dos Direitos Humanos – por uma UnB mais Humana, reconhecendo que ainda convivemos com discrepâncias, enfrentando tudo que é prejudicial à implantação de um convívio democrático. O Fórum Nacional de Educação era um espaço construído dos movimentos sociais. Quem estava dentro? Entidades vinculadas a essa luta, garantia da Lei de Diretrizes Básicas e do Plano Nacional de Educação. No governo Dilma, foi colocado como órgão de Estado para fortalecer o Movimento e controle social das políticas educacionais.

O governo não democrático alterou a composição do Fórum, favorecendo setores empresariais da educação, inviabilizando nossas prioridades. Quiseram impedir que acompanhássemos a implementação da educação, acabando com o espaço de participação e controle social. Mas somos vitoriosos porque conseguimos fortalecer o movimento popular de educação. Vivemos um momento de resistência. De lutar pela educação desde os nossos municípios, para atingir pela base as metas do Plano Nacional de Educação.

Encerramos essas considerações com as palavras de Olgamir:

"Não é favor receber vocês no espaço da UnB. A universidade é pública, é direito de vocês estarem aqui. E isso incomoda: ver preto, pobre, mulher, periférico na universidade!"

Se Joga, Galera!

"O que mais me impactou? A percepção e a análise do golpe de maneira geral. Não foi um golpe na Dilma, mas no Brasil, e principalmente na classe trabalhadora. Desde então temos sofrido as consequências todos os dias."

"Os momentos de debate sobre o golpe me deixaram emocionada, porque a gente só vê isso pela televisão e aqui todo mundo quer o Lula Livre, e isso fortalece a nossa ação na base."

"A indignação do golpe ter sido em uma mulher, Dilma."
"O que me apresentou de caminhos para a resistência e transformação? União da sociedade civil e formação dos militantes e lideranças para continuar na resistência".

"O diálogo claro que a UNB tem com os movimentos sociais, a busca por sujeitos mais pensantes e a reafirmação de que a universidade é nossa".



Uma grande ciranda marcou a instalação da Feira de Saberes e Sabores ao redor da tenda principal do Centro Comunitário da UnB. Os participantes do 5º Enafor, passando por cada barraca da feira, visitaram a Feira de Saberes e Sabores, na qual se encontrava exposta uma grande variedade de objetos e produtos representando a diversidade natural, cultural e social dos principais biomas que dão vida ao nosso país. O clima de entusiasmo e alegria foi estimulado pela canção *Cheguei, meu povo*, composta pelo Mestre Walter França, do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife, adaptada para o momento por Merrém e Claudia Rejane:

CHEGUEI, MEU POVO

Cheguei meu povo
Cheguei pra partilhar
O tema do Enafor
É resistir e transformar.

Bora, bora minha gente
A feira vai começar
Com direito à poesia
E à cultura popular.

O Brasil tem seis Biomas
Que a própria natureza
Que nos dá a vida
E alimenta a nossa mesa.

A Mata Atlântica é da gente
Sem ela a Vida não há
É preciso resistência
Pra ninguém mais desmatar.

Pantanal tem muita água
É preciso conservar
Evitar poluição
Pra não mais contaminar.

Na Caatinga há resistência
Por água de qualidade
Pra população viver
Com muita dignidade.

A beleza do Cerrado
Nos deixa muito feliz
Aqui está o nosso povo
Orgulho deste país.

O Pampa é bem bonito
Na nossa mãe natureza
Deixa a gente empolgado
Tão grande a sua beleza.



Se Joga, Galera!

"A feira foi instalada, estava organizada e bonita, havia uma intensa circulação de pessoas e muita animação".

"Na feira era visível a colaboração entre eles, pois auxiliavam uns aos outros, não havia competição de venda, mas de demonstração das coisas dos seus estados, da sua cultura. Eu presenciei um fato bem legal: uma banca estava vazia e as pessoas do lado começaram a tentar explicar o que era e de onde era, pois eles haviam prestado atenção no que eles falavam, e assim, quando o pessoal do Estado daquela banca chegou, foi uma festa".

CAMPO, SUJEITO E IDENTIDADES

Do lado, um grupo se organizava para dar início à mística que abordou as diversas formas de preconceito que enfrentamos socialmente e afeta cada sujeito: homofobia, lesbofobia, racismo, reações contra etnias, geração, gênero.

Ao som da música *De toda cor*, de Renato Luciano (2017), casais homoafetivos, negras/os, mulheres, índias/os, quilombolas, crianças, idosas/os, jovens, de diferentes regiões do país caminharam em direção ao local central da tenda onde se organizavam as intervenções do 5º Enafor.

DE TODA COR

Renato Luciano

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita como eu sou.



"Me aceita como eu sou!" Se você não me aceita como eu sou, você precisa curar seu preconceito!

A cada afirmação dessa, o plenário reagia com entusiasmo e palmas. É fundamental resistir, lutar pela transformação coletiva entre quem sofre preconceitos e quem reconhece a existência deles, até em si mesmo. Lutar pela superação de práticas diversas de preconceito.

A mística convocou, assim, a celebração da possibilidade de transformação das relações sociais entre os homens e as mulheres do campo. Trouxe muito forte a questão da identidade, nos levando à reflexão sobre o que pensamos a respeito "do outro", do diferente, e "de mim": *"Me aceita como eu sou!" Se você não me aceita como eu sou, você precisa curar o seu preconceito.*

Assim foi criado "o clima" para que fosse iniciado o segundo painel temático do 5º Enafor, *Campo, Sujeito e Identidades*, coordenado por Juraci Souto – Secretário de Administração e Finanças da Contag, e tendo como palestrantes Socorro Silva (professora da Universidade Federal de Campina Grande, colaboradora da Enfoc) e Lázaro Dobri (deputado estadual do PT/RO, ex-presidente da Fetag/RO).

O desenvolvimento do tema foi orientado pelo objetivo de compreender o campo em sua diversidade característica das trajetórias de ocupação territorial e da construção de identidades étnico-raciais, de gênero e geração, tendo como elementos norteadores as diferentes formas organizativas e produtivas e as relações com os bens comuns naturais.

Professora Socorro Silva

A professora inicia sua fala com o *Poema 3*, de Carlos Pronzato (1996), escritor/cineasta argentino.



POEMA 3

Carlos Pronzato

Quem te dará a terra se não fores tu?
Quem te dará
A terra
Se não forem
Tuas mãos?
Quem te dará
A terra
Se não forem
Teus braços?
Quem te dará
A terra
Se não fores tu
Trabalhador do campo
Que semeias
Com suor
E sangue
O silêncio
Que geme na terra
O teu canto?
Quem?

Agradece à UnB – universidade que abrigou-a por cerca de 10 anos, na luta pela Educação do Campo – por acolher este Encontro que acontece reconhecendo as necessidades de formação da base do MSTTR e é tão bem conduzido pela Enfoc, por sua Rede de Educadores e Educadoras Populares e secretários/as de formação das Federações que dão sustentação à Contag. Destaca o papel simbólico dos acampamentos que demonstram como estamos resistindo – não só pela pessoa do Lula, mas por um projeto e por seu significado neste cenário de perdas na história do país.

O lema do Encontro **Educação Popular é resistir, é transformar** tem significado imenso, porque a Educação Popular foi o celeiro a fomentar condições ao sujeito para emancipar-se, tornar-se crítico, não se submeter a uma estrutura e a processos de dominação.

Para começar, vamos nos perguntar, disse Socorro:
Depois de tantos séculos de dominação e repressão, quem estabelece o que é o desenvolvimento na nossa sociedade? De que lugar esses donos da "verdade" se situavam e se situam? Com que intenção política essas "verdades" foram criadas? Que instituições ainda reproduzem essas "verdades"? Por que, depois de cinco séculos de resistência e luta pela terra, ainda não tivemos Reforma Agrária?

A desterritorialização do Campo foi se constituindo a partir de uma lógica colonialista, afirmada por uma "verdade" da concentração da terra, do patriarcado, do racismo, que foi entrando nas mentes e corações da nossa população. A colonização estabeleceu um padrão de espoliação do trabalho e da natureza. Os povos indígenas são os primeiros a sofrer esse processo; depois os negros que foram escravizados com intensa violência. Como eles e elas se constituem e vivem despossuídos da terra, invadidos em sua cultura? Como sujeitos campesinos, que têm resistido, foram se construindo nestas relações? Que identidades foram fomentadas?

Temos cinco séculos de luta pela terra e de resistência ao colonialismo. Ao longo do tempo, os sujeitos campesinos foram personagens de uma construção histórica tensionada entre espoliação/opressão e resistência; de uma luta por libertação, que constitui suas identidades sociais. **A resistência é marca do povo campesino, e vem acontecendo sob diferentes formas ao longo da história. A relação com a terra, a água, a floresta, a luta e a organização foram diversificando os sujeitos campesinos, em sua forma de produzir e reproduzir a vida.**

Mesmo com o fim do colonialismo, a concentração da terra, das riquezas, do poder, do saber, da natureza mantém uma lógica de opressão, de exploração, de desterritorialização do nosso povo, que caracteriza uma forma de colonialidade. Esta forma de dominação reordena o capital agrário mercantil da colônia, a atual combinação do capital transnacional, associado ao agronegócio e ao capital financeiro. O latifúndio veste a roupa moderna e tecnológica do agronegócio e usa estratégias de convencimento da sociedade e de integração da agricultura a uma lógica empresarial.

O social desenvolvimentismo, vivenciado nos últimos anos, estava incomodando esses grupos que investiram em realizar o golpe de 2016, dando-lhe uma fisionomia neoconservadora. O tripé da opressão da formação social brasileira se fortalece: dominação de classe, patriarcado e racismo. Há perda de direitos sociais, desqualificação das lideranças que vêm da classe trabalhadora, criminalização dos movimentos sociais, violência contra as mulheres e comunidade LGBT.

Por isso, discutir projeto de sociedade passa necessariamente por falar sobre sujeitos e identidades. Qual o projeto de sociedade e de campo que nós temos? Quem são os sujeitos desse projeto? O que aprendemos com nossa resistência e lutas ao longo desses séculos?

Vamos refletir sobre as diferentes dimensões da identidade presentes em nosso povo, em nossas organizações, em nossa sociedade:
Identidade legitimadora: reforça os valores e atitudes de colonialidade, da dominação, da acomodação, leva os sujeitos campesinos a pensarem conforme a narrativa hegemônica;
Identidade de resistência: é a dos sujeitos que se organizam na luta, para se contrapor à opressão, para resistir à dominação. Mas isso não é suficiente.
Identidade de projeto: leva a perguntar: qual a sociedade que queremos construir? Qual o projeto de Campo dentro dessa sociedade? O desenvolvimento sustentável responde a essa necessidade? O que outros sujeitos do Campo da América Latina têm discutido sobre isso? Como dialogamos com eles?

Nesse cenário de acirramento da luta de classe, não é hora de fortalecer nosso projeto? Esse projeto que estamos vivendo hoje é fascista, é neoconservador. Traz desafios para construirmos o nosso projeto. Avançamos em identidade de resistência, mas ainda não de projeto.

O debate de Projeto de Sociedade precisa ser articulado com questões conjunturais, e neste momento temos retrocesso nos direitos sociais e na democracia, por isso, as eleições se apresentam como uma ação política importante para unificar o campo popular.

Todavia temos dificuldades nisso: ainda tem gente que tem dúvida se defende Lula Livre. Não percebem que, mais que defender uma pessoa, esta palavra de ordem significa defender o direito à democracia; defender uma sociedade que assegure os direitos das mulheres, das crianças, dos jovens, dos negros/as, dos/as LGBT, enfim, da classe trabalhadora do campo e da cidade que têm direito à vida, à terra, às aguas, à soberania alimentar, às florestas, a uma Educação do Campo, e a frequentar uma Universidade Pública.

- **Lázaro Dobri (Lazinho)**

Lazinho diz ser importante estar sempre ligado ao Movimento – "que nos colocou no espaço político, como Deputado Estadual em Rondônia" – depois de 30 anos de militância sindical. E continua:

O espaço do parlamento é, para nós, continuidade do espaço de militância sindical, uma sequência da luta dos/as trabalhadores/as. A construção do projeto do nosso mandato e a sua condução depende dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Rondônia. Formou-se um coletivo para fazer este projeto funcionar.

Vivemos um momento difícil, de discriminação. Estamos frente à construção da escola sem partido; querem impedir a escola de ensinar, de falar em política. A mídia mostra que todo partido é bandido. Não vamos aceitar isto.

Espaço de discutir política é na família. Temos feito isso? Espaço de discutir política é também dentro das igrejas, nos sindicatos. Foi a partir das Comunidades Eclesiais de Base que muitos movimentos sociais se constituíram ou se fortaleceram. Como pensar um sindicato apartidário? A Fiesp é? A Confederação dos Ruralistas, a CNA é apartidária? A bancada ruralista vem de onde? Os representantes das indústrias vêm de onde? Por que só quem é representante sindical não pode falar em política?

Somos, no Brasil, 4.000 sindicatos e 27 federações. Em quais estados temos deputados estaduais? Onde temos deputados federais orgânicos?

Em quantos municípios temos vereadores/as? Temos que ganhar os corações, mas também eleições para defender as políticas sociais, Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, ocupar espaços da política.

No STTR que não quer discutir política, tem que tirar quem está lá e botar outro. Nosso projeto é político. **Temos que discutir nosso projeto em nosso espaço de construção da política e nos espaços de representação.** Se apoiamos a direita, como fazer Reforma Agrária, ter políticas para a agricultura familiar, respeito às nossas diferenças?

Em Rondônia temos 40 STTRs, é um estado pequeno. Em 1998, começamos a discutir processo político, colocamos Anselmo em 2002, que foi reeleito deputado federal e depois foi para a Secretaria de Estado da Agricultura. Mudou alguma coisa para nós? Mudou. Foi o primeiro estado a ter habitação rural, por ter lá o Anselmo. Temos quase 100% de energia no meio rural. No debate da mudança do código florestal, colocamos nosso posicionamento. Uma andorinha faz verão, sim; faz lei, altera lei. Nossa pauta na Assembleia Legislativa é a pauta do Grito da Terra.

A Enfoc nos dá capacidade para o debate. Por estarmos nesse lugar, temos mais condições que "eles".

Temos que mudar essa estrutura eleitoral. Já passamos por momentos difíceis, na morte de Getúlio Vargas, no golpe de 64 (quando João Goulart foi acusado de comunista), na eleição de 65, que não chegou a acontecer (na ocasião, inventaram um apartamento para Juscelino, como estão fazendo com o Lula).

Temos que defender e lutar por quem queremos eleger e estar abertos para discutir um projeto coletivo. Ter claro que ninguém é dono de mandato.

Cláudia e Conceição, vereadoras em Ibiapina e Apuiarés, no Ceará, apresentaram depoimentos sobre seus mandatos, e destacaram a importância de as mulheres concorrerem às eleições, ocupando espaços que ainda hoje são de predominância masculina. Falaram das dificuldades que encontram na atuação política, por serem mulheres, e citaram o impeachment da presidenta Dilma como exemplo de profunda discriminação.

Referiram-se à importância da formação obtida na Enfoc e na militância sindical, quando acumularam aprendizados, capacitando-se para o embate político.

Elvino Bohn Gass, Deputado Federal, RS, esteve presente no 5° Enafor, dando seu recado:
Quando a classe trabalhadora começa a fazer política criminalizam a sua palavra. Jovens não gostam de política? Mentira. Não gostam é de politicagem. Há que separar boa política de politicagem. O latifúndio, a bala, os fundamentalistas têm as bancadas deles. O debate deles não é ideológico. Além disso, são patrocinados pelas empresas que vendem veneno.

Nossa ideologia é fazer um povo mais feliz, pelo desenvolvimento sustentável. Nós fazemos política, sim!

CONSIDERAÇÕES

Os debates priorizaram o tema das eleições. Destacaram as experiências e a necessidade de o Movimento participar do processo eleitoral e eleger representantes em todos os níveis, em todos os estados. Nosso projeto político é ideológico, sim! É importante discutir política no Sindicato, nas Federações e reafirmar a Enfoc como espaço estratégico de buscar a formação desde a base e de construção de um projeto de sociedade.

A esquerda precisa estar unida para um projeto comum e, hoje, a defesa de Lula é uma luta comum. Existe a bancada da bala, do agronegócio, evangélica, do capitalismo. Cadê a bancada da agricultura familiar? Que estratégias adotar para ter êxito nas candidaturas? Temos, ainda, agricultor/a familiar que não quer votar em nossos candidatos. A discriminação vem também de dentro do Movimento Sindical, especialmente quando nos dispomos a construir a política sendo mulheres.

Só Lula não adianta, pode acontecer outro golpe. Temos que eleger nossos candidatos, para ter um congresso diferente do atual, fazer formação, debater em defesa dos nossos mandatos. A atuação nos GES é fundamental para fortalecer experiências de base e formação política. É um desafio trabalhar a consciência política do/a agricultor/a para que aceite formação, escola sindical, participação dos/as jovens, das mulheres. A Enfoc tem papel importante dentro dessa luta.

Não podemos isolar aqueles que forem eleitos. É importante ter comunicação e interação entre nossos representantes orgânicos. Depois de eleitos/as, nos sentimos isolados, abandonados/as. Também nós mulheres somos discriminadas pelas (próprias) mulheres, isso é muito triste. Como discutir participação da mulher para além das cotas?

Outro desafio é pensar o campo superando a visão "urbanocêntrica", estereotipada, totalitária. Estamos fazendo sessões itinerantes, e chegando às comunidades e, assim, nos

fortalecemos. Temos que fazer o Sindicato discutir orçamento. É um aprendizado de participação. Nosso desafio é ir para o parlamento e levar o Movimento Sindical, defendendo nosso projeto; mudar a nossa ideologia, a nossa ideia, os nossos conceitos; mudar também nossa prática.

Nos acomodamos. Temos que continuar na luta. Se tivéssemos feito isso, Lula não teria sido preso. Se não tivermos consciência de que somos filhas/os da resistência de cinco séculos, não vamos entender o que estamos fazendo aqui. Temos que entender que nossa colonização foi violenta, com 398 anos de escravidão. Estamos fazendo luta, estamos na resistência dando honra à história. Nossa vida é política em cada minuto, em qualquer lugar ou processo.

A companheira **Rosa**, do México, reafirmou que temos que fazer disputa de sentidos frente ao contexto histórico de opressão: "Vamos aprender com vocês, a partir das experiências que têm. Precisamos de alfabetização política, de ter clareza do nosso projeto político, desde nossos territórios em defesa das vidas e dos territórios".

Lazinho afirma que falamos mais do que fazemos. "Temos um grande número de lideranças e podemos transformar isso em mandatos. Eleição se faz com dinheiro ou com base organizada e unida. Temos que organizar os sindicatos. A preocupação deles é que acordamos para a política."

Socorro diz que narrativa é fala, discurso e prática. Vamos mudar a linguagem, como falamos sobre as coisas e como fazemos. Desde o período colonial se plantou latifúndio, opressão, violência. O capitalismo ampliou isso; desterritorializa a vida, produz a fragmentação do ser humano, legitimando uma narrativa que diz que homem é superior à mulher, que branco é superior aos outros. Temos que ter ideologia, sim, e consciência de que política faz parte da vida. A Enfoc tem sido estratégica, porque forma militantes que questionam onde estão. A identidade de resistência e de projeto se constrói na luta e na formação.



Se Joga, Galera!

"O que o 5° Enafor está provocando em mim? Está possibilitando ter novos conhecimentos, ter experiências com pessoas diferentes, mas que buscam um mesmo ideal".

"Que devemos incluir mais pessoas nos movimentos e nas formações, casar o debate político no Movimento Sindical, inserir a juventude tanto no movimento quanto na política".

"O que mais provocou foram os painéis Campo, Sujeito e Identidade; Eleições 2018; e Reforma Agrária, Água e Ecologia, porque vivi parte do que foi relatado, principalmente por Socorro Silva. Era uma época muito difícil, durante as secas, a gente sofria muito, as lutas eram muito difíceis e sacrificadas. Muito coronelismo. Vou continuar resistindo, porque não quero que a juventude e outras gerações passem o que passei".

"O que me apresentou de caminho para a resistência e transformação? Vivências que trazem sentimentos de querer continuar".



REFORMA AGRÁRIA, TERRA, ÁGUA E AGROECOLOGIA

Neste momento, o Acampamento pela Reforma Agrária e Agricultura Familiar se soma ao Acampamento 5º Enafor Lula Livre.

O povo foi se aproximando da tenda central, se olhando, formando pequenos grupos. Notei, ao lado da entrada, um grupo de jovens se formando. Sim, são eles, eles que propuseram e conquistaram o direito de realizar a mística do dia. Afinal, segundo eles, terra e Reforma Agrária é um tema de importância para cada um e cada uma.

Ao mesmo tempo, uma música foi sendo tocada e mais gente foi chegando e se animando. Mais ao longe, alguns dançavam: de um lado, casais; do outro, uma ciranda. Sem dizer nada, as pessoas foram se juntando e a ciranda se formou. O sorriso era visível, a energia passava pelos olhares e compassos da roda que se abria para dar lugar a mais um, a mais uma. Já era um grande grupo, a frente do palco era pequena. "Vamos circular as cadeiras!", e a roda se abriu. Pouco a pouco, outros e outras foram se juntando e uma enorme ciranda se formou. A alegria era contagiante, cada olhar de um sobre o outro era o mesmo que dizer "Seja bem-vindo!", "Seja bem-vinda!", e a cantoria seguia estimulando o povo que circulava na roda da vida.

O grupo de jovens crescia, últimos preparativos, coração apertado, mas vontade de entrar e fazer bonito. Alguém disse: "Eles estão chegando, sim, os nossos companheiros e companheiras do Acampamento da Reforma Agrária e Agricultura Familiar".

PISA LIGEIRO

Francis Lopes

Aqui está o povo sem medo,
sem medo de lutar!
Pisa ligeiro, pisa ligeiro,
quem não pode com a formiga
não assanha o formigueiro!
Reforma agrária já!
Lula livre!

Do lado de fora da tenda, havia muitos: era gente "para tudo que é lado". Bandeiras foram distribuídas, pois os jovens de lá participariam com os jovens de cá. Ao som da canção *Pisa ligeiro* (LOPES, 2019), adaptada para a ocasião, eles foram entrando e ocupando os espaços da plenária, indo até à frente, sendo recebidos pelos acampados do 5° Enafor Acampamento Lula Livre.

A mística conclamou todos e todas a cantarem também a música de Pedro Munhoz (2013), *Canção da Terra*.



CANÇÃO DA TERRA

Pedro Munhoz

Tudo aconteceu num certo dia
Hora da Ave Maria
O Universo viu gerar
No princípio, o verbo se fez fogo
Nem Atlas tinha o Globo
Mas tinha nome o lugar
Era Terra, terra
Era Terra, terra.

E fez o criador a Natureza
Fez os campos e florestas
Fez os bichos, fez o mar
Fez por fim, então, a rebeldia
Que nos dá a garantia
Que nos leva a lutar
Pela Terra, Terra
Pela Terra, Terra.

Madre Terra, nossa esperança
Onde a vida dá seus frutos
O teu filho vem cantar
Ser e ter o sonho por inteiro
Sou Sem Terra, sou guerreiro
Co'a missão de semear
A Terra, Terra
A Terra, Terra.

Mas, apesar de tudo isso
O latifúndio é feito um inço
Que precisa acabar
Romper as cercas da ignorância
Que produz a intolerância
Terra é de quem plantar
A Terra, Terra
A Terra, Terra.

Enquanto isso, uma cena muito forte foi tomando forma, com um grupo de participantes do 5º Enafor vestidos e vestidas com roupas que lembravam o período da escravidão, com olhos vendados e segurando cartazes.







Nisso, uma voz forte dá "bom dia", convida todos a tomarem seus lugares. Rapidamente, o povo, que já era um só, foi sentando e um violão toma conta da cena. Uma jovem moça, com voz suave, entoa uma canção que, ao findar-se, dá lugar a uma poesia: *Quando matam um Sem Terra* (MUNHOZ, 2009).

QUANDO MATAM UM SEM TERRA

Pedro Munhoz

1.
Quem contar traz à memória,
sabendo que a dor existe,
quando a morte ainda insiste,
em calar quem faz a História.
Pois quem morre não tem glória,
nem tampouco desespera,
é um valente na guerra,
tomba em nome da vida.
Da intenção ninguém duvida,
quando matam um Sem Terra.

2.
Foi assim nesta jornada,
quando mataram mais um,
o companheiro ELTON BRUM,
não teve tempo pra nada.
Numa arma disparada,
É o Estado quem enterra
e uma vida se encerra,
em nome da covardia.
Toda a nossa rebeldia
quando matam um Sem Terra.

3.
É o desatino fardado,
armado até os dentes,
até esquecem que são gente,
quando estão do outro lado.
E vestidos de soldado,
todo o sonho dilacera,
violência prolifera
tiro certeiro, fatal.
Beiram o irracional,
quando matam um Sem Terra.

4.
Quem és tu, torturador,
que tanta dor desatas,
desanimas e maltratas
o humilde plantador?
Negas a classe, traidor,
do povo tudo se gera,
te esqueces deveras,
debaixo de um capacete.
Dá a ordem o Gabinete,
quando matam um Sem Terra.

5.
Em algum lugar da pampa,
ELTON deve de estar,
tranquilo no caminhar,
jeito humilde na estampa.
E algum céu se descampa,
coragem se retempera,
outras batalhas se espera,
dois projetos em disputa.
Não se desiste da luta,
quando matam um Sem Terra.

Do fundo da grande tenda, um jovem incorporando a figura de um "latifundiário" vai entrando e trazendo outros jovens, seus prisioneiros, tornados cegos pela ignorância, arrastados como se estivessem acorrentados. Sobem ao palco.

Passado um tempo, esses mesmos jovens deixam de ser cegos e vão lutar por Reforma Agrária e homenagear "Chico Mendes, Margarida Alves, Elton Brum, Teresa Rios!" Querem Reforma Agrária, porque têm direito à água, educação, saúde, alimentação saudável. Querem agroecologia, querem trabalho!



Surgem da plenária outros jovens que se levantam com suas bandeiras, cantando a música de Zé Pinto (1998; 2002), interpretada por Beth Carvalho, *Ordem e Progresso:* "Esse é o nosso país, essa é a nossa bandeira..." Jovens de diversas cores – a juventude do nosso povo, do nosso país – sobem ao palco e as lágrimas surgem naqueles que se libertaram das amarras da ignorância e perceberam que nessa luta eles não estão sós. "Reforma Agrária já!" foi o grito final dessa turma que tomou para si a responsabilidade de representação dessa luta, em nome de todo brasileiro que da terra quer viver.

Por Chico Mendes, eu combato o latifúndio
Por Tereza Rios, eu combato o latifúndio
Por Margarida Alves, eu combato o latifúndio
Por Elton Brum, eu combato o latifúndio

Reforma Agrária por Soberania Alimentar
Reforma Agrária por Sucessão Rural
Reforma Agrária por Agroecologia
Reforma Agrária por Água

Por Educação no Campo
Por Saúde
Por Liberdade
Por Lula Livre!
Reforma Agrária quando? Já!

ORDEM E PROGRESSO

Beth Carvalho

Esse é o nosso país
Essa é a nossa bandeira
É por amor a essa pátria Brasil
Que a gente segue em fileira.



Com essa energia e disposição, as vozes dos dois acampamentos, antes de dar lugar aos palestrantes, entoam novamente: "Esse é o nosso país, essa é a nossa bandeira..."

Guto coordenou o painel *Reforma Agrária, Terra, Água e Agroecologia*. Ao cumprimentar os presentes, se diz gratificado por receber todos/as no enfrentamento ao governo golpista e ao congresso conservador. Este é um momento de integração, de construção coletiva, de reflexões e estratégias pela contínua luta por Reforma Agrária.

Hoje, recebemos, aqui, o Acampamento pela Reforma Agrária e Agricultura Familiar. Dia 25 é o 5º Enafor Acampamento Lula Livre que irá visitar o Acampamento da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar, fazendo debates e o encerramento desse Encontro. Temos pessoas de todo o Brasil que trazem suas experiências de organização e de luta pela terra. O 5º Enafor é um momento de debate da nossa estratégia formativa, de reflexão sobre a conjuntura, de troca de experiências, de informações e estratégias para enfrentamento aos golpistas que estão no poder.

O painel sobre *Reforma Agrária, Terra, Água e Agroecologia* contou com Elias D'Ângelo Borges – Secretário de Política Agrária da Contag; João Pedro Stédile – Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST e Gilvânia Maria Silva – Representante da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ. Orientou-se pelos objetivos: "Discutir a concepção de desenvolvimento sustentável e solidário com ênfase nas estratégias de produção agroecológica e de consumo consciente, protagonizadas pelos sujeitos do campo" e "discutir os impactos do golpe na agricultura familiar, as estratégias de resistência e construir recomendações para a atualização do PADRSS". Refletir também sobre "Os desafios da produção sustentável e do consumo consciente".

- **Gilvânia Maria Silva – CONAQ**

Desde 1995, estamos construindo um movimento a partir da nossa pertença aos quilombos, de nossa identidade. Éramos 412 comunidades; hoje somos mais de 6000 comunidades em todo o território nacional. Nas bases da Contag há muitos quilombolas. O debate sobre os modos de vida do nosso povo e a terra é fundamental.

É consenso entre nós, com juízo e sanidade, que estamos vivendo um golpe, sobretudo para cima dos/as trabalhadores e trabalhadoras, cujo peso foi maior para os negros e a juventude. Nossa juventude está sendo exterminada, não só nas favelas, mas também no campo. Nunca se matou tanta liderança quilombola como nos últimos anos. Pará e Bahia são os estados mais atingidos.

O golpe se dirige especialmente aos mais desprotegidos do Estado. Estado racista, colonizador, atingindo quem ficou tantos anos sem acesso às políticas sociais e que, nos últimos anos, tinha começado a acessá-las. Não bastou o que foi feito, mas, quem estava na periferia, começou do zero. Quantos passaram a ter energia?

Esse golpe foi alimentado, porque os trabalhadores passaram a ser público de políticas, tirando-as das mãos dos coronéis. A política e os partidos conservadores se mantêm vivos por conta do carro-pipa, da energia, poder que passou a ser diminuído por causa dos programas sociais implementados.

Temos que discutir terra como territorialidade, não só como espaço geográfico. Temos que pensar que modelo de sociedade queremos. Sou um animal da terra, nasci e me criei em um quilombo, construído pelas mulheres. Não sei se (sou) feminista, mas pela luta cotidiana das mulheres.

Que educação estamos discutindo? Queremos educação para ter escola e para nos libertarmos do processo colonial que está em vigor, apresentando-se de outras formas; esse processo que explora nossos corpos, as mulheres, a população negra. Temos que dialogar com mulheres, negros e jovens; discutir o modelo de representação com eles/as e não por eles/as. O racismo ainda é um dos grandes males da sociedade, impregnado nas nossas instituições, física e psicologicamente.

Há três questões estruturantes a serem levadas em consideração: 1) reconhecer que mulheres são mais de 50% da população e não podemos nos conformar com espaços de representação que só têm homens; 2) não nos conformarmos com uma população de mais de 54% de negros também não representados; 3) nos darmos conta de que os jovens não são o futuro, são o presente; que eles podem falar por eles próprios; importa formá-los e apoiá-los para que possam falar por si.

De cada 10 jovens mortos pela polícia, nove são negros. Isso é só na periferia? Muitos deles foram expulsos do campo pelos grandes projetos. O discurso sobre unidades de conservação tem sido falacioso para expulsar índios e quilombolas de suas terras, que têm sido historicamente preservadas por eles. O que é do campo não é só pelo campo, é pela nação. A cada rio que se preserva, cada alimento sem veneno, toda a sociedade é beneficiada.

O problema da terra não é só dos movimentos do campo, mas de todos nós. Somos guardiãs e guardiões de toda a

biodiversidade, mas estamos sendo expulsos pelo agronegócio, pelas unidades de conservação. Não temos mais que falar em desenvolvimento, temos que falar em envolvimento, que abrange a todos/as. A relação do campo com as mulheres, jovens e negros é estratégica para redesenhar um processo de sociedade mais justa e igualitária.

Alguns temas nos são muito caros:
Território: não é só lugar de plantio, significa outros espaços de pertença, considerados espaços sagrados;
Educação: temos que disputar para fazer educação do nosso jeito, para além das armadilhas dos números;
Renda: nossa forma de produção não é base para esse modelo de sociedade que mata gente, que polui o ambiente com a extração de minério, que tem matado e desterritorializado pessoas. Produzimos preservando.

Quem é rural, quem é urbano, hoje?
Para Tânia Bacelar (2013), a abordagem territorial desses "lugares e formas de vida social" rompe com a separação urbano versus rural e leva-nos a reconhecer a diversidade na relação de um com outro. O jovem e a jovem que estão na cidade têm sua vida como urbanos, mesmo seus pais trabalhando o dia todo na roça. A concepção de urbano foi plantada nele para que seja indiferente ao debate do campo, mesmo que saia dali o seu sustento. O que estamos fazendo para mudar a visão sobre as ruralidades? Ou nós discutimos isso e construímos estratégias para pensar o lugar dos excluídos, ou nossa fala ficará vazia.

Do campo e da cidade temos questões emergentes: o que vai ser 2019 para nós? Vamos aceitar que esse mesmo modelo de Congresso Nacional gaste seu tempo destruindo os direitos dos trabalhadores? Ou vamos repensar nosso discurso e colocar o jovem no Congresso Nacional? E os/as negros/as também não votam e podem representar nosso pensamento? E o homem e a mulher do campo não podem ser votados, não podem ser representantes, contra a bancada da bala e da morte? Temos que assumir isso como tarefa. Que nossa ação produza reflexos, nossos votos ajudem a definir o Congresso.

Acredito na força da organização, na aliança dos trabalhadores e trabalhadoras; somos aliados, com algumas perspectivas diferentes, mas temos que fortalecer o homem e a mulher trabalhadora e o sentido de ruralidade. Não basta ser bom, é preciso deixar o mundo melhor para as próximas gerações.

- **João Pedro Stédile – MST**

Acompanho o esforço da Contag para formação de dirigentes. Sei que falo em terra fértil, sinto-me em casa. Comecei minha militância no Movimento Sindical. Me envolvi como jovem na região onde comecei esta militância e tive oportunidade de vir para Brasília no congresso da Contag em 1979. Naquele congresso, veio Delfim Neto, ainda na ditadura, e demos uma vaia fenomenal! Ele ficou bravo, não esperava 5, 10 mil agricultores vaiando o ministro da agricultura. Sinal das lutas que derrubaram a ditadura em 1985, ditadura que impediu a posse de Tancredo Neves.

Pela CPT me envolvi na luta pela terra e estou nisso até hoje. No campo unitário rural, do qual fazem parte todas as organizações do campo, inclusive a Contag, temos feito reflexões sobre a formação. Nossa leitura é que estamos vivendo um momento complexo, especialmente na agricultura. Nos últimos 20 anos, o capital, através de seus agentes, foi tomando conta da agricultura. Hoje estão em disputas dois modelos de produção que vêm se confrontado.

Mudaram os inimigos no campo. No período colonial, o inimigo era o senhor escravocrata, o capitalista da *plantation*, que se servia do trabalho escravo. Com o desenvolvimento dos camponeses, formados por mestiços e migrantes da Europa que aqui chegaram, e que tiveram indústria, comércio e latifúndio como inimigos nos países de origem, houve mudanças.

Hoje, temos novas mudanças, o capital financeiro veio dominar a agricultura e, com ele, as grandes empresas transnacionais, que controlam insumos, mercados, preços dos produtos. Os próprios fazendeiros são, agora, inimigos secundários, mesmo tendo que ser enfrentados. Vejam: a fazenda Santa Bárbara SA comprou 66 fazendas e acumulou 600 mil hectares em Marabá. O dinheiro veio do banco *Opportunity,* e este nem conhece as fazendas que estão em seu nome.

Os inimigos atualmente são o capital financeiro, os bancos que financiam a acumulação do capital. Mudou o tamanho dos inimigos. E eles estão implementando o agronegócio, com o monocultivo de cana, milho, soja em larga escala, precisando sempre de mais terras.

Com o mesmo pacote tecnológico em que são usados insumos químicos e agrotóxicos, nos impuseram sementes transgênicas. Sempre nos alimentamos sem veneno, até os anos 50. O veneno é usado para substituir mão de obra, não querem dar trabalho pra peão. Com isso, destroem a natureza e contaminam os produtos.

Criaram leis de patentes (1995). Como pode alguém se dizer dono de uma variedade de milho, de soja e até de cana? Isso permite que a semente criada no laboratório tenha dono, seja esparramada e, sobre ela, cobrem *royalties*. O transgênico contamina as outras sementes pelo vento, pelas abelhas; não aceita biodiversidade, mata todas as outras plantas, um perigo para a agricultura, acaba com a diversidade de culturas. Antes do transgênico, tínhamos 42 variedades de soja; entrou a soja Maradona e hoje só tem uma variedade de soja.

O agronegócio não aceita mão de obra. Quer produzir mercadoria, lucro, não alimentos. Então todo mundo produz soja, cana em todo lugar. A lógica não é a necessidade do povo, o bem-estar; a lógica é o lucro que vai para fora do país, via banco ou empresas.
O modelo deles não é compatível com o nosso modelo. Destrói nossa produção, nossas sementes. Nosso modelo é o da agricultura familiar, da Reforma Agrária popular, do plano camponês, do desenvolvimento rural sustentável. Temos uma proposta para organizar a produção no campo, antagônica ao agronegócio:

- Eles querem monocultura, queremos a policultura;
- Eles querem lucro, queremos alimentos;
- Eles querem agrotóxicos, queremos produção sem veneno...

Para nós existe a agroecologia, conjunto de técnicas para produção e produtividade sem veneno, em equilíbrio com a natureza. A agroecologia é uma arma para produzir nosso modelo de produção, para fixar o homem no campo. Se todo mundo fizesse agroecologia, teríamos 40 milhões de trabalhadores. Hoje temos 16 a 20 milhões no campo.

A educação precisa ser desenvolvida no campo, sem que o/a jovem saia da roça para estudar. A escola tem de ir aonde o povo está. Por isso conquistamos o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA , estudo em alternância, formando agrônomo, professor, advogado.

Como contraponto ao modelo deles, temos que incorporar a ideia da agroindústria, que é técnica de beneficiamento para transformar a produção e levá-la para a cidade. Não há contradição em termos as agroindústrias, desde que sejam organizadas por cooperativas, sobre controle dos agricultores. Temos que lutar por crédito diferenciado e políticas públicas para a agroindústria. Não podemos só entregar matéria-prima, senão nunca sairemos da pobreza. Temos que nos apropriar dos valores agregados. O caso do leite é dos mais ilustrativos: o/a agricultor/a vai produzir queijo, iogurte, manteiga e ter renda maior com as mesmas vacas.

Estamos na disputa entre dois modelos, o do capital e o dos/as trabalhadores/as, inclusive assalariados/as. Os modelos são incompatíveis, agrotóxicos e transgênicos contaminam. As saídas são muitas, as lutas são pela política de resistência, ocupação da terra, desenvolvimento da agroecologia, criação de cooperativas, não os deixando tomarem toda a agricultura. **Nosso modelo só se viabiliza se em todo o Brasil tivermos um outro projeto de país, que não é dos golpistas. Este tem que ser construído coletivamente, não pode ter mais diferença entre campo e cidade, agora é a classe trabalhadora, pois nas cidades se pode morrer envenenado.**

O uso de agrotóxicos gera câncer. Quem de vocês não tem um caso de câncer na família? Está comprovado que a maior incidência é por causa dos agrotóxicos. Tive um filho que, com 21 anos, teve câncer.

Hoje apresentamos um modelo de produção de alimento saudável a toda a sociedade, para todo o povo brasileiro. O novo projeto de país vai permitir fazermos nossas próprias experiências, práticas, para a reascensão do movimento de massa, para novo governo popular.

Os governos de Lula e Dilma não eram governos populares, de esquerda, eram governos de conciliação de classes. Estavam neles os banqueiros, a burguesia estava traindo o próprio Lula. Tivemos políticas como Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, mas também as de fortalecimento do agronegócio. Agora a burguesia deu o golpe, um pontapé no Lula e no PT. Temer é como um cachorrinho, mandado pela burguesia. Quem manda nesse modelo é o capital.

Sem Lula livre e reeleição nosso projeto popular servirá para pouca coisa. Lula é símbolo, representa a classe trabalhadora. Mas isso só servirá para abrir a porta, não será a solução, mas abriremos a porta para novo projeto de país e de governo. Aí, sim, para um governo popular. Não vai mais ter interesse da Kátia Abreu. Vamos eleger o Lula, seguir fazendo um projeto com Lula, projeto de massas. Em 2019, aceleraremos os passos para nosso projeto de agricultura e para o povo brasileiro!

- **Elias D'Ângelo Borges – Contag**

Fiquei pensando a partir das falas da companheira e do companheiro: queria lembrar do que meu avô dizia, quando ele trabalhava para os fazendeiros e ganhava um litro de banha por dia de trabalho, o sal e o açúcar. Pouco para quem paga, pouco para quem ganha. Começamos com um modelo de comodato. Era interessante para eles, porque nós desmatávamos, plantávamos e beneficiávamos a terra deles. Todo ano a gente mudava de área para poder ter acesso à terra.

Diziam que não podia ser de graça, tínhamos que dividir a produção, dividir a renda. Na divisão, com a chegada da tecnologia, tínhamos que arcar com os custos de produção e pagar o arrendo. Num terceiro momento, passaram a pagar salário pra gente trabalhar.
Com tudo isso, vimos a necessidade de avançar. Não era só beneficiar a terra dos outros, com salário miserável, vimos que tínhamos que ter terra para nós. Passamos a lutar, desde 1955, pela Reforma Agrária.

Temos que entender como as coisas começam e andam: Estatuto da Terra, lei da Reforma Agrária, Constituição em 1988. O que é Reforma Agrária?

Na reforma de uma casa, vamos aumentar um quarto, corrigir rachadura, trocar o piso. A Reforma Agrária exige mexer com a estrutura de posse da terra. Temos que mexer na estrutura fundiária do Brasil. O que tem sido feito acontece é pela luta, pela ocupação, pela morte! Assentam o povo para calar esse povo. Temos que ficar anos embaixo de uma lona pra sair uma terra. Quando entro pra terra, tenho que esperar crédito, habitação, política de energia, água e estradas para produzir. Isso nunca chega completamente.

Para a elite e o capital não interessa que a Reforma Agrária dê certo. Não têm interesse e investimento nisso. Para o agronegócio produzir, tem financiamento do banco. Por que eles têm e nós não? Se todos nós tivermos nossa propriedade e produzirmos nela, quem eles vão explorar?

Nos últimos anos, tivemos um governo de coalizão, agradando um pouco aqui, um pouco ali, e que nos deu melhor condição de vida. Hoje nos dizem: eles são vagabundos e não querem trabalho. Mas, quando oferecem trabalho? Se não passo fome, claro, não me submeto mais à escravidão.

Fui assalariado rural, sem condições, sem direitos assegurados. Trabalhava o dia todo e no final da semana recebia os dias de trabalho. Para o capital, o que interessa é que estejamos disponíveis, mão de obra barata. Isto é o que querem com a Reforma Trabalhista e a da Previdência.

Para nós, não adianta só eleger o Lula e esperar que os problemas sejam resolvidos. Ou a gente muda esse Congresso Nacional, mudamos os deputados e senadores que não representam a classe trabalhadora ou não conseguiremos avançar. Sintetizando:

- Precisamos ter unidade na luta, em prol dos/das trabalhadores/as urbanos/as e rurais;

- Não podemos nos calar, a Reforma Agrária tem que ser recolocada como pauta; a Reforma Agrária não é só dos rurais, é nossa; é estrutural e deve ser colocada para todos os movimentos;

- Temos que discutir políticas eleitorais, eleições, carregar nossas bandeiras; não temos dinheiro, mas temos que fazer assim mesmo; as empresas financiam para que trabalhem pelos seus interesses.

No campo unitário, temos construído coisas importantes; estamos, pela Contag, realizando encontros estaduais da Reforma Agrária. Nos reunimos com o governo, sabemos que não vai sair nada, mas não podemos nos calar. **Precisamos fazer a luta dos lugares onde estamos. Entender que unidade, organização e mobilização é que vai mudar nossa realidade e recolocar a Reforma Agrária na pauta da luta para produção de alimentos saudáveis e de qualidade.**

CONSIDERAÇÕES

No debate, as denúncias e os temas mais requisitados para aprofundamento foram: a luta pela Reforma Agrária, ressaltando a necessidade de sua continuidade, de discutir e tomar posição quanto à titulação de terras. Foi afirmado que, em diversas partes do país, o latifúndio, o agronegócio e as grandes agroindústrias continuam retirando os camponeses da terra, assassinando pessoas, dificultando a sucessão rural e contaminando, com proporções exageradas de agrotóxicos, as águas e as terras mantidas nas mãos da agricultura familiar. É uma disputa de projetos, continuidade da luta de classes. Está havendo uma "estrangeirização" especialmente das terras que guardam importantes reservas extrativistas do país.

As populações quilombolas, a juventude e as mulheres são setores da população fortemente agredidos pela ação dos diversos "setores" do capital, denunciaram os participantes do debate. A luta dos negros vem de 1630 – luta pela terra, pela música e formas diversas de associativismo.

Foram apresentados argumentos em defesa da agroecologia e ainda um conceito amplo que aponta a agroecologia não só como a produção sem veneno, mas como uma atitude de cuidado com a terra, respeito e vontade de desenvolver o ser humano; de resistir e transformar tanto o campo quanto a cidade. "Sou agroecológica e não aceito o ódio e a violência contra as mulheres, respeito as diferentes religiões, somos humanos!"



Gilvânia Silva ressalta que a dificuldade de discussão do processo eleitoral é muito forte mesmo, somos engolidos pelos processos locais, mas temos que fazer discussão partidária e não personificada. Temos de ver os partidos que defenderam o golpe e pensar que tipo de aliança vamos fazer. Lembramos as manifestações de 2013. Apartidárias? Não mesmo! Resultaram no golpe financiado pelo PSDB, pelo PMDB. Panelas se acabaram de tanto bater.

Temos que avançar na aliança entre campo e cidade. Fazer movimento para nós é ainda estar no navio negreiro, arrancaram nossa humanidade. De onde viemos de fato? De que país viemos? Nós negros já alçamos a condição de humanos? Este debate é fundamental. O Brasil não foi descoberto. Nós fomos arrancados da África, deixando pai e mãe, família; muitos/as morreram na vinda. Lutamos desde que fomos arrancados de nossas terras. É muita resistência que vem de nossa luta.

O Estado é racista e machista. Mulheres e negros/as não estão representadas/os porque há campanha difamatória colocando-nos como incapazes. Acho importante eleger Lula, mas também todo o Congresso.

Ainda não conseguimos analisar os impactos desse golpe. O fascismo está implantado, mas estamos aqui para lutar, para mudar essa realidade também pela formação. Estamos mandando jovens para as universidades, mas sem que esqueçam que são negros, mulheres, parte da agricultura familiar. Temos que ter projeto, projeto unitário.

A esquerda tem priorizado a luta de classes, mas ela precisa ser atravessada por gênero e raça. Queremos envolver também a perspectiva dos territórios em diálogo com a agroecologia. Temos que ter ações afirmativas, as marcas da escravidão não acabaram com a Lei Áurea. O machismo e o racismo estão na cultura e refletem os espaços de representação: no Congresso, mas também nos nossos movimentos, nos sindicatos, nas cooperativas.

No Nordeste e em Minas estão 60% dos quilombos do Brasil, que precisam ser fortalecidos. A Via Campesina é um espaço comum com o MST, mas temos que organizar espaços mais amplos para debatermos Reforma Agrária. Índios e quilombolas, assim como o Movimento Sindical, também estão lutando pela Reforma Agrária.

Manuel de Serra e Marielle Franco, eles vivem e viverão!

Elias D'Angelo afirma que precisamos discutir aonde vamos chegar com nossa luta dentro do sistema capitalista. Esse sistema não nos permite ir longe, nós que pensamos em inclusão social.
No ensino fundamental e médio temos uma escola que dizemos que não tem qualidade, com pouco investimento, baixos salários dos professores, mas é onde estão nossos filhos. Nas universidades, somos nós que temos que pagar. Quem se forma em direito? Avançamos no governo Lula e Dilma, mas a maioria dos advogados é da elite; o Judiciário é da classe dominante. No Legislativo vamos no canto das sereias elegendo elite e no Executivo também. Não estamos no poder.

As escolas técnicas ainda formam trabalhadores para aplicar veneno, não é para defender a agroecologia; esse é um dilema. Quanto à água, temos cada dia mais legislação para regular o uso da nossa água, porém tendo que pagar por ela. Os recursos naturais estão nas mãos das empresas.

A violência no campo é cruel: só morre do nosso lado e nós é que somos os criminosos, que somos processados, indiciados. Quem está matando não está preso, não tem punição.

Há dificuldade de unificar a luta. Temos as nossas caixinhas, o que temos que superar. Entrar numa caixa grande, juntos!

A titulação dos assentados é outra questão a ser enfrentada. O capital tem interesse em ter de volta as terras que foram para a Reforma Agrária. Temos que respeitar a vontade dos/as trabalhadores/as, mas temos que saber como fazer os debates.

João Pedro Stédile reforça que a Reforma Agrária está parada porque há um contexto histórico contra nós. Temos que mudar o governo e o modelo de agricultura. Resolver na política, pois só a ocupação de terra e resistência não vão fazer avançar a Reforma Agrária. Hoje, o governo e o capital estão contra nós. Quando Lula ganhar, vamos para uma sala e ver o que tem de possibilidade de acordo: ATER pública, só com agrônomo agroecológico; orientação quanto à titulação, pois isso tende a possibilitar fazendeiro a recuperar terra,

pode ferrar o povo. A assembleia decide, mas nós orientamos para o título de concessão real de uso.

Temos dificuldade de dialogar com outros setores, sim, cada um na sua caixinha, mas é verdade que, no meio da crise, a classe trabalhadora vá construindo unidade para construção de projeto maior, que tire o país da crise e melhore a vida do povo. O processo de construir um programa comum está em curso.

Hoje Lula ainda é símbolo de luta conjunta, que representa a unidade da classe que precisamos. Estamos construindo o campo unitário, a Frente Brasil Popular.

Jovens, tomem o poder! Hoje! Depois da tempestade, vem a bonança! Vamos assumir o governo desse país!

Se Joga, Galera!

"Me impactou a exposição do João Pedro Stédile por falar de coisas que são realidades e fingimos não ver, por exemplo, o papel do Sérgio Moro. Quando não vemos o inimigo, é difícil fazer a luta".

"Me deu esperança ter visto os membros do outro acampamento chegarem, fez-me sentir que somente unidos conseguiremos fazer a diferença; eu senti uma força, uma garra dentro de mim".

"O Enafor desperta a vontade da luta, oportunidade de adquirir conhecimento, fortalecer a nossa base, se tornar empoderada. Sendo oportunidade ímpar, nos proporciona conhecimento múltiplo sobre a conjuntura, porque na manhã a mídia fala uma coisa, à tarde já fala outra".





Síntese do Painel Reforma Agrária, Terra, Água e Agroecologia









EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Um grupo de mulheres e homens de diversas idades, com crianças à frente, caminharam em direção à área central da tenda, levantando cartazes coloridos com as frases:

EDUCAÇÃO POPULAR É RESISTIR, É TRANSFORMAR

EDUCAÇÃO DO CAMPO É RESISTIR, É TRANSFORMAR

EDUCAÇÃO É UM ATO DE AMOR!

EDUCAÇÃO DO CAMPO É UM MOVIMENTO E ESTÁ EM MOVIMENTO!

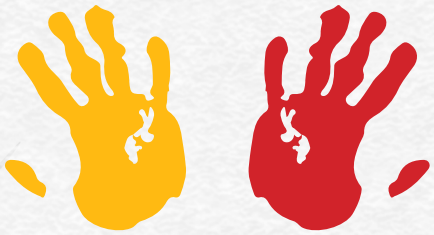
EDUCAÇÃO DO CAMPO: DIREITO NOSSO, DEVER DO ESTADO.

NÃO VOU SAIR DO CAMPO PRA PODER IR PRA ESCOLA, EDUCAÇÃO DO

CAMPO É DIREITO E NÃO ESMOLA

ME MOVO COMO EDUCADOR, PORQUE PRIMEIRO ME MOVO COMO GENTE!

ENFOC, LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA!



Ao fundo, o aparelho de som entoava as canções de Gilvan Santos (2006) *A educação do campo (p. 5)* e depois *Não vou sair do campo (p. 14).*

NÃO VOU SAIR DO CAMPO

Gilvan Santos

Não vou sair do campo
pra poder ir para a escola
Educação do Campo
é direito e não esmola [...]

As pessoas presentes, com o clima de fraternidade criado, se acolhiam de forma carinhosa, substituindo pelo sentimento de fraternidade as saudades dos amores que ficaram em casa. E entoavam baixinho o mantra *Deus está em mim* (CORDEL, 2014).

DEUS ESTÁ EM MIM

Nando Cordel

Deus está em mim,
Deus está em mim,
Meu coração é pleno de amor.
Deus está em mim.

A mística emociona os participantes com a fala de resistência das crianças, a participação da juventude, das mulheres e da 3ª idade, trazendo afirmativas sobre o que é de fato Educação Popular e Educação do Campo. Conclama a todos e todas para entoar, como um "grito de guerra", o lema do 5º Enafor: **Educação Popular é Resistir, é Transformar!** Enquanto isso, Edjane Rodrigues, Secretária de Política Sociais da Contag, assume a coordenação dos trabalhos, lembrando a todos e todas:

O tema Educação Popular e Educação do Campo foi trabalhado sob a forma de um painel, pelas professoras Eliene Novaes (professora da Licenciatura do Campo na UnB) e Inez Helena Muniz Garcia (pesquisadora da Universidade Federal Fluminense) e foi orientado pelos objetivos:

> Não há como falar em estratégia de desenvolvimento rural, de agroecologia, sem discutir Educação Popular e Educação do Campo. Temos ainda que refletir sobre o desmonte das políticas públicas, realizado de forma drástica pelo governo golpista.

- Refletir sobre a educação como estratégia do desenvolvimento rural, centrada nos sujeitos, desde a posição de classe e de justiça social que orientam os enfrentamentos políticos no MSTTR;

- Questionar a visão instrumentalista, restrita à formação de competências, imposta pelo neoliberalismo como única saída à educação da classe trabalhadora;

- Compartilhar experiências educativas emancipatórias que se orientam pela concepção e prática de Educação Popular e Educação do Campo.

Inez Helena Muniz Garcia

A professora Inez Helena inicia sua fala homenageando o presidente Lula com um poema de Bertolt Brecht[2] , poeta e dramaturgo alemão:

OS QUE LUTAM

Bertolt Brecht

Os que lutam
Há homens que lutam um dia e são bons,
Há outros que lutam um ano e são melhores,
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém há os que lutam toda a vida.
Estes são imprescindíveis.
Bom dia, presidente Lula!

[2] Disponível em: https://www.escritas.org/pt/t/1496/ha-homens-que-lutam-um-dia-e-sao-bons. Acesso em: 12 fev. 2020.

Expõe as reflexões sobre educação, de Antônio Cícero, morador do Sertão das Minas Gerais, que estão presentes no prefácio do livro *A questão política da Educação Popular*, de Carlos Rodrigues Brandão.

> Agora, o senhor chega e pergunta: "Ciço, o que que é educação?" Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: "Educação". Daí eu falo: "Educação". A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: "Educação". Mas então eu pergunto pro senhor: "É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?" Aí eu digo: "Não". Eu digo pro senhor desse jeito: "Não, não é". Eu penso que não.
> Educação... quando o senhor chega e diz "educação", vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo.
> Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Se bem que a gente fica pensando: "O que é que a escola ensina, meu Deus?" Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é [...].
> BRANDÃO, Carlos R. **A questão política da Educação Popular**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-10. Prefácio

Então, Inez Helena mostra a orientação que vai dar à sua fala: "Vamos falar de Educação Popular, de uma educação libertadora!"

Para Paulo Freire, a educação libertadora parte do princípio do trabalho como práxis. Práxis que, segundo ele, corresponde à atividade humana criadora, diante da realidade. Mas, na sociedade capitalista, o trabalho é atividade alienada e desumanizante. Para a superação das condições de opressão, que incluem a exploração do trabalho, propõe a educação libertadora.

Sabemos que o ponto de partida da Educação Popular é a realidade em que vivemos. Qual seria nosso ponto de chegada e o ponto de intervenção?

Vivemos hoje um fundamentalismo do mercado, onde tudo vira mercadoria: a água, a educação, a saúde e até mesmo a fé das pessoas. Há uma ofensiva conservadora, não apenas no Brasil, mas em toda América Latina, um reforço da lógica capitalista, patriarcal, extrativista, racista e colonial, reforço da família tradicional, da homofobia e de outros preconceitos. Estão também se esgotando os recursos da natureza.

Há um discurso de tolerância aos diferentes, aos negros e negras, aos LGBTQII, mas tolerância não é a mesma coisa que respeito: a nós cabe o respeito. Diferença e desigualdade não são a mesma coisa. O diferente nos identifica, faz ver a cultura de onde viemos e é aí que está nossa riqueza. A desigualdade deforma.

Estamos vivendo a perda de direitos no Brasil, a CLT e a Constituição sendo rasgadas, pisoteadas. Ao mesmo tempo, aumenta a repressão, a exemplo da intervenção militar no RJ, que é uma ação racista, que reforça o preconceito às/aos negras/os e pobres. Repressão sem respeito algum. "Há mais jovens negros mortos por policiais do que em homicídios dolosos no Estado de São Paulo", disse Samira Bueno[3] , diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança em entrevista às jornalistas Fernanda Mena e Júlia Barbon. Esta é uma forma de genocídio da população jovem negra, como podemos ver no relatório lançado em maio, que atesta casos como o assassinato de crianças de 10 e 11 anos por roubarem. Vivemos também o aumento da violência contra as mulheres.

A cada dia, a concentração de riqueza aumenta mais, a pobreza aumenta mais, a espoliação cotidiana também aumenta. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2017, relatou que teremos 200 milhões de pessoas desempregadas no mundo até 2020[4]. Por outro lado, em 2010, as 386 pessoas mais ricas do mundo possuíam a riqueza de 3,5 bilhões de pessoas mais pobres. Passados apenas seis anos, este número mudou drasticamente. Segundo informe da OXFAM em Cumbre-Davos/2-17, as 62 pessoas mais ricas do mundo tinham aumentado seu capital em 43% e a metade da população perdeu 38% dos seus recursos e isso influencia diretamente sua qualidade de vida. Atualmente, em 2020, são apenas estes 62 bilionários que possuem riqueza equivalente à metade da humanidade[5].

Diante desse quadro, como pensar ações transformadoras, novos caminhos conceituais, metodológicos, de ação e de relações?

Paulo Freire foi para a prateleira dos clássicos? Não. Paulo Freire se inspira, se deixa interrogar pelos oprimidos, sujeitos que são fonte de sua pedagogia, e nos provoca a uma reflexão: que lugar os sujeitos ocupam em nossos cursos, em nossas ações educativas/formativas?

[3] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/policia-mata-mais-homens-negros-e-jovens-no-estado-de-sao-paulo.shtml. Acesso em: 05 out. 2019.

[4] Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/01/1701231. Acesso em: 20 jan./2020.

[5] Disponível em: https://www.oxfam.org.br/publicacao/62-pessoas-possuem-o-equivalente-a-meta-de-do-mundo/. Acesso em: 20 jan./2020.

São 50 anos de *Pedagogia do Oprimido*, seu livro mais conhecido no mundo! Priorizar os sujeitos é a grande lição que Paulo Freire nos dá. E seu pensamento é atual, porque a opressão é atual. Freire nos traz a pedagogia do oprimido e não para o oprimido, pelo que ele fala e vive, da sua vida, da sua dor.

Fomos e estamos sendo oprimidos, não nascemos assim, isso é uma construção histórica. Os africanos escravizados foram arrancados da África. Para a elite e classe hegemônica, o trabalhador é incompetente de nascença, afirmação que alimentou discursos para manter o povo africano na escravidão, com argumento de ser sub-humano, sem alma, podendo ser tratado como escravo.

Podemos contar nossa história de outra forma: tem uma versão da caça, outra do caçador, mas também pode ter a versão do leão. Construir história desde a nossa perspectiva. Fomos colonizados por Portugal. Hoje vivemos em uma democracia, não submetidos ao governo de Portugal, mas com outro tipo de submissão, outra forma de exercício de poder: a colonialidade, que atua intensamente sobre o saber. Para o sociólogo peruano Anibal Quijano (2009), o pensamento colonial decretou serem os povos originários sem alma e inumanos. Pensadores como ele, denunciam que nossa produção do conhecimento, para muitos, não é válida, porque é vinda só da experiência. Consideram que só é válida a epistemologia europeia, eurocêntrica ou norte-americana. Até a organização do mundo pela cartografia tem um caráter ideológico. O mundo está geograficamente organizado desde os países poderosos (Londres, como centro do mundo), mas podemos ver o mapa do mundo a partir da nossa perspectiva, do sul. Invertido! Hoje temos uma série de autores que estão construindo "outra história" pela visão do sul.

O discurso midiático é outro problema: existe um fato que pode ser observado, mas existem também versões do fato. A mídia golpista dá a versão que lhe interessa, a versão que quer.

Quem tem a palavra torna-se dono da situação. Cerca de 90% do que chega para nós são via CNN – rede de notícias a cabo. Mas podemos mudar a versão do fato e, assim, mudar a história.

Paulo Freire nos ensina que para uma educação libertadora é fundamental que nos deixemos interrogar pelos sujeitos da nossa ação, da nossa prática. Vamos voltar e ouvir as pessoas, não dizer o que elas têm que fazer.

Marco Raul Mejía, educador popular colombiano, fala do cenário que vivemos na atualidade, e denuncia os mecanismos que atuam para impedir a diversidade de interpretação das coisas. Apresenta as grandes homogeneizações. Pergunta:

- Como esse cenário foi construído ao largo do caminho da modernidade?

- Vivemos três homogeneizações (MEJÍA, 2017, p. 12), um relato único do mundo.

a) **A biótica:** o ser humano está acima de tudo, é o ser supremo. A Terra é considerada inferior a nós – a Pacha Mama. Mas sabemos, pela agroecologia, que todos os viventes temos os mesmos direitos. Hoje o capitalismo tortura animais para nosso consumo: frangos, gado. Pratica o extrativismo sem limite, faz queimadas de florestas, monocultura degradante do solo. Somos, nesta perspectiva, ecoterroristas.

b) **A cultural:** a lógica eurocêntrica é a que predomina. Vemos alguns movimentos questionando esta cultura europeia, do homem branco, de um tipo de música, de roupa, de comida, de filme. Gonzaguinha (1992) denuncia:

FROM UNITED STATES OF PIAUÍ
Gonzaguinha

A minha prima lá do Piauí
Deixou de fazer renda para ver novela
[...]
Vou mandar minha resposta breve
Para o United States of Piauí.

Afirmamos que não há uma cultura superior (erudita) e uma inferior (popular); tudo é cultura.

c) **A educativa:** o padrão da educação se dirige ao maior desempenho; a base curricular advoga uma educação para formar mulheres e homens para a funcionalidade, então não precisam de filosofia, sociologia, história, ler e escrever. Não querem formação humanista, com saber histórico acumulado. Disputamos outro projeto político de educação e, juntamente, de sociedade.

Queremos uma Educação Popular que não perca de vista a diversidade, as culturas, o conhecimento, os saberes que vêm da experiência, da prática, para construir conhecimento científico.

Na Educação Popular, precisamos:

- Recuperar a diversidade, trabalhando um projeto integral do humano a partir das capacidades e habilidades e desenvolver metodologias que tornem possível a expressão dessa diversidade;
- Ver a educação como ato político: os oprimidos resistem e, ao resistir, educam; os sujeitos são portadores de direitos;
- Compreender como se tecem hoje a opressão e a resistência para construir caminhos alternativos;
- Ter rigorosidade metodológica, coerência ética, coerência no processo de construção do conhecimento, relação entre conhecimento existente e novos conhecimentos necessários à construção de relações democráticas;
- Fazer formação, levando em conta que educador e educadora não são facilitadores e sim desafiadores.





Fala de Antônio Cícero de Sousa sobre educação[6]

O que é educação? O que eu penso eu digo
Educação? Educação.
Palavra é a mesma, a pronúncia é a mesma
É a mesma coisa? É do mesmo jeito que a gente fala
O que é que escola ensina, meu Deus (...)

Eliene Novaes

O que é estar aqui no 5º Enafor? Participei desde o primeiro, quando estava na Contag. Que lugar é esse onde estamos, que tarefa é essa de construir a Educação Popular e a Educação do Campo?

A UnB, idealizada por Darcy Ribeiro, é um lugar de muito verde, de muita diversidade, espaço de disputa da sociedade, do papel da educação e da Universidade. Estou há 4 anos na UnB, depois de 20 anos no movimento social. Cheguei em 2004 na Contag, vinda do Movimento de Organização Comunitária da Bahia – MOC, e hoje luto pela educação com as pessoas, construindo com elas e não por elas.

[6] Sousa, Antôno Cícero de. Fala sobre educação. In. BRANDÃO, Carlos R. **A questão política da Educação Popular**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-10. Prefácio

Para entender o papel da Educação Popular e da Educação do Campo segundo nossos objetivos, quero lembrar de duas grandes figuras que atuaram na transformação social: Paulo Freire e Augusto Boal, este último concebeu o Teatro do Oprimido.
Precisam ser construídas articulações de base, pois não há educação se a gente não transforma o lugar que a gente ocupa. A Educação Popular e a Educação do Campo se fundamentam na organização das classes por justiça, igualdade, direitos (SILVA, 2006; ARROYO, CALDART e MOLINA, 2004).

A Educação do Campo leva em conta três elementos: o campo, a educação e as políticas públicas.

Campo e educação – Compreendemos que não há campo sem sujeitos. Falamos de um campo que não é vazio, é lugar de luta, de resistência, de produção da vida, cultura, tradições. Campo não é espaço territorial apenas, mas lugar de identidade, de produção da vida, o sujeito está ali. Essa visão, que é da agricultura camponesa, contrapõe-se à visão do agronegócio.

O campo está envelhecendo, os jovens não querem mais ficar lá. Espalha-se a ideia de que "Tenho que sair do campo para ter e para ser". Dizemos: "Maria é do campo, mas é tão bonita; é tão inteligente; é do sítio, mas é tão bem-sucedida". Para sair desse lugar você nega sua identidade: "João estuda, para você não ficar no pé da enxada!"

Questionar a construção dessa ideia, dessa ideologia, tem que estar na nossa luta. "Queremos qualidade de vida, porque não nos dão opções de vida no campo", afirmam muitas pessoas. "Quero melhorar de vida, quero sair desse lugar". Acabam indo para a cidade, para a periferia.

A Educação do Campo não é só ter escola. Não existe Educação do Campo sem um campo com terra para produzir e garantir condições de vida. Temos que lutar por políticas públicas para o campo continuar existindo. Reforma Agrária! Os secretários da educação municipal discutem escola, mas não o acesso à terra. Não é qualquer proposta de Educação do Campo que nos serve e sim a que bebeu na Educação Popular; uma educação que

transforme, que é das pessoas, das lutas, que vai do individual ao coletivo, do sujeito que é consumidor de direito para o construtor de direitos.

O Estado não vai nos dar direitos, é disputa o tempo todo por recursos, por projetos. Não podemos nos contentar em ser consumidores de direitos apenas. Saúde e educação é "direito de todos e dever do Estado" (CONSTITUIÇÃO, 1988, arts. 196 e 205) sim, mas o Estado nunca vai bater na nossa porta para nos dar direitos. O Estado tem uma ideologia em uma sociedade de classes, fazendo de tudo para que a classe trabalhadora não tenha o que a elite tem. A Educação do Campo popular chama à luta, é disputa de classe.

Os livros didáticos reforçam preconceitos, apresentam negros como preguiçosos e fujões, a família é a tradicional. Reproduz imagem de sujeitos fora de seu tempo, de suas lutas, do seu lugar. Por que o livro precisa ser o mesmo para todo o Brasil? Acreditamos que precisa ser regionalizado, mas as empresas dizem que isso diminuirá o lucro.

Paulo Freire escreveu na *Pedagogia do Oprimido* que o sonho do oprimido é ser opressor. Sabe quando o capataz se sente dono da fazenda? É isto. Existe luta entre quem domina e quem é dominado, mas também as microdisputas. O que o senhor de engenho fazia? Criava os feitores, pegava alguns negros e "dava poder a eles" para dividi-los. Esse tipo de disputa continua sendo construído, cotidianamente.

O trabalho nos constitui, mas nós nos construímos sujeitos pela educação, nos libertamos pela educação. A educação nos transforma em sujeitos atuantes que transformam a realidade. Mas não basta ter uma pedagogia revolucionária, temos que transformar as escolas. Não podemos continuar reproduzindo a ideia de desigualdade, de opressão. Afirmamos que todo/a assentado/a, acampado/a, indígena, quilombola, em sua diversidade, tem que ter direito a políticas públicas. Todos/as têm direito à educação em todos os níveis, inclusive à universidade. Na UnB, hoje temos 55% de negros/as e 60% dos alunos são provenientes de escolas públicas. A universidade tem que se

adaptar às diferentes necessidades: criar cirandas, alojamento, apoio para alimentação, transporte.

Hoje a UnB está em crise financeira e dizem que ela gasta demais. Custa caro dar alimentação no Restaurante Universitário? Têm que aumentar o preço, dizem.

Construímos Licenciatura à Educação do Campo com 90% negros, 100% vindos de escola pública. Já temos sete turmas formadas e seis em formação. Curso em alternância? É o único existente na UnB. Disputamos todos os dias: é política pública, é direito, não é favor. Não existe conquista de políticas públicas sem movimento social; nem existe manutenção de políticas públicas sem os movimentos sociais. Temos que enfrentar a discussão sobre nossa proposta de educação.

Os estudantes começam a entender que têm direitos. Ocupem lugares nas universidades! Ocupem as licenciaturas do campo!

O debate ressaltou a importância da Educação do Campo como conquista dos trabalhadores e trabalhadoras, que deve ser tratada com cuidado, pois possibilita vencer preconceitos e fazer transformação nas escolas. Reafirmar a Educação do Campo que a gente quer implica garantir que ela esteja lá no campo, permitindo tratar da importância e papel social da terra, do acesso à água, à assistência técnica. Temos que ter uma atuação mais sistêmica, estar nos espaços de formulação de políticas, nos conselhos e nos organizarmos para que nossos sindicatos discutam com as escolas. Temos que nos apropriar também da discussão da reforma do ensino médio. A educação está sendo mercantilizada no contexto do golpe.

O debate reafirmou que somos pessoas de pensamento liberto; educadores/as populares, pensantes, formadores/as de ideias. Temos que ser "levadores" de sonhos para a nossa juventude.

CONSIDERAÇÕES

Diz **Eliene Novaes:** o que vimos e vemos aqui é o desafio de construirmos uma articulação na qual o debate sobre educação passa pela instância maior da Contag, mas também vai aos sindicatos e acontece desde os sindicatos. Temos capacidade de construir processos nos quais podemos fazer o debate de educação, e oportunidade para fazer transformação. Estas não acontecem de um dia para o outro. Formação é processo e acontece em diferentes espaços. Temos que investir em processos de formação contínua.

Estar na Contag me possibilitou conhecer todo o Brasil e pessoas maravilhosas, mas fico muito feliz com a iniciativa do Movimento Sindical ocupar a universidade, o que tem um significado muito importante: mostrar o que fazemos, o que pensamos. Ocupem a universidade!

Inez Helena reafirma que o 5º Enafor acontecer aqui é um marco! Educação é um ato político e nós somos sonhadores políticos de um novo tipo de sociedade. Paulo Freire fala do inédito viável, da utopia, da esperança. A cada passo dado, mais longe parece estar o que buscamos. Corremos para a utopia, para nos fazer caminhar, para acreditarmos que é possível a transformação e fazer a transformação. A luta não é para ontem e hoje, é para sempre!



Síntese do Painel Educação Popular e Educação do Campo



Em clima de entusiasmo e sob cânticos e batuques que animavam a militância, a então senadora Gleisi Hoffmann foi recebida pelos participantes do 5º Enafor.



BOTE FÉ E DIGA LULA

Não dá para apagar o sol,
Não dá para apagar o tempo,
Não dá para contar estrelas
Que brilham no firmamento,
Não dá pra parar um rio
Quando ele corre para o mar,
Não dá para calar um Brasil
Quando ele quer cantar
LULA-LÁ
Brilha uma estrela! [...]

Pronunciamento de GLEISI HOFFMANN, presidenta do PT e senadora, ao 5° Enafor:

É um prazer participar desse encontro. O que vocês estão fazendo aqui é fundamental. Faltou mesmo fazer mais formação de educadores populares nos nossos governos.

O povo quer saber como está o presidente Lula. Está muito bem. Lula vai ser candidato, sim! O povo está com ele. Esse governo que está aí tira tudo do povo. O produtor rural precisa hoje de 5 litros de leite para comprar 1 litro de gasolina. Sabemos do gasto necessário para a produção.

Os golpistas baixam medida provisória, influenciados pelo mercado financeiro, Rede Globo e os ricos dos escritórios. Eles estão jogando pesado em cima dos movimentos sociais e da democracia. Temos que resistir e enfrentar. Não temos medo de luta. Sabemos e vamos enfrentar. A candidatura do Lula é instrumento de resistência e luta!

O processo do Lula foi forçado. Lula está em primeiro lugar nas pesquisas. Eles não entendem de povo. Lula está com seus direitos e condições de concorrer. Ele é inocente. Vamos registrar e defender a sua candidatura. "Se eles acham que vou ficar deprimido, estão muito enganados", afirma Lula. "Seguirei de cabeça erguida e lutando pelo povo". Lula é candidato pelo povo brasileiro!



Nesse momento, Gleisi Hoffmann recebeu dos/as participantes do Acampamento 5º Enafor Lula Livre uma carta endereçada ao Presidente Lula. A carta diz o seguinte:

Amigo de sonho, de luta e militância, LULA, nós, mulheres e homens do campo, estamos reunidos/as no 5º Encontro Nacional de Formação da Contag, que carinhosamente chamamos de ACAMPAMENTO 5º Enafor LULA LIVRE.

Somos milhares de LULAs presentes, vindos de todos os recantos do Brasil, reafirmando os seus sonhos e ecoando a sua voz. Permaneceremos incansavelmente reafirmando sua inocência, denunciando o golpe à democracia brasileira e o teatro midiático que culminou na sua prisão política.

Nesta carta queremos demonstrar que a LUTA continua viva, mas também levar o nosso abraço demorado e acolhedor, nossos cantos, nossos cheiros e sabores, nossos sotaques, nossas vibrações, nossos risos, a nossa melhor energia, tudo que revele que você não está só.

O amor que temos por você se traduz nestes versos da canção de Gonzaguinha (1982) Caminhos do coração:

[...] E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente,
Que nunca está sozinho por mais que pense estar [...].



Durante toda essa semana, por meio da música, da poesia, das lágrimas, dos gritos de luta, você esteve presente o tempo todo. A cada grito de "LULA LIVRE", a cada "BOM DIA, PRESIDENTE LULA", nossos corações se enchem de esperança de que através da luta podemos, sim, recuperar o Brasil que nos foi roubado.

Enquanto não recuperarmos o Brasil de LULA e de todos os brasileiros e brasileiras, continuaremos fazendo das ruas o nosso palco de luta.

Nosso acampamento Enafor LULA LIVRE simboliza a resistência da classe trabalhadora que recusa um país que não representa os nossos sonhos e não cabe nas nossas novas utopias, ao mesmo tempo em que reafirma o compromisso com a transformação.

Prenderam-lhe, mas não prenderam suas ideias.
Prenderam-lhe, mas sua voz ecoa através da nossa voz.
Prenderam-lhe, mas não prenderam os seus sonhos.



Se Joga, Galera!

"O que foi passado de maneira dura e difícil não entristece, nem faz perder a esperança, porque estamos aqui para fazer a luta e, com a afirmação da Gleisi, de que o Lula é candidato, fico mais alegre e preparada para resistir e transformar".

"Eu tenho plena consciência de que para que o jovem do campo permaneça no campo com qualidade de vida, e que isso aconteça cada vez mais, é preciso que tenhamos Educação do Campo de qualidade".

"Por meio de uma Educação do Campo de qualidade, nós iremos ter jovens, homens, mulheres, vivendo no campo, fazendo do campo um lugar de desenvolvimento com sustentabilidade através de nossos agricultores familiares e trabalhadores rurais. Teremos qualidade de vida"

"É com a educação que nós teremos transformação, precisamos lutar por ela, defendê-la. Hoje o que vejo são os pais enviando seus filhos para as escolas nas cidades, achando que isso é o melhor, mas estão errados. O lugar deles é aqui, aprendendo sobre nosso jeito de viver".

CAPÍTULO 3

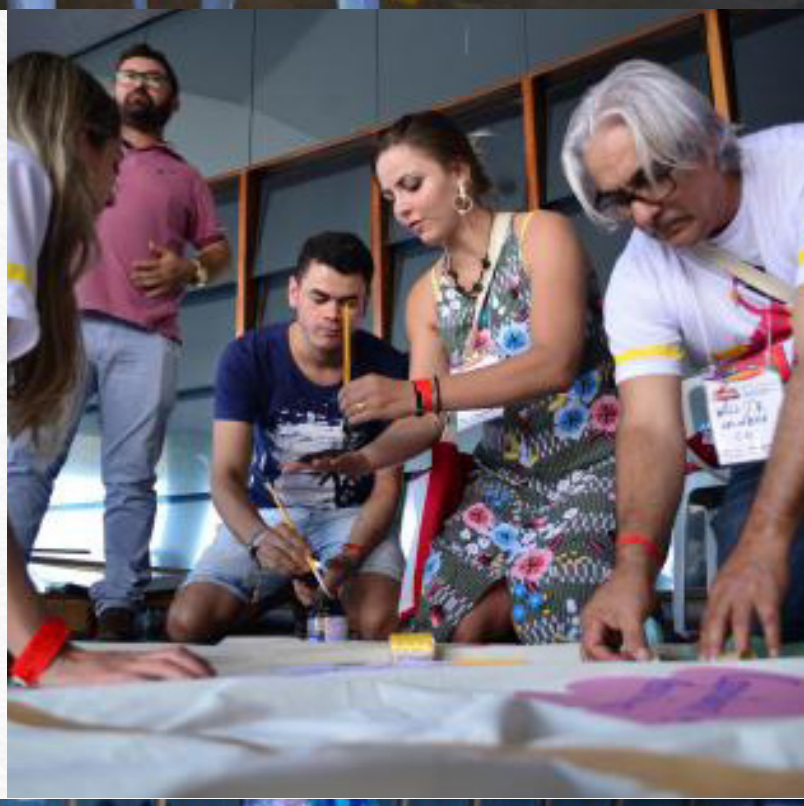
“NÃO SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM”[6]



[6] MELLO, Selton. Não sei, só sei que foi assim (fala do personagem Chicó). In: **O Auto da Compadecida** (filme). Brasil, 2000.


ORÇAMENTO
PÚBLICO
GRUPO
1


17





OS GRUPOS TEMÁTICOS, TROCA DE EXPERIENCIAS E AS OFICINAS PEDAGÓGICAS

Os temas trabalhados nos painéis deveriam ser aprofundados por toda gente reunida no 5º Enafor. Ouvir é bom, ensina, mas debater aprofunda aprendizados e favorece passos na direção da constituição de sujeitos com mais capacidade de enxergar tramas e construir relações. Coisas importantes, principalmente nesses tempos de conjuntura desfavorável ao campo popular.

Então, a equipe que cuidou do traçado metodológico do Encontro desmembrou temas, propôs oficinas pedagógicas e grupos temáticos de aprofundamento, além de intercâmbio de experiências. Em cada bloco de oficinas e grupos temáticos, vamos ver claramente relações com o contexto político sobre o qual os atuais desafios do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais têm se revelado.

As Oficinas Pedagógicas, por sua vez, misturaram as vivências maturadas nas práticas diversas de formação da Enfoc, com demandas da militância e dirigentes, colhidas junto às Federações e Sindicatos. Associar conteúdo e método é proeza que não acontece espontaneamente em processos formativos. Precisa de demonstração e reflexão para o aprendizado, ou seja, vivência do elo teoria e prática, como se faz na Educação Popular.

Por outro lado, experiências de base já há algum tempo vêm irrompendo aqui e ali no Movimento. As pessoas implicadas nessas experiências foram mobilizadas para participar do 5º Enafor, juntamente com as direções que ajudam a formação chegar às bases. Selecionar essas experiências exigiu o estabelecimento de critérios. Foram muitas as que se inscreveram. Cerca de 411. Impossível tê-las todas se apresentando! Então, os principais critérios que deram base à seleção das experiências organizativas e produtivas apresentadas nos grupos foram: enraizamento da experiência no território, alcance (raio de abrangência), caráter inovador, diversidade de sujeitos e de frentes de atuação. Seleção difícil, mas necessária, que levou a momentos de debate de grande intensidade.

Vamos acompanhar agora toda essa construção por textos e fotos.

GRUPOS DE APROFUNDAMENTO TEMÁTICO

Depois das provocações à discussão criada pela abertura política, conferências, painéis, abertura da Feira de Saberes e Sabores, atividades culturais e encontros informais ocorridos nos primeiros turnos do evento, ocorreram trabalhos em 18 grupos formados para o aprofundamento temático.

Os grupos tiveram, como objetivo geral, aprofundar o debate sobre como as questões conjunturais econômicas, políticas e sociais que impactam a vida dos diferentes sujeitos políticos do campo em suas especificidades e modulações, levando em consideração:

- Os debates sobre o processo do Golpe de 2016 e suas implicações para a classe trabalhadora e a democracia;

- Os impactos das questões conjunturais na vida e no trabalho dos sujeitos políticos do campo.

A moderação dos grupos foi realizada pela Rede de Educadores/as Populares da Enfoc e convidados/as, e teve como recomendação principal, para a condução metodológica dos grupos, que se contemplassem vivências de integração dos/as participantes, problematização, compreensão e debate sobre o tema.

1 Orçamento público

2 Por que construir um projeto político para o Brasil?

3 Feminismo e a construção do projeto popular

4 Soberania Nacional – privatização dos bens naturais

5 O golpe e a Reforma Trabalhista

6 O golpe e a Privatização da Saúde

7 O golpe e a Privatização da Educação

8 Desmonte das políticas públicas para a agricultura familiar

9 Reforma da Previdência

10 Agrotóxico mata! Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida

11 Por que democratizar a comunicação?

12 Criminalização dos movimentos sociais e sindicais do campo

13 Violência no campo

14 Por que permanecer no campo? Dilemas e desafios da juventude rural

15 Concentração de renda, de riqueza e de terra e os desafios para a agricultura familiar

16 Emenda Constitucional 95 que trata do congelamento dos gastos públicos por 20 anos

17 Eleições e Reforma Política

18 Cidadania e Participação Popular




15









O golpe e a reforma trabalhista

Moderadores:
Juraci Souto – Secretário de Finanças e Administração da Contag
Tiago Oliveira – DIEESE/DF
Ricardo Farani – Assessor da Contag

Objetivos:
Compreender como a reforma trabalhista alterou a regulação do trabalho no Brasil e que impactos produziu sobre a vida dos/as trabalhadores/as.

Desmonte das políticas públicas para a agricultura familiar

Moderadoras:
Alessandra Cardoso – Instituto de Estudos Socioeconômicos
Carmela Zigoni – INESC – Funcionária da Contag

Objetivos:
Refletir sobre o desmonte das políticas públicas para a agricultura familiar e as consequências para os sujeitos do campo.

Reforma da previdência

Moderador e Moderadora:
Edjane Rodrigues – Secretária de Políticas Sociais da Contag
Evandro Morello – Assessor da Contag

Objetivos:
Entender como e porque a reforma da previdência afeta os trabalhadores e trabalhadoras rurais, os agricultores/as familiares caracterizados como segurados especiais em seus direitos

Orçamento Público

Moderadora e Moderador:
Dyarley Viana e Leila Saraiva – INESC
Givanilson P. Silva – Assessor da Contag

Objetivos:
Compreender a importância do orçamento público e como estabelecer estratégias de efetivação de políticas de desenvolvimento.

No lugar em que ocorreu a oficina, havia enxada, livros, bola, vara de pescar, entre outros objetos que lembrassem a amplitude das políticas públicas. Ouvíamos a música *Reis do agronegócio*, de Chico César (2015). Sua letra entrava em nossa mente, de forma suave, mas também cruel:

REIS DO AGRONEGÓCIO
Chico César

[...]
Seu avião derrama a chuva de veneno
na plantação e causa a náusea violenta
e a intoxicação em adultos e pequenos [...]



Foi assim que, aos poucos, as pessoas se juntaram e cada uma delas recebeu uma pequena pétala de flor em papel colorido para escrever aquilo que tem ou que gostaria de ter como direito. O grupo, composto por representantes de todo o Brasil, ao se apresentar, citava o seu direito: saúde, educação, trabalho, Reforma Agrária, igualdade, justiça para todos, resistência, entre tantos que não cabiam naquela pequena pétala de flor.

Logo após, os moderadores explicaram o significado do tema da oficina "Orçamento Público – PEC 95", conhecida popularmente como o "Teto da Morte, Teto do Fim do Mundo", pois ela provoca impactos nas políticas públicas do Brasil. Após a explicação, os/as participantes foram organizados

em quatro grupos e responderam à questão/tema: "O que você entende por orçamento público e teto dos gastos públicos?" Depois de algum tempo de debate, cada grupo apresentou sua compreensão. Os/as participantes desta oficina mostraram que sabiam dos problemas que esta PEC causaria. Os primeiros danos seriam diretamente em relação à educação e à saúde pública.

A PEC restringe direitos fundamentais que a nossa Constituição de 1988 preconizava. É uma emenda constitucional que agora faz parte do texto da Constituição. A mídia está mostrando apenas parte da questão, sem deixar claro os gastos que serão cortados. Os moderadores explicam o que são os "Gastos Primários" e os "Gastos Secundários". Gasto primário é tudo aquilo que podemos entender como investimento (como construção de escolas, compra de medicamentos, salários, aposentadorias); já os gastos secundários são as despesas financeiras, ou seja, amortização da dívida pública, política monetária, entre outras. O que os telejornais nos mostram está relacionado somente aos gastos primários, os visados pelos cortes.

Foi mostrada uma tabela e cada participante, sozinho, analisou onde houve diminuição dos gastos públicos. Houve um novo trabalho em grupos a partir das perguntas: "Se a economia crescer e as receitas aumentarem, essa realidade de corte de recursos para direitos sociais mudaria? O que podemos fazer frente a esse desafio do teto dos gastos? Que potenciais nós temos para agir frente a este desafio?

A indignação ficou estampada nas faces quando foi apresentada a tabela com a diminuição do orçamento público, principalmente o que atinge a organização econômica e cidadã das mulheres. Uma senhora, com uma folha escrita PEC 95, rasga a folha, num ato simbólico, mostrando que precisamos resistir e avançar na derrubada desta PEC.

Avaliando a oficina:

"A oficina fortaleceu a compreensão de alguns dados sobre as perdas financeiras que tivemos. Trouxe dados concretos que a gente não tinha noção exata de como era. Percebemos que tudo era maquiado. Agora que conhecemos os dados, podemos fazer a mudança. Sabemos da necessidade de conscientização do que é a política, pois ela afeta a economia".

(Maria das Dores, BA)

Por que construir um projeto político para o Brasil?

Moderadoras e Moderador:
Thalita Coelho - Escola Chico Mendes
Selma Rocha - Fundação Perseu Abramo
Francisco Urbano - ex-Presidente da Contag

Objetivos:
Discutir a construção do projeto político para o Brasil e as estratégias de resistência e promoção do desenvolvimento sustentável e solidário defendidos pela Frente Brasil Popular.

Thalita Coelho iniciou a oficina explicando como ela seria e apresentando os moderadores: Selma Rocha, da Fundação Perseu Abramo e Francisco Urbano – ex-Presidente da Contag. Em seguida, os/as participantes da oficina se apresentaram, informando o nome e município/estado de onde vieram. Após as apresentações, Selma Rocha fez uma reflexão sobre a necessidade de se construir um projeto nacional para o nosso país, um projeto de classe, e destacou que o governo Temer assumiu o poder após o golpe parlamentar de 2016 e deu início a um processo de privatização das riquezas brasileiras (petróleo, água), de fragilização da educação e da saúde, dentre outras medidas de desmonte da sociedade brasileira.



Selma passa a falar sobre a necessidade de haver um projeto político para o Brasil onde todos tenham "direito de viver bem"; entenda-se isto como garantia à qualidade de vida, acesso à educação, saúde e moradia de qualidade, e que o desenvolvimento seja sustentável, construído pelo povo e para o povo. Ela argumenta que o fortalecimento e o protagonismo sindical podem contribuir neste processo defendendo a soberania, os direitos e a diversidade do povo brasileiro e que o Brasil não vire as costas para os países latino-americanos.

Urbano lembrou que a história recente do Brasil é marcada por golpes contra nossos presidentes, como ocorreu com Getúlio Vargas. Para ele, a candidatura de Lula era importante para retomar o debate sobre as políticas

voltadas para o povo e para a resistência às ações contra o povo, como a extinção, no governo Temer, do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, o desmonte da previdência, das políticas para as mulheres e das políticas de igualdade racial. De acordo com Urbano, embora o momento seja difícil, é importante lembrar que o povo já vivenciou outros momentos difíceis ao longo da história, mas também houve resistência e superação; e é nisso que o povo e as organizações precisam se concentrar e se organizar para buscar saídas.

Thalita Coelho falou sobre a atual situação brasileira e a necessidade de construção de um projeto político para o país a partir de um desafio central, o de tentar decifrar o momento que estamos vivendo e, a partir disso, construir ações. Para Thalita, a eleição de 2018 vai materializar a polarização estabelecida na sociedade entre os polos conservador e progressista; a crise atual não é apenas econômica, mas também política; e a crise econômica não é passageira, é profunda e estrutural, assentada na mudança do modo de produção capitalista do chão de fábrica para a financeirização do capital.

Esse cenário de pós-democracia, ou seja, de esvaziamento da política, crise de valores, ampliação da violência e da barbárie aponta para os desafios postos ao campo progressista: é necessário pensar em formas de transformar a revolta popular em organização popular, superando o espontaneísmo, a burocracia e o medo que anestesia as pessoas; é fundamental transformar as organizações do campo da esquerda, de forma a que se tornem mais atraentes para a participação das pessoas e ampliar e fortalecer ações conjuntas e de unidade entre as diversas organizações, como a experiência da Frente Brasil Popular.



Após essas três contribuições, houve uma roda de conversa sobre as eleições presidenciais e a necessidade de apresentar um candidato para concorrer às eleições, caso o Lula seja impossibilitado pela justiça. Os/as participantes também apresentaram a preocupação com a retomada do diálogo com a base do Movimento Sindical rural, com o povo brasileiro e com o fortalecimento das organizações, como formas de sair desse cenário de crises. Depois das contribuições do grupo, os três moderadores reforçaram o entendimento de que esse é um momento difícil e complexo da história do país, um dos mais graves que se tem notícia, mas não é imutável. A saída dessa conjuntura, em parte, pode ser alterada pela capacidade do campo progressista e de organizações de trabalhadores e trabalhadoras, como a Contag, estarem fortes, organizadas e atuantes junto às suas bases

Feminismo e a construção do projeto popular

Moderadoras:
Maria José Moraes (Mazé) – Secretária de Mulheres da Contag
Cleudes Pessoa – Articulação de Mulheres Brasileiras - AMB
Eryka Galindo – Assessora da Contag

Objetivos:
Aprofundar o debate sobre os feminismos, compreendendo sua importância para avançarmos na construção do projeto popular para o Brasil. Evidenciar, neste debate, os ataques sistemáticos contra as lutas feministas e as formas de resistência construídas pelas mulheres, no contexto do golpe.

A oficina começou com uma dinâmica de relaxamento e, em seguida, todos se apresentaram. Estávamos em um grupo de 26 pessoas (apenas 5 homens), caracterizado pela diversidade.
Cleudes, assumindo a coordenação da oficina, fez a provocação ao debate com duas perguntas: O que o feminismo significa para mim? O que é feminismo como prática e teoria?

– É a expressão de mulheres guerreiras, corajosas, que lutam por igualdade para todas, independentemente de cor e raça; é a política de mudar e defender os direitos das mulheres; elas são o sujeito do feminismo que surgiu muito tempo atrás em uma prática de organização; a feminista é vista como rebelde, e temos que ser rebeldes, mesmo nas lutas do dia a dia para acabar com a desigualdade e conseguir respeito e liberdade.

Durante o diálogo, surgiu a pergunta: O que é patriarcal?
– É uma herança que recebemos há muito tempo, é uma relação de opressão às mulheres, em que estas são colocadas em cargos e situações de submissão aos homens. O patriarcado é tão cruel que, muitas das vezes, as mulheres ficam com medo de expressar seu poder por medo de errar.

SEM MEDO DE SER MULHER

Pra mudar a sociedade
do jeito que a gente quer
participando
sem medo de ser mulher[...]

Mazé destacou a importância de esse tema ser trabalhado na Enfoc, pois nós, mulheres, sofremos com o preconceito dentro do próprio Movimento Sindical.

Num segundo momento, as/os presentes se organizaram em quatro grupos para dialogarem sobre as perguntas: Como a Educação Popular e a formação de base contribuem nessa construção? Qual a importância do feminismo na construção do projeto popular?

Cantando a canção *Sem medo de ser mulher (2016)*, cada grupo registrou em cartazes a síntese do que havia debatido. Uma das questões colocadas foi a de que a Educação Popular e a formação de base contribuem na desconstrução do patriarcado e na construção de uma sociedade mais justa, livre de violência; transformam a realidade de opressão vivida pelas mulheres; permitem afirmar que o feminismo é importante na construção do projeto popular, pois, a partir dos processos de formação de base, as mulheres compreendem os tipos de violência e discriminação que vivem; garantem aprofundamento do debate e ação das lutas feministas e da igualdade de gênero.

Uma das sugestões apresentadas pelo grupo foi a de encaminhar recomendação à Contag para a criação de Itinerários Formativos e GES para as mulheres, como estratégia necessária para este sujeito político, mais oprimido, ter um espaço específico para discutir a opressão.

Para encerrar a oficina, nos demos as mãos e avaliamos. Em cada rosto havia alegria e gratidão por discutir esse tema num encontro como o 5º Enafor. Coragem, multiplicação, fé, resistência, força, estratégia, esperança, paixão, ousadia, liberdade, igualdade, gratidão foram as palavras que manifestaram os sentimentos do grupo. Encerramos com uma ciranda e um grito de guerra: "Lutaremos até que todas sejamos livres".

Soberania nacional – privatizações dos bens naturais

Moderadora e Moderador:

Rosmari Malheiros – Secretária de Meio Ambiente da Contag

Nemo Amaral – Funcionário da Contag

Objetivos:

Entender o que é soberania nacional e a importância das lutas em defesa dos bens naturais e do patrimônio ambiental e territorial.

O Grupo debateu a ideia de soberania e impacto das privatizações desde e sobre os territórios. Enumerou um conjunto de ações de resistência às políticas e ações que destroçam a soberania nacional e a vida de nossa gente e território:

- ☑ Fortalecer processos políticos, não desacreditar na política, e seguir lutando para recuperar, manter e conquistar mais direitos;
- ☑ Fortalecer parcerias com organizações, universidades, e alianças do congresso do povo;
- ☑ Lutar para permanecer na terra, fortalecer e aprimorar a sucessão rural, porque a juventude tem um papel fundamental nesse processo;
- ☑ Fortalecer a organização de base na base e não só em nível nacional;
- ☑ Processos de comunicação e capacitação devem chegar à base, pois a falta de informação é o maior desafio dos nossos agricultores e agricultoras;

- Educadores populares devem difundir o conhecimento e saberes (informação) nas bases: FETAGs e STTRs têm papel (compromisso) fundamental nesse processo;
- Universidades devem incorporar saberes populares para discutir a realidade local dentro e fora das universidades, além dos conhecimentos e cultura europeia/ocidental;
- Aumentar representação (orgânica) no Congresso Nacional. Nós já provamos que é possível eleger representantes com poucos recursos;
- Criar capacidades internas (nacionais) para reduzir processos de terceirização.



O golpe e a privatização da saúde

Moderadores:
Heleno Rodrigues Corrêa Filho – Conselheiro Nacional de Saúde
Lacerda Souto – Assessor da Contag

Objetivos:
Entender quem ganha com a privatização do Sistema Único de Saúde e como a classe trabalhadora é afetada.

Dentre as principais questões apontadas no debate sobre os efeitos do golpe com relação à saúde, foram apontadas:

- A partir da aprovação da Emenda Constitucional 95, o Ministério da Saúde inicia um conjunto de ações voltadas para preparar o país para os efeitos da referida emenda, dentre as quais destacamos: ajustes na Política Nacional da Atenção Básica – PNAB; ajustes na Política de Farmácia Popular do Brasil; ajustes na Política dos Centros de Referências de Saúde do Trabalhador – CERESTs, dentre outras. Todos estes ajustes têm impacto direto na vida das populações do campo, das florestas e das águas.

- O governo tem se posicionado que não cabe no orçamento do país reconhecer a saúde em conformidade com a Constituição de 1988: como um "direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação". Portanto, um dos caminhos apontados é sua privatização. Para os grandes, sugere os Planos Privados de Saúde, cada vez mais onerosos; para os pequenos, os Planos Populares de Saúde.

Principais desafios/propostas apontadas no debate do grupo:

- ✔ Promover a formação do MSTTR sobre o conceito de saúde pública, com ênfase para a importância da atenção básica enquanto política de ações de prevenção da saúde;

- ✔ Continuar a luta por uma saúde pública e de qualidade, e esta luta está diretamente relacionada à defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), como uma importante conquista da população brasileira;

- ✔ Ocupar mais e melhor os espaços de gestão e controle social das políticas públicas de saúde, com atenção especial para os conselhos de saúde em nível municipal, estadual e nacional;

Incidir junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) para que este construa um parecer favorável à Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5.658, cuja relatora é a ministra Rosa Weber. A Ação Direta reafirma que a Emenda Constitucional (EC) nº 95/2016 causará consequências negativas para a maioria da população brasileira, pois transforma o "piso" (limite mínimo) de despesas nas áreas de saúde e educação em 'teto' (limite máximo) para o período 2018-2036.

O golpe e a privatização da educação

Moderadoras:

Clarice Santos – Faculdade UnB de Planaltina – FUP

Camila Guedes – Funcionária da Contag

Objetivos:

Discutir o desmonte das políticas de educação, as implicações para os povos do campo e compreender o que alimenta o discurso conservador sobre a escola sem partido.

Após a apresentação dos/as presentes, houve uma retrospectiva dos momentos até então vividos no 5º Enafor, e afirmação da extrema necessidade de discutir a educação, frente à conjuntura de retrocesso do que havia sido conquistado: marco legal, programas, reconhecimento aos profissionais da educação e outros direitos alcançados durante os governos populares.

Clarice provoca o debate lembrando as dificuldades e lutas de sua geração para o acesso e garantia de direitos de educação. Situa a constituição de 1988, a educação concebida como direito do cidadão e responsabilidade do Estado, o que deu lugar à expansão e melhoria da educação pública, mostrando que tudo isso foi posto em risco. O golpe de 2016 colocou freio a essas conquistas, passando a interferir no plano dos conteúdos e na gestão da educação. Para os governos atuais, não é prioridade que a classe trabalhadora pense, questione e desenvolva seu interesse pelo conhecimento.



Quanto à Educação do Campo, Clarice relembra que foi construída coletivamente (Juventude Rural, escolas famílias agrícolas, MST, CPT, intelectuais como Miguel Arroyo, Universidades, Contag, etc): "Fomos nós que fizemos o pouco que o campo conquistou".

Observa que, em nossa estrutura sindical, na qual a educação não é discutida com maior apropriação, devemos perguntar: como falar de PADRSS sem falar de educação? Toda prática da Agricultura Familiar está ligada à educação. É bom ter espaço para dialogar também sobre este assunto na pasta de políticas sociais.

Muita coisa tem acontecido no curso do golpe, com a aprovação do povo que está anestesiado; somos chamados para esse trabalho de base e diálogo com a sociedade acerca da educação e retrocessos das medidas de erradicação da desigualdade social. É papel do/a educador/a popular afastar o conhecimento que aprisiona e acolher o conhecimento que liberta as pessoas. Temos que lutar por uma educação em que o ser humano se reconheça em um ambiente onde os sujeitos são iguais em direito de acesso a uma "educação cultural".

Foram discutidas ainda as medidas e fatos mais recentes de destruição do "nosso projeto de educação", como a escola sem partido. Os movimentos sociais resistiram à tentativa de extermínio do povo do campo e ida para a cidade. Trouxemos, agora, para a nossa agenda política, um tema que não existia: a educação do e para o povo do campo.

Agrotóxico mata! Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida

Moderadoras e Moderador:
Juliana Acosta – Ministério da Saúde
Fábio Tinga – Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida
Josefa Rita da Silva – Secretária da Terceira Idade da Contag
Adriana Pereira de Souza – Assessora da Contag

Objetivos:
Discutir a importância da Campanha, entender o que os agrotóxicos provocam na saúde e discutir a importância de se investir na produção de alimentos saudáveis.

Zefinha fez a abertura agradecendo a presença dos 40 participantes da oficina, e reafirmando a importância do 5º Enafor. Em seguida, foi vivenciada uma técnica de integração e relaxamento dos presentes.

Fábio Tinga apresentou a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida e provocou o debate por meio das perguntas: 1) Por que tanto veneno? 2) Consequências para a saúde.



Mencionou que a Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida foi lançada em 2011, nasceu da luta dos Movimentos Sociais do Campo e tem por objetivos a denúncia e o anúncio de um outro tipo de agricultura. Desde 2008, o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos no mundo; Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná são recordistas na utilização de agrotóxicos. A Revolução Verde, após a 2ª Guerra Mundial, difundiu o uso do veneno na agricultura.

Houve relatos de participantes sobre a enorme quantidade de agrotóxicos que são utilizados em seus municípios e a correlação com o aumento do número dos casos de câncer entre os habitantes. O Estado deveria impulsionar a agroecologia tanto quanto faz com o agronegócio.

Foram recomendados os filmes *O veneno está na mesa* (TENDLER, 2011; 2014) e Nuvens de veneno (NOVAES, 2013).

Juliana Acosta apresentou dados estatísticos e esclareceu que a avaliação da toxidade é feita através de testes em animais (todo agrotóxico possui capacidade de matar, dependendo da quantidade). O Ministério da Saúde é obrigado a fazer o levantamento e apurar denúncias relacionadas às intoxicações (sempre que o indivíduo procurar o serviço de saúde deve mencionar no que e com o que trabalha).

Seguindo os trabalhos, formaram-se quatro grupos para debaterem as questões:

a) Na minha realidade de vida e trabalho, como percebo a problemática dos agrotóxicos? Relatos de uso.

b) O que os Movimentos Sociais e Sindical podem fazer para enfrentar essa realidade?

c) Qual é o papel da formação para enfrentar essa questão?

Segue uma síntese das discussões:



- Fragilização da saúde, má-formação de fetos, contaminação da água. Falta conhecimento sobre os perigos do veneno. As pessoas não sabem que o veneno causa poluição, intoxicação das pessoas, do solo, do ar, das plantas e da água; algumas pessoas resistem ao não uso de agrotóxicos e acabam provocando aumento do índice de doenças e de pragas nas lavouras por causa do uso desses venenos.

- É importante haver palestras, conscientização, incentivo à produção agroecológica.

- Depende também dos parlamentares. É preciso eleger deputados e senadores comprometidos com a agricultura familiar; promover espaços de comercialização dos produtos agroecológicos e propor uma política de ATER voltada e comprometida com o sistema agroecológico. Mesmo de forma lenta, as pessoas estão se conscientizando sobre os males trazidos pelos agrotóxicos, acentuados com o fortalecimento do agronegócio.

- Fazer aquilo que se prega (servir nas atividades refeições e lanches oriundos da agricultura familiar); produção orgânica; vídeos, troca de experiências com associações; criar mecanismos que facilitem o entender de cada produtor sobre a importância da produção orgânica (por meio de vídeos sobre experiências de cultivo).

- Fortalecer a juventude (pedagogia da alternância); elaborar material pedagógico para difundir as experiências agroecológicas da agricultura familiar e Movimento Sindical; desmistificar o saber científico como único e verdadeiro.

- Promover oficinas com técnicos capacitados, fazendo debates e promovendo campanhas sobre agrotóxicos e como utilizar produtos orgânicos.

- Implantar na base educacional assistência técnica voltada para a agroecologia; fortalecer as experiências da base e elaborar material pedagógico.



Por que democratizar a comunicação?

Moderadoras:
Thaisa Silva – Secretária-Geral da Contag;
Cecília Bezerra – Intervozes
Verônica Tozzi – Assessora da Contag

Objetivos:
Compreender como a atuação de um grupo minoritário hegemoniza a mídia e discutir como atuar para democratizar os meios de comunicação.

Compartilhados os objetivos da oficina, o grupo passou à apresentação, quando cada um e cada uma falou duas palavras sobre o que compreende por comunicação, sobre o que é comunicar. Comunicar é resistir, transformar; vida; expressão; informação; dialogar para entender e se fazer entender; aproximar saberes e pessoas umas das outras; levar para a base o conhecimento que se adquiriu; comunicar os seus conhecimentos; polêmica; transmitir; entender as pessoas; viver e sentir; fundamental para fazer a troca de saberes; interação e integração; fazer com amor, com respeito e responsabilidade; afeto; construção; ato revolucionário; liberdade de expressão e de sentimento; transmitir informações; partilha de informações e saberes; multiplicar informações; construir novos caminhos; repassar ideias e saberes; transformação não só visual, mas corporal também.

Cecília Bezerra, jornalista e militante do Intervozes, apresentou o tema e interagiu com as palavras que foram faladas na apresentação. Falou da liberdade de expressão, do direito de informar e ser informado; dos tipos de comunicação e meios e de quem são eles; da limitação do alcance dos meios populares e concentração de alcance dos maiores meios em mãos de poucos.

Ela também explicou como funcionam as concessões públicas de TV e Rádio. A Constituição federal faz referência às concessões, mas ainda não foram regulamentadas. O próprio Congresso Nacional renova as concessões sem uma lei que regulamente. Cecília disse que

comunicação pressupõe participação, mas esse direito não está sendo garantido. Nota-se isso por meio dos canais abertos, concessões públicas, mas elitistas, que não reconhecem vários direitos e criminalizam os Movimentos Sociais, não dando direito à contra-argumentação, pois são racistas, sexistas e reproduzem as opressões sofridas pelos cidadãos.

Para ela, a comunicação de massa será alcançada com a democratização dos meios de comunicação que, para isso, depende da regulamentação. O direito à comunicação e democracia estão interligados. Para que isso ocorra, é importante exigir dos candidatos à eleição a defesa da democratização da comunicação, com a aprovação de lei que vise à regulamentação, principalmente de um novo marco legal que dê conta dos novos meios e avanços tecnológicos na comunicação. O golpe de 2016 envolveu a mídia. Os grandes meios trabalharam pesado na manipulação da população.

Na internet já existem ótimas experiências de comunicação popular, como as dos blogueiros e blogueiras, youtubers, mas ainda há concentração em grandes grupos, com grande investimento. Mesmo na internet, é preciso ter dinheiro para investir em espaço e alcance. Hoje apenas 46% das casas brasileiras têm acesso à internet, mas TV e rádio ainda predominam. Cecília recomendou assistir ao vídeo *Levante sua voz* (INTERVOZES, 2009) e fez o convite para que as Federações e Sindicatos procurem os comitês locais do Fórum pela Democratização da Comunicação para se filiarem.

Esta oficina teve um excelente debate no qual todos participaram. Falaram da manipulação, da dificuldade em conseguir espaço para as entidades nos grandes meios, deram exemplos de criminalização por parte dos comunicadores, inclusive com ameaças e assassinatos; apresentaram relatos de experiências de comunicação popular e da dificuldade de a comunicação chegar à base.

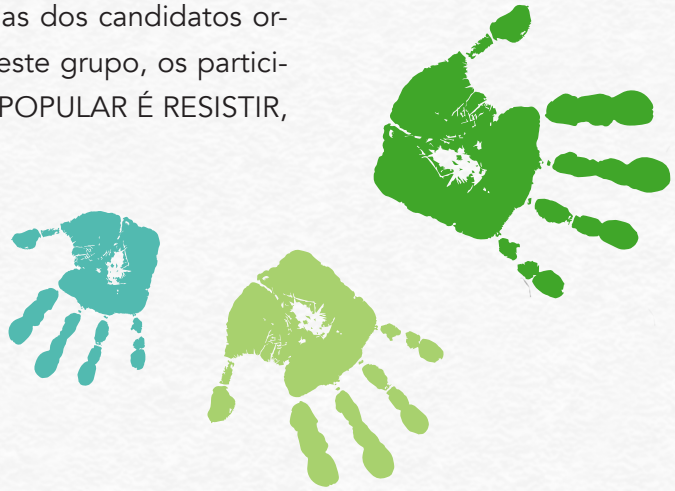
Sobre a cultura do ódio presente nas redes sociais, boa parte concordou que as pessoas a incorporam, pois são frutos de uma narrativa conservadora. É preciso criar os próprios meios, trabalhar em rede, fazer a disputa de narrativas, ser resistência e preservar a credibilidade nas informações repassadas pelo Movimento Sindical.

A comunicação precisa ser vista como investimento e não como gasto; é tema a ser inserido nos processos formativos. Também é preciso pensar em política de proteção para os comunicadores. Ter responsabilidade com o que reproduz, cuidado com as fake news.

O grupo tirou os seguintes encaminhamentos:

- ☑ Inserir a Comunicação Sindical e Popular no itinerário da Enfoc (nacional, regionais e estaduais); consolidar a Rede de Comunicadores e Comunicadoras Populares; garantir recursos para investir na comunicação; integrar as Federações e STTRs aos comitês locais do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC); levar a discussão sobre a democratização da comunicação a todos os espaços e para a base;

- ☑ Garantir que a aprovação do Marco Legal das Comunicações precisa entrar nas pautas do Grito da Terra, da Marcha das Margaridas, Festival da Juventude e plataformas dos candidatos orgânicos do MSTTR. Ao findar o trabalho deste grupo, os participantes, juntos, gritaram: COMUNICAÇÃO POPULAR É RESISTIR, É TRANSFORMAR, É COMUNICAR.



Violência no campo

Moderadora:
Cléia Anice Porto (Nicinha) – Associação Brasileira de Reforma Agrária – ABRA

Objetivos:
Compreender o que gera a violência no campo, suas expressões e conflitos e como os movimentos estão construindo resistências.

Os trabalhos foram iniciados com as apresentações dos participantes e socialização das motivações e referências dos e das participantes em relação ao tema. Em círculo, foi realizada uma leitura coletiva e comentário do poema a *Pedagogia dos aços* (TIERRA, 1996).

Em três subgrupos de reflexão, foram distribuídos trechos de notícias de jornais sobre crimes emblemáticos cometidos no campo, ocorridos em fases distintas da história e em diferentes lugares.

a) **Assassinato do Padre Jósimo Tavares**, ocorrido em Imperatriz/MA, em maio de 1986. Marcado para morrer, após denunciar um atentado às autoridades, o padre, que lutava ao lado de camponeses na região do Bico do Papagaio, foi assassinado nas escadarias da igreja, às vésperas do Dia das Mães.

b) **Massacre de Eldorado dos Carajás** – ocorrido em 17 de abril de 1996, na chamada Curva S da estrada PA 150, agora BR 155, quando 155 soldados da polícia militar dos estados do Pará e Maranhão fizeram trincheiras e assassinaram 19 camponeses e deixaram 69 feridos graves, com sequelas de longa duração.

c) **Massacre de Colniza/Mato Grosso**, ocorrido em 19 de abril de 2017, deixou nove mortos em uma região de elevado potencial madeireiro e minerário; nove camponeses foram surpreendidos por quatro pistoleiros encapuzados enquanto trabalhavam no Projeto de Assentamento Taquaruçu do Norte, onde viviam cerca de 100 famílias. O grupo invadiu a comunidade e matou os posseiros com tiros de armas calibre 12 e golpes de facão. De acordo com a perícia, houve tortura, pois vários corpos estavam amarrados e duas das vítimas foram degoladas.

d) **Chacina de Pau D'Arco/PA** – Em 24 de maio de 2017, ocorreu a segunda maior chacina do Brasil no campo em 20 anos. Foram assassinados 10 trabalhadores rurais, dentre estes uma trabalhadora. O fato aconteceu durante operações policiais na Fazenda Santa Lúcia, ocupada no dia anterior por famílias camponesas que lutam há anos pela área. Dos 10 mortos, 7 pertenciam à mesma família. O massacre ocorreu no Acampamento Nova Vida – que hoje carrega o nome da única mulher morta no massacre, Jane Júlia –, situado na Fazenda Santa Lúcia, no município de Pau D'Arco.

e) **Tortura e despejo em São João do Araguaia** – em 04 de maio de 2018, pistoleiros atacaram um grupo de 10 famílias Sem Terra, acampadas às margens do Rio Araguaia, no município de São João do Araguaia/PA. Homens encapuzados portando escopetas, pistolas e revólveres desencadearam uma sessão de tortura que durou quase uma hora e atingiu adultos e crianças. Os adultos foram espancados a golpes de paus, facões e coronhadas, e duas crianças de 3 meses sofreram com os tiros disparados próximos aos seus ouvidos, como forma de aterrorizar a mãe delas. Outras crianças foram derrubadas no chão e pisoteadas. Uma das mães que estava grávida também foi pisoteada e teve sangramento. Após as torturas, os pistoleiros colocaram fogo nos barracos.

Após a leitura das notícias, os grupos aprofundaram a análise dos temas, a partir das seguintes questões:

a) Por que matam no campo?

b) Quem são as vítimas da violência no campo?

c) Quem comete a violência no campo?

d Qual o papel do Estado neste processo?

e) Que lutas precisamos travar para enfrentar a violência no campo?

Considerações e complementos aos debates dos grupos:

Após a apresentação do trabalho dos subgrupos, foi realizado o debate, aprofundando questões, como: elementos centrais da questão agrária que persistem e se agravam na atualidade; concentração fundiária e "mercadorização" dos bens da natureza; desigualdade social; esvaziamento das instituições e das ações de Reforma Agrária, dentre outros que possuem relação com a violência e a impunidade no campo.

Foram destacados também os principais desafios da atualidade e as formas de luta pelo direito à terra e contra a violência. Este debate foi orientado pelo texto: *Da dor à conquista da terra – O caso de Eldorado dos Carajás.*

Para concluir a atividade, os participantes, em círculo, fizeram uma breve avaliação do trabalho. Na sequência, fazendo referência à esperança e à certeza de que a luta dos povos será capaz de transformar a realidade de violência, repressão e dor, os/as participantes fizeram a leitura coletiva da letra da música *Viverei* (2018), composta por Ana Cañas, em homenagem ao presidente Lula, preso em Curitiba. A leitura foi concluída com as palavras de ordem: Lula Livre e Reforma Agrária já!





Por que permanecer no campo? Dilemas e desafios da juventude rural

Moderadoras:

Mônica Bufon – Secretária de Jovens Contag

Luiza Borges Dulci – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Lívia Barreto – Assessora da Contag

Objetivos:

Discutir a importância da juventude na construção do desenvolvimento rural e as condições de permanência no campo.

Aos poucos, todos foram chegando e sentando-se nas cadeiras que já estavam posicionadas em círculo. Alguns dos elementos que simbolizam as lutas das juventudes estavam colocados ao centro (bandeiras, livros, etc) e, ao fundo, ouvia-se a música:

DEIXA-ME SER JOVEM

José Luiz Rizzieri

Deixa-me ser jovem, não me impeça de lutar,
pois a vida nos convida a uma missão realizar [...]

Quando já estávamos em um bom número, Mônica deu as boas-vindas, iniciando a apresentação com o nome da pessoa e o estado que representavam. Depois disso, houve a divisão em pequenos grupos para discutirem o papel da juventude e o que é necessário realizar para permanecer no campo.

O relato dos trabalhos foi apresentado em tópicos, mostrando "o que é preciso":

- Fortalecer a formação da juventude nas bases. Os jovens estão dispersos, com falta de informações sobre o Movimento Sindical, sobre políticas públicas, sobre direitos e a falta de motivação.

- Lutar por escolas de todos os níveis no meio rural: creches, fundamental, médio, técnico e superior, para que a juventude não precise sair do campo para estudar.

- Mudar os currículos das escolas das zonas rurais ou de municípios majoritariamente rurais: não dialogam com a realidade do campo e estimulam os jovens a ir embora.

- Envolver a família nas conversas sobre juventude, porque é muito comum que os próprios pais incentivem seus filhos e filhas a irem embora: "Não quero que você pegue na enxada como eu peguei".

- Apontar outras atividades possíveis no campo, além de simplesmente plantar, como: trabalhar administrando cooperativas, planejando sistemas de irrigação, produzindo eventos culturais e econômicos, ensinando.

- Mostrar para a juventude quais são suas possibilidades, oferecer meios para que cada um conheça seu potencial.

- Salientar que a formação com os seus educadores e educadoras populares têm papel fundamental na conscientização e estímulo: mostrar caminhos, onde procurar o conhecimento, mostrar a importância da luta e cativar a juventude para atuar em suas comunidades.



Emenda constitucional 95, que trata do congelamento dos gastos públicos por 20 anos

Moderadores e Moderadora

Matheus Magalhães e Thalita Oliveira do INESC
Ramix Júnior – Funcionário da Contag
Anajá Teixeira – Educadora Popular da Enfoc e assessora da FETAG/RS

Objetivos:

Compreender como a Emenda Constitucional 95 funciona, que implicação promove nas políticas sociais e na classe trabalhadora.

Para integração do grupo, foram entregues tarjetas nas quais os participantes anotaram nome, de onde estavam vindo, e uma das conquistas que gostariam de adquirir. As principais conquistas desejadas foram: *participação, acesso à terra, liberdade de comércio, direito a participar do orçamento, justiça e igualdade, saúde pública de qualidade para o campo, liberdade de expressão, alimentação saudável, educação de qualidade no campo, justiça para todos, PRONAF jovens, trabalho digno.*

Foram constituídos, num segundo momento, quatro subgrupos para um debate a partir da pergunta orientadora: **Qual a concepção do teto dos gastos?**

GRUPO 01: A PEC restringiu direitos, e isso foi um golpe na classe trabalhadora, um golpe dividido em três partes: retirada de Dilma da Presidência, aprovação das PECs e prisão política do presidente Lula.

GRUPO 03: Perda dos direitos: saúde, educação, desigualdade social. Desestabilização da classe trabalhadora com retrocesso de direitos.

GRUPO 02: O conceito do teto é sem gestão participativa, menos investimentos nas políticas públicas.

GRUPO 04: Economizar mais. Foi uma forma de manter os gastos públicos. É um retrocesso na saúde, educação e segurança.

O terceiro momento foi dedicado às contribuições de Matheus e Thalita sobre o tema. Matheus explicou que despesas primárias são as realizadas em compras, pagamentos e investimentos. Financiamentos não. Apresentou um cartaz indicando o percentual de aumento dessas despesas de 2016 a 2017, a ser comparado com o percentual de aumento da inflação no mesmo período:

- **despesas:** 2,023 e 2,093
- **inflação:** 3,41 e 2, 96

Apresentou também os cortes nas políticas públicas e sociais no primeiro ano de funcionamento da EC 95:

Seguiram com as informações e explicações, apresentando uma tabela com dados voltados à agricultura, na qual há uma descrição das ações e as reduções de investimentos no período que vai de 2016 a 2017. Este foi o quarto momento da oficina.

Os participantes da oficina voltaram ao debate, num quinto momento, orientados pelas perguntas:

- Se a economia crescesse e as receitas aumentassem, essa realidade de corte dos recursos para direitos sociais mudaria? O que podemos fazer frente a esse desafio do teto dos gastos?

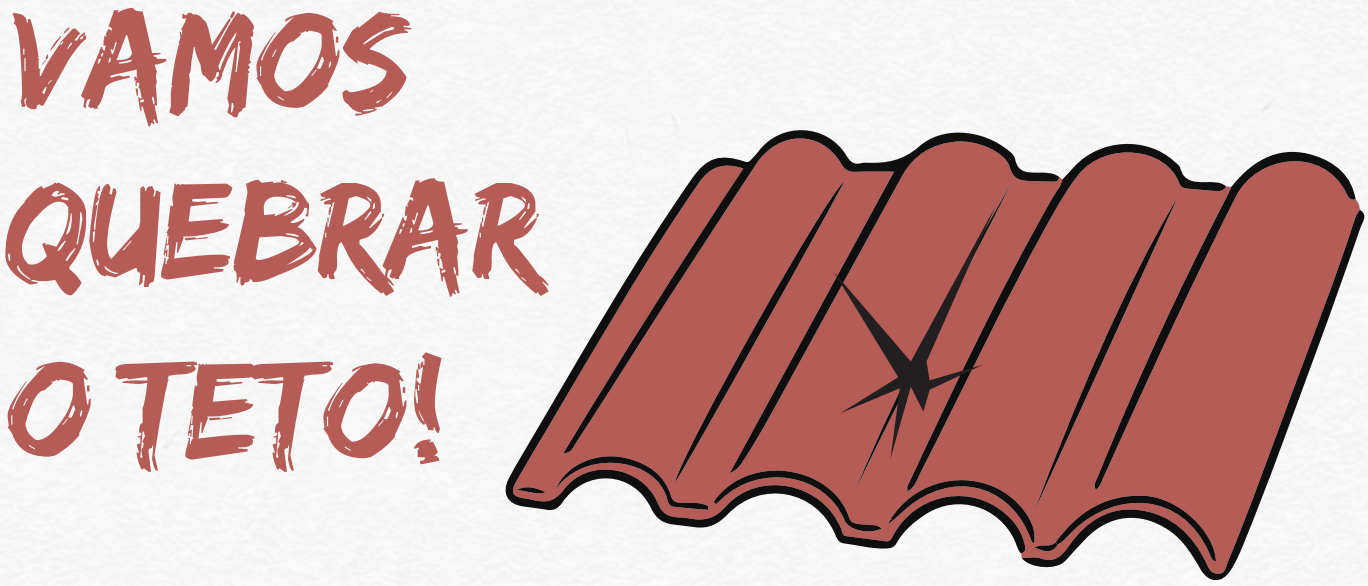
Em síntese, o que os grupos trouxeram para reflexão:

- ✓ Não mudaria por conta da emenda que está congelada por 20 anos. Temos que mobilizar as bases para pressionar a revogação da Emenda 95.
- ✓ É preciso lutar, resistir para transformar.
- ✓ Entendemos que atualmente não se trata de uma situação econômica e sim de um projeto político. Eleger candidatos comprometidos com as pautas da classe trabalhadora continua sendo a saída.
- ✓ Temos que ter candidatos orgânicos que representem a nossa classe; temos de elaborar um plano de governo e apresentar as propostas através de uma base sólida, compacta e coletiva. Não adianta ser intitulado de movimento, é preciso encurtar esse distanciamento entre a população e seus representantes. É preciso empoderar os conselhos institucionais.



Por último, foi sugerido que cada participante da oficina, individualmente, respondesse à pergunta: **Que potência nós temos para agir frente a esse desafio (teto dos gastos)?** E que colocasse sua resposta numa das pedras que ficaram à disposição do grupo.

Em seguida, foi colocado um telhado ilustrativo (que significava o congelamento dos investimentos), onde os participantes foram jogando suas pedras para quebrar o telhado. A orientação para a ação foi:
Vamos derrubar o teto! #OcuparOpoder!



Várias pedras foram lançadas, com os dizeres: participação popular, ação de massa, conscientização política, voto, mobilização de base, ocupação dos poderes, força, coragem, esperança. Depois o grupo refletiu sobre a importância desse tema nos espaços formativos e agradeceram ao INESC pela colaboração.

Eleições e Reforma Política

Moderadores:
Carlos Augusto S. Silva (Guto) – Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag
Ivaneck Perez – Assessor da Contag

Objetivos:
Analisar o processo eleitoral e a reforma política no atual contexto

Iniciamos a oficina com as apresentações dos presentes e, logo, passamos a uma roda de conversa orientada pela pergunta: **Como estamos vendo as eleições?** Muitas pessoas falaram, concordando que está havendo muito descaso com a política e, consequentemente, a sua criminalização.

Ao findar esse primeiro diálogo, foram organizados três grupos que discutiram as seguintes questões:

a) Como deve ser a participação e acompanhamento do Movimento Sindical na reforma política?

b) Quais as propostas do Movimento Sindical à reforma política?

Depois dos debates, os grupos apresentaram suas contribuições, resumidas nos seguintes pontos:

- ☑ Os debates para as eleições devem ser norteados pelo tipo de país que queremos construir.
- ☑ É preciso haver assembleias e atos públicos para discutir política.
- ☑ Unificar as eleições.
- ☑ Selecionar nomes para cargos políticos.
- ☑ Que o voto não seja na pessoa e sim no projeto.

Por fim, fizemos uma ciranda de encerramento, demonstrando o compromisso com essa discussão e agradecendo a todas e todos pela contribuição.

Cidadania e participação popular

Moderador e Moderadora:

Tobias Pereira – Levante Popular da Juventude

Socorro Simas – Assessora da Contag

Objetivos:

Debater a importância da participação popular no atual contexto político brasileiro.

Quando praticamente todas as cadeiras estavam cheias, foram dadas as boas-vindas, feita uma breve apresentação dos participantes do grupo e a leitura de um poema. Após todos se olharem e procurarem reconhecer um ao outro, fizemos, conjuntamente, um resgate dos principais pontos apresentados nos painéis sobre o Golpe de 2016 e sobre Campo, Sujeitos e Identidade.

Tobias fez uma apresentação dialogada sobre cidadania, democracia e participação popular, e depois passamos ao debate.

PROVOCAÇÕES DA MODERAÇÃO

Conceito de democracia e cidadania.

Se o poder é do povo, quem se apropria do poder?

Formas de exercer a cidadania.

Limites da democracia e sua relação com o modo de produção.

Limites dos modelos: é necessário escolher até onde se deve permanecer nele e qual o momento de mudar.

É necessário ocupar os espaços de participação para exercer a cidadania.

O processo de transição da ditadura para a democracia foi lento e deixou muitos resquícios da sua estrutura.

REFLEXÕES DO GRUPO

Pela nossa diversidade no campo, alguns processos ainda carregam traços do feudalismo, como é o caso da "meia" na produção da farinha.

É preciso valorizar o processo de construção da participação popular, que nos períodos de repressão muitas vezes teve que ser feito com as portas fechadas e sobre o sangue de companheiros.

A Educação Popular/Formação são lugares estratégicos. É necessário alargar esses caminhos. O desafio é reconstruir a esquerda mediante um processo de militância que ultrapasse os conflitos internos.

O desafio é mobilizar. O povo quer Lula, mas não vai para a rua. As lideranças não têm militância.

Com o avanço do processo democrático, foram construídas experiências fantásticas como o orçamento participativo em alguns municípios, mas há um limite do papel institucional.

A partir dos anos 2000, ocorreram mudanças no papel dos Movimentos Sociais que, por se sentirem próximos ao governo de esquerda, priorizaram o processo de negociação ao de enfrentamento.

A base do movimento ficou restrita a dirigentes.

Não houve continuidade na disputa da consciência, o que pode ser visto como um erro tático.

Os modelos têm limites. É necessário superá-los numa perspectiva revolucionária. Lula é fundamental, mas não é suficiente.

Qual é o papel da Educação Popular e do trabalho de base? Dar o peixe para quem tem fome; ensinar a pescar; tomar os rios que estão sendo privatizados.

Não existe solução individual para problemas.

Temos que sair daqui com uma reflexão histórica do processo e voltar para a base. É preciso encantar, trabalhar com a emoção das pessoas. A emoção tem que chegar ao povo.

É preciso intensificar o processo da multiplicação da Educação Popular,

A atuação como dirigente sindical e a militância têm que caminhar simultaneamente.

As dificuldades têm que ser trabalhadas dentro das próprias entidades para superação dos conflitos.

O problema é conhecido e nos move, mas o que faremos?

Voltar para a base; esclarecer a própria família sobre a conjuntura e os problemas estruturais; formar grupos de mulheres para debater e atuar; resgatar a participação nos conselhos e pequenos espaços comunitários; mobilizar a juventude que deve ser protagonista desse processo.

É necessário fazer a crítica, mas não deixar de construir propostas e encaminhá-las.

A participação nos conselhos deve ser feita com propostas construídas coletivamente, reforçando a representação e a representatividade.

Ao final, o grupo celebrou com cantos e poemas. Uma forma de agradecimento coletivo e de ressaltar a importância desse tema nos processos formativos do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.


GRUPO
9
REFORMA DA
PREVIDÊNCIA









Criminalização dos Movimentos Sociais e Sindicais do Campo

Moderadores:
Elias D'Ângelo – Secretário de Política Agrária da Contag
José do Carmo – Universidade Federal de Goiás – UFG

Objetivos:
Debater a criminalização dos Movimentos Sociais e Sindicais e como os movimentos têm atuado no sentido de assegurar a efetivação de direitos dos povos do campo.

Concentração de renda, de riqueza e de terra e os desafios para a agricultura familiar

Moderadores:
Antoninho Rovaris – Secretário de Política Agrícola da Contag
Max Leno de Almeida – DIEESE/DF
Arnaldo Brito – Assessor da Contag

Objetivos:
Debater sobre a crescente concentração de renda, de riqueza e de terra no Brasil e os impactos desse processo para os trabalhadores/as agricultores/as familiares.

GRUPOS DE INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS ORGANIZATIVAS E PRODUTIVAS

Constituíram-se 20 grupos a partir das 411 experiências organizativas e produtivas do Movimento, para a troca e debate de experiências de formação de base. Em cada grupo, no máximo três experiências foram apresentadas. As escolhas para participação nos grupos ficaram a critério dos participantes das experiências e recomendações de seus Sindicatos e Federações.

1) Experiências de Grupos de Estudos Sindicais – GES – Formação de base.
2) Experiências de Grupos de Estudos Sindicais – GES – Organização e luta dos sujeitos do campo.
3) Experiências de Grupos de Estudos Sindicais – GES – Lutas por direitos nos espaços locais (3).
4) Experiências de Mulheres – autonomia econômica.
5) Experiências de Mulheres – direitos das mulheres e enfrentamento às formas de violência.
6) Experiências de Juventude – organização e participação política
7) Experiências de Juventude – Programa Jovem Saber e outros processos de formação de base.
8) Experiências de Organização Produtiva – Agroecologia.
9) Experiências de Organização Produtiva – Comercialização.
10) Experiências de Associativismo e Cooperativismo.
11) Experiências de Sustentabilidade Político-Financeira.
12) Experiências de Educação do Campo.
13) Experiências de Organização Sindical (Conselhos de base/Delegacias de base).
14) Experiências de Formação com a Terceira Idade.
15) Experiências de Organização pelo Direito à Terra, à Água e ao Território.
16) Experiências pelo direto à Saúde das Populações do Campo, das Florestas e das Águas.
17) Experiências de Formação – Mutirão Sindical Itinerante.
18) Experiências de Cultura e Comunicação.
19) Experiências de participação e controle social.
20) Experiências de formação com crianças e adolescentes.

Integrantes da Rede de Educadores e Educadoras Populares e da Equipe Pedagógica da Enfoc assumiram a responsabilidade de coordenação dos trabalhos dos grupos. Foram passadas algumas orientações para os/as moderadores dos grupos para favorecer o relato dos saberes das experiências, acolhimento e integração dos participantes de cada grupo e debate.

Orientações de metodologias para os trabalhos dos grupos:

a) Exposição de fotos, banners, camisetas, materiais referentes às experiências (podendo com esses objetos construir mandalas).

b) Dinâmica da roda maluca: uma roda externa e outra roda interna, com os/as participantes formando duplas, um de frente para o outro, para falar de suas experiências.

No 1º giro da roda, foram lançadas as perguntas:

- Onde e como surgiu a minha experiência?
- Como se organiza e qual a rotina de reuniões/encontros da minha experiência?

No 2º giro da roda, as perguntas foram outras:

- Quais são os sujeitos envolvidos nessas experiências?
- Em torno de que temas/bandeiras de lutas esses sujeitos se organizam?

Ainda foi sugerido um 3º giro da roda e a socialização das sínteses dos diálogos no grande grupo.

c) Conclusão dos debates orientados pelas questões:

- A partir da sua experiência, o que fazer para enfrentar a atual conjuntura? (Resistência)
- Em que estas experiências contribuem para fortalecer as lutas do MSTTR? (Transformação)

d) Construção coletiva de um painel ou estandarte para a participação de todos/as em um cortejo nas dependências da universidade.






EDUCAÇÃO
DO
CAMPO


14


BASTA DE
VIOLÊNCIA
CONTRA AS MULHERES





A seguir, apresentamos sínteses das reflexões dos trabalhos de grupos e fotos reveladoras das dinâmicas vividas.

Experiências de Grupos de Estudos Sindicais – GES – Formação de base

Moderadoras:
Mônica (SE) e Jenicélia (SE)

Experiências de Grupos de Estudos Sindicais – GES – Organização e luta dos sujeitos do campo

Moderadoras:
Jaqueline (CE), Lucilene (CE) e Francisca (CE)

Experiências de Mulheres – autonomia econômica

Moderadoras:
Gilcelia (PE) e Silmara (RN)



Experiências de Grupos de Estudos Sindicais – GES – Lutas por direitos nos espaços locais

Moderadoras e Moderador:
Elizamar (RN), Renata (PA) e Jussiê (PI)

Os participantes desse grupo foram, predominantemente, oriundos de grupos sindicais que compartilharam de forma participativa suas experiências de formação de base.

Foi percebido que havia distância entre o STTR e o associado. Por meio de reuniões com a diretoria, foram resolvendo a questão e, com a criação do GES, facilitou todo o processo. Os relatos também mostraram que é feito um trabalho de esclarecimento de direitos e valores dos associados em relação às políticas públicas.

Esse Grupo faz um trabalho de formação através do GES, para preparar e incentivar as pessoas para as mobilizações. Onde foi criado o GES, mudou a relação dos trabalhadores e trabalhadoras com os Sindicatos em função das discussões que os GES promovem junto à base. É possível perceber:

- ✔ estímulo aos jovens a se associar aos sindicatos;
- ✔ comunicação por meio de programa de rádio;
- ✔ diretorias mais comprometidas com o Movimento e com as pautas que promovem transformação;
- ✔ organização das comunidades
- ✔ fortalecimento da identidade camponesa.

Quanto à resistência para enfrentar a atual conjuntura, houve destaque às mobilizações e Movimentos de Mulheres; à Feira da Agricultura Familiar, às oportunidades criadas pela formação que a Enfoc proporciona; à parceria com o poder público (em alguns casos, boa; em outros, nem tanto). O grupo chamou a atenção da juventude para a necessidade de ampliar a formação e assumir a luta sindical.

O grupo também manifestou que, em alguns lugares, as pessoas que fazem os cursos na Enfoc têm dificuldades de pôr em prática o que aprendem, pois muitas vezes causam conflitos com posturas de diretorias pouco comprometidas com pautas mais à esquerda.

Experiências de Mulheres – direitos das mulheres e enfrentamento às formas de violência



Moderadoras:
Lérida (RS), Paula (RS) e Wilma (PB)

Vieram experiências de muitos lugares, de associações de mulheres, das secretarias de mulheres, de mulheres que se organizam em feiras, usando redes sociais para a troca de experiências na organização, venda e compra de produtos e que ainda realizam programas de rádio, denunciando casos de violência, grupo de mulheres negras quilombolas, grupo de mulheres de periferia urbana.

As experiências revelaram que a violência contra a mulher vem sendo enfrentada, mas nem sempre de forma suficiente. Embora haja algumas conquistas, como a abertura de delegacias de mulheres em alguns municípios, um trabalho de incentivo à participação sindical e política da mulher (inclusive lançando candidaturas) em outros, a paridade conseguida nas direções de alguns sindicatos, e a persistente denúncia de formas diversas de violência signifiquem avanços, ainda há muito o que fazer. A formação deve promover cursos especiais para as mulheres e ter sempre a preocupação de pautar o tema da violência nas suas atividades. O Brasil é o 5° país do mundo com mais assassinatos de mulheres e o 1° da América Latina.

Depois do debate, passamos à construção coletiva de um painel abordando a relação entre a conjuntura do país e a forma como o MSTTR trabalha os elementos de resistência e transformação. O painel teve como título *Mulheres contra todas as formas de violência*. Terminado o painel, nos juntamos aos demais grupos para dar continuidade ao nosso 5° Enafor.

Experiências de Juventude – Organização e participação política

Moderadoras:
Diana (RS), Navegantes (CE) e Anecy (MA)

Começamos ouvindo os jovens a narrar suas experiências com alegria e empolgação. Ouvimos relatos de excelentes experiências que podem ser compartilhadas ao retornarmos aos nossos estados: jovens que não tinham nenhuma ligação com os STTRs e que hoje são militantes e saem em busca de outros jovens onde eles estão (bar, campo de futebol), para também participarem de atividades sindicais. Há grupos do "Jovem Saber" formados em quase todo o Brasil, jovens cuidando de outros jovens.

Foi possível perceber que nossa juventude está promovendo mudanças em sua realidade e, por meio da educação, influenciando outros jovens a fazer o mesmo. Identificamos: cursos estaduais da Enfoc; reuniões de base; turmas do Jovem Saber com disposição de continuar formando mais grupos de jovens, de mulheres e de idosos dentro dos sindicatos e de despertar a participação contínua do jovem no sindicato.

A pergunta final era a chave mestra: **O que fazer com a juventude?**

Fortalecer sua participação efetiva nas diretorias dos sindicatos, pois, mesmo sendo estatutário, ainda existe sindicato que não tem jovens na diretoria. Lugar de jovem é no sindicato, sim, e não como foi lembrado que "sindicato é pra velho e não para jovens".

Partimos, finalmente, para a construção de um banner, momento em que todos queriam mostrar suas opiniões em forma de palavras de ordem e desenhos. Olhem como ficou lindo nosso trabalho!

Experiências de juventude – Programa Jovem Saber e outros processos de formação de base

Moderadoras e Moderador:
Cláudia(PE), Edilúcia e Silvana (BA), Francisco Cleusimar (PA)

As experiências relataram como o Programa Jovem Saber e os GES são porta de entrada dos jovens no Movimento Sindical; que o sindicato precisa não só trabalhar com jovens, mas também com crianças e mulheres; trouxe ainda a experiência de fazer cinema nas comunidades, dia de campo, noite cultural, concluindo que trabalhar com jovens é muito prazeroso, o que nos motiva a fazer movimentos com a juventude.

O grupo também levantou problemas: o problema da sucessão rural apareceu logo, logo; a dificuldade para o jovem ocupar espaços também; de levar os jovens para as reuniões, até porque há presidentes de sindicato que alegam que os jovens não se interessam.

As discussões apontaram a importância de se trabalhar a participação dos jovens nos espaços político-partidários e de controle social. Apontaram também que as experiências com os jovens têm contribuído para a atuação qualificada da juventude no Movimento e para reconhecimento da sua identidade.

Fizemos um lindo estandarte com um "grito de ordem": JOVEM, SABE QUAL É SUA MISSÃO? É LUTAR COM RESISTÊNCIA E FAZER TRANSFORMAÇÃO! Pintamos, colorimos juntos o estandarte e saímos em cortejo! Foi emocionante!



Experiências de Organização Produtiva – Agroecologia

Moderadora e Moderadores:
Alionardo (PI), Ingracia (BA) e Aldo (PA)

Um dos maiores desafios revelados pelas experiências não é recuperar e trabalhar com a terra, e sim fortalecer os valores culturais e naturais que foram perdidos com o tempo. Percebemos que este processo de conscientização é, ao mesmo tempo, resistência e transformação para uma agricultura familiar agroecológica. Quase em um único som, os participantes do grupo contaram que foi a partir de grupos de agricultores que começaram a se organizar em cooperativas, associações e escutar uma rede de consumidores que tinha interesse numa alimentação saudável.

Na troca de experiências sobre agroecologia, tendo em mente a palavra resistência, surgiram muitas ideias, como a necessidade de unificar os movimentos e levar para as bases informações verdadeiras sobre o tema. Outros pontos levantados foram que não adiantava apenas um discurso; é preciso divulgar ações, trocar saberes, viver a agroecologia nos seus aspectos produtivos e culturais.

O grupo concordou que é necessário organizar formação continuada incentivando a preservação da natureza, a redução do uso de agrotóxico e a unificação de forças aprendendo a trabalhar coletivamente.

Chamou atenção a participação da juventude neste processo: os jovens têm a "cabeça aberta" para novas coisas e são eles/as os mais indicados para protagonizar mudanças.
Por fim, e tendo em mente o lema do 5° Enafor – **Resistir e Transformar** –, foi criado um painel todo colorido e cheio de significados para a Agroecologia.

Experiências de Associativismo e Cooperativismo

Moderador e Moderadora:
Gilberto Viegas (Contag) e Fabiana (AL)

Conversamos sobre as experiências que trouxemos sobre os temas do Associativismo e Cooperativismo de nossos estados. Depois de sabermos que tinha gente de Alagoas, do Maranhão, do Rio Grande do Sul, de Goiás, permanecemos alguns instantes em silêncio, refletindo sobre a fala de cada um.

Seguimos nossa atividade refletindo como nossas experiências poderiam contribuir para enfrentarmos a conjuntura que estamos vivendo. Vieram muitas ideias, mas compreendemos que é necessário "retomar o trabalho e formação de base; discutir com a comunidade sobre os problemas e as ações que precisam ser realizadas; fazer ver que ações coletivas contribuem para mudança de cenário". Entendemos que é necessário também eleger representantes da agricultura familiar para as assembleias municipais, estaduais e federais; realizar assistência técnica com qualidade; buscar políticas públicas voltadas para a agricultura familiar. Concluímos em alta voz dizendo: "Coragem e Resistência!"

Experiências de Educação do Campo

Moderadores:
Oscar (AL), Lacerda (Contag) e Denilson.

Das experiências apresentadas, houve destaque para as Licenciaturas em Educação do Campo, que ocorrem em universidades públicas com recursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

Após as apresentações e debates, o grupo apontou os desafios e suas propostas: Continuidade da luta pelo fortalecimento e ampliação de todas as ações do Programa Nacional de Educação do Campo – PRONACAMPO; continuidade da luta pelo fortalecimento e ampliação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA; maior participação do MSTTR nos espaços de gestão e controle social

das políticas públicas de Educação do Campo; luta para coibir o fechamento das escolas no campo; maior integração entre a Educação do Campo e a Rede de Educadores/as Populares da Enfoc.

O grupo apontou também a necessidade de construir uma estratégia de articulação e integração das ações de Educação do Campo com as ações voltadas para a construção do desenvolvimento rural sustentável e solidário, fortalecimento da agricultura familiar e dos assentamentos da Reforma Agrária.

O GES tem exercido um papel importante para pautar esse debate nas comunidades e sindicatos.

Experiência de Organização Sindical (Conselhos de base/Delegacias de base)

Moderador e Moderadora:
Pinheiro (ES) e Viviane (PE)

Esse Grupo, além de compartilhar as experiências, teve como objetivo dialogar sobre duas questões: a primeira questionava sobre o que fazer para resistir à atual conjuntura e a segunda indagava como as nossas experiências contribuíam para o fortalecimento e a transformação das lutas do MSTTR.

Os participantes destacaram a importância de se ter um espaço sindical de base e como a Delegacia Sindical e atualmente os GES têm ajudado no trabalho de base dessas Delegacias, aproximando os STTRs de suas bases, mantendo as pessoas informadas. Concluiu-se que não há outro caminho para a resistência senão aproximar-se cada vez mais da base, fazer formação política e estar nas comunidades, além de conversar com o povo sobre as ações do Movimento.

Como painel síntese das nossas discussões, fizemos uma linda árvore que revelou as ideias-força do grupo. O tronco representava a base, os/as agricultores/as familiares e os galhos os diversos STRs. Nos juntamos, em seguida, aos demais grupos, caminhando e entoando: FORMAÇÃO SE FAZ NA BASE!

Experiências pelo Direito à Saúde das Populações do Campo, das Florestas e das Águas

Moderador e Moderadora:
Junior Pontes (Contag) e Anajá Teixeira (FETAG, RS)

Após as apresentações das experiências e debates, o grupo constatou que uma das questões que mais chamou atenção dos que ali estavam reunidos foi a de que o conhecimento é fundamental. Mencionaram que o não saber os leva a serem enganados, principalmente pelas indústrias farmacêuticas, que mais estão preocupadas com o lucro do que com a cura de uma doença. Diante disso, foi mencionado que olhar ao redor é necessário, compreender que o que está acontecendo é necessário para não se deixar intimidar pelo que está posto por quem tem poder.

Além de "saber compreender", muitos mencionaram que é preciso "saber escutar" e "saber de onde vêm" as informações. Há uma grande preocupação com os associados dos sindicatos pois eles estão buscando informações em redes sociais e deixam de escutar o que o MSTTR informa, gerando muitos desencontros de informações ou de ações.

Era muita coisa para ser tratada. As pessoas tinham a necessidade de ser escutadas, de contar como estavam sendo organizadas suas ações, suas "brigas" com secretarias de saúde para que o povo agricultor tivesse direito ao acesso. Mas precisávamos findar nossa troca e sair no grande cortejo pela universidade (UnB) e, para isso, fazermos, todos juntos, uma faixa que nos representasse e contribuísse para a animação do cortejo.

Munidos de tintas, fitas e ideias que se entrelaçavam, representamos na faixa construída coletivamente a saúde pública que o grupo mostrou desejar.

Experiências de Sustentabilidade Político-Financeira

Moderador e Moderadoras:
Ivan (CE), Maria das Dores (Nega) e Thalita (PA)

Experiências de Formação com a Terceira Idade

Moderadores:
Cadoná (Contag) e Zeny (BA)

Experiências de Organização Produtiva – Comercialização

Moderador e Moderadora:
Magno (BA), Gilberto Silva (Contag) e Bena (PA)

Experiências de Organização pelo Direito à Terra, à Água e ao Território

Moderadoras:
Ruth (TO) e Mônica (PE)










INDIO
NEGRO
Indígena
Afro
ÍNDIO
NEGRO



Experiências de Formação – Mutirão Sindical Itinerante

Moderadoras e Moderadores:
Elton (PE), Viviane (SE), Rosa (CE) e Eduardo (MA)

Experiências de Cultura e Comunicação

Moderadores e Moderadora:
Damião (AL), Ivan (BA) e Andressa (AL)

Experiências de Participação e Controle Social

Moderadoras :
Edjane (Contag), Joyce (DF) e Marília (TO)

Experiências de Formação com Crianças e Adolescentes

Moderadoras:
Rosângela (CE) e Camila (Contag)

OFICINAS PEDAGÓGICAS

As oficinas pedagógicas foram realizadas. Integrantes da Rede de Educadores e Educadoras Populares e colaboradores/as da Enfoc coordenaram os trabalhos dessas oficinas, atendendo às recomendações metodológicas de que houvesse a preocupação de contemplar dinâmicas de integração dos/as participantes e vivências criativas relacionadas ao tema da oficina.

As oficinas pedagógicas tiveram como objetivo estimular vivências pedagógicas a partir de diferentes linguagens da Educação Popular.

1. Educando na diversidade
2. Envelhecimento humano, ativo e saudável
3. Cultura Popular e Teatro
4. Linguagens criativas e comunicação popular
5. Dança circular e espiritualidade
6. Dança Afro
7. Música/Percussão – Pau e Lata
8. Criatividades metodológicas
9. Facilitação gráfica
10. Arte de anfitriar diálogos significativos
11. O que é militância?
12. Onde habita o meu preconceito? Mulheres
13. Onde habita o meu preconceito? Raça
14. Onde habita o meu preconceito? Religiosidade
15. Onde habita o meu preconceito? Orientação Sexual
16. Arte e cultura expressando resistências
17. Arte Afro – Expressões e Identidades
18. Rádio Popular expressando cidadania

As oficinas *Orientação Sexual* e *Dança Afro* não foram realizadas. Os educadores tiveram dificuldade de chegar à UnB por alguns motivos, especialmente em função da greve dos caminhoneiros (greve nacional realizada entre 21 e 30 de maio de 2018)

Educando na Diversidade

Moderadora:
Karla Fornari (UFPE)

Observadora:
Thalita Coelho (PA)

Em círculo, os participantes do grupo fizeram um alongamento e uma dinâmica para integração e formação dos grupos de trabalho. Em ciranda, ao som de *Pisa Ligeiro*, formaram duplas e depois quartetos.

O tema gerador "Diversidade" foi trabalhado primeiro, explorando as pré-noções sobre "O que é diversidade?" Depois, já em grupos, as pessoas refletiram sobre a pergunta: **Que diversidade carrego comigo?** Escreveram em tarjetas as sínteses das reflexões e colocaram-nas em três cartazes: mapa do Brasil (local de nascimento, moradia e elementos regionais); bandeiras (bandeiras de lutas) e árvores genealógicas (ascendência).

Foi realizada uma reflexão coletiva, centrada nos principais elementos colocados nas apresentações.

A abordagem inicial do conceito de diversidade foi relacionada aos diversos elementos da identidade cultural e regional dos integrantes do grupo, o que contribuiu para fortalecer as identidades regionais (mais amplas) e a capacidade de resistência dessas identidades. No momento seguinte, solicitou-se que os participantes identificassem os tipos de diversidade que carregam consigo.

Esses dois momentos provocaram os participantes a reconhecerem em si elementos de diversidade e a compartilhar com o grupo de forma a reforçar a resistência histórica e cultural das diversas regiões do país.

O compartilhamento dessa diversidade possibilitou ao grupo reconhecer a riqueza da diversidade das pessoas e das regiões, conformando um novo olhar sobre os "Brasis existentes dentro do Brasil". Esse reconhecimento abre uma possibilidade de transformação na forma de olhar os outros baseada na alteridade, no respeito e na desconstrução de preconceitos.

A constituição de grupos (homens e mulheres); agricultores/as familiares e assalariados rurais; indígenas; estudantes; jovens e adultos simboliza a diversidade e a resistência do povo

brasileiro; a possibilidade de transformação da luta e da organização do povo brasileiro, não apenas pelas singularidades territoriais/regionais, mas também pelas singularidades de temas/bandeiras de luta que cada indivíduo opta por defender e pela herança histórica dos antepassados.

A diversidade foi apontada como potência do Movimento Sindical e não como um problema. Deve ser utilizada para a transformação do Movimento Sindical em um espaço para todos e todas. Este espaço deve respeitar a diversidade dos sujeitos nos acampamentos, na direção das entidades e também nos espaços formativos (necessidade de transformação no Movimento Sindical).

Envelhecimento humano ativo e saudável

Moderador e Moderadora:
José Lourenço Cadoná e Adriana Souza
Assessores da Contag com a apoio de Iolanda Sousa

Inicialmente foi feita uma dinâmica: cada pessoa encheu uma bexiga, escreveu um "sonho" e colocou dentro da bexiga. A coordenadora, Iolanda da Contag, pediu para que todos/as protegessem seu sonho e a cada pessoa entregou um palito de dentes. Automaticamente as pessoas começaram a furar as bexigas umas das outras, e apenas umas quatro pessoas ficaram com as bexigas cheias. Ao final da dinâmica, Iolanda explicou que a expectativa era de que as pessoas ficassem todas paradas e assim ninguém destruiria o sonho de ninguém. Os participantes ficaram surpresos, pois pensavam que realmente deveriam destruir o sonho uns dos outros.

Em seguida, a secretária da Terceira Idade fez uma saudação às pessoas presentes. Logo depois, o moderador da oficina, Cadoná, assessor da Contag, abriu a conversa, provocando as pessoas a participarem, falando sobre a importância de a pessoa idosa sair de casa, divertir-se, cuidar da saúde e sobre a necessidade de ter segurança para então sentir-se bem. O tema do Enafor – **Resistir e Transformar** – foi instigante e muitas falas trouxeram a questão da resistência no campo.

Encerrado o trabalho sobre o envelhecimento, Iolanda e Adriana conduziram uma oficina de artesanato, na qual os participantes confeccionaram porta-canetas com caixas de leite.

Facilitação gráfica

Moderadora:
Carol – Kairós

Arte de anfitriar diálogos significativos

Moderadora:
Kairós

Cultura Popular e Teatro

Moderadora:
Lívia – Cia Burlesca de Teatro

Linguagens criativas e comunicação popular

Moderadora:
Lívia – Cia Burlesca de Teatro

Criatividades metodológicas

Moderador:
Alexandre Merrem – Educador Popular


MILITANTES


EDUCADOR/A


MACHISMO
MATA!


CONTAG/CUT




CAMINHOS DA FORMAÇÃO

Dança circular e espiritualidade

Moderadoras:
Iara Duarte Lins – Educadora Popular
Rosa Elva Zúñinga Lópes –- Secretária Geral do CEAAL[6]

Essa oficina pedagógica teve como objetivo compreender como a dança circular e a espiritualidade possibilitam narrar histórias, memórias, sensações, sentimentos, vida, morte e outros momentos importantes da vida humana, em uma perspectiva transformadora de práticas sociais. A dança circular faz parte de rituais das comunidades de diferentes povos e permeava as práticas ancestrais. Para que aconteça a dança circular, é preciso a autorização do corpo, ele nos "autoriza a ser" e "estar no mundo" e, a partir dessa autorização, cantamos, dançamos, criamos passos e gestos que, conduzidos por músicas, resgatam nossa memória afetiva, nossa espiritualidade e nos impulsionam para a vida. O corpo é um lugar de resistência e movimento, que cuida da terra, que milita, que ama, que odeia, que cala, que acolhe, que sorri, que chora, que concorda e discorda, que luta, que caminha e que precisa de leveza e firmeza para seguir na estrada da vida.

A oficina foi dividida em cinco momentos: O primeiro momento foi para conhecer o grupo, suas expectativas e o que conheciam sobre dança circular e espiritualidade; o segundo, para aprofundar o tema a partir de um diálogo com as moderadoras e o conhecimento do grupo; o terceiro, para preparar o corpo por meio de exercícios de yoga para a dança circular, ou seja, tomar consciência do seu corpo pelo ato de respirar. Foi utilizada a UPA yoga para a saúde; o quarto momento foi dedicado a dançar. Foram dançadas quatro músicas:

LOS CUATRO ELEMENTOS
Pedro Vadhar

Terra mi cuerpo
Agua mi sangre
Aires me aliento
y fuego mi espirito.

UMA HISTÓRIA
Palavra Cantada

Eu vou te contar uma história
Agora, atenção!
Que começa aqui no meio
Da palma da tua mão
Bem no meio tem uma linha
Ligada ao coração
Quem sabia dessa história
Antes mesmo da canção?
Dá tua mão, Dá tua mão...

[6] CEAAL – Consejo de Educación Popular de America Latina y el Caribe.



ALTISSIMO CORAZON

Selina Horowitz

Altissimo Corazon, altissimo Corazon
altissimo Corazon, que floresca
que floresca la luz
que floresca la luz
que floresca la luz, que floresca.

LULA LIVRE – RESISTÊNCIA

Claudinho Guimaraes

Pro Brasil andar pra frente
Vamos caminhar
Seja o elo da corrente
Vamos caminhar
O povo quer
O povo decide
O povo diz
Nós queremos Lula
Andando livre pelo país.

E o quinto momento, para partilhar a vivência de maneira coletiva, por meio das perguntas: **O que eu levo na minha bagagem? Como foi essa experiência?**

As pessoas que integraram o grupo, dentre outras coisas, levarão em suas bagagens: amorosidade, reconexão com suas essências, com sua infância, criatividade, religação com o sagrado, leveza, alegria, unidade, a possibilidade de movimentar o corpo e a alma para a vida no coletivo. Em círculo/roda, mãos seguram mãos, as pessoas se apoiam, se entregam e se acolhem. Reforçam que irão levar para seus processos formativos a dança circular.

Música e Percussão – Pau e Lata

Moderador:
Danúbio Gomes – Grupo Pau e Lata (RN)

Apoio:
Alexandre Francklin – Contag

Observadora:
Joyce (DF)

Iniciamos com as apresentações dos participantes em roda, com a dinâmica das pessoas se apresentando, quando recebiam uma bola (se apresentava a pessoa que recebia a bola e, em seguida, passava para outra se apresentar). Depois, começamos a fazer um ritmo com a bola e passamos a fazer o mesmo com os tambores.

Tivemos que ir para fora do espaço das oficinas, pois o batuque estava atrapalhando outras oficinas. Tocamos algumas músicas conhecidas e aprendemos outras.

Fizemos uma roda de conversa, quando foi relatado que o grupo "Pau e Lata" tem 22 anos e cerca de 350 componentes, e que ajudam no tratamento de deficientes. Os participantes da oficina disseram que irão levar as aprendizagens para suas bases e tentar implementar o pau e a lata para trabalhar com os jovens.

Observamos que as pessoas que participavam da oficina estavam ali porque queriam, e não porque sua delegação as colocou. Após o término das outras oficinas, foi chegando mais gente para compartilhar o ritmo conosco.

O que é militância?

Moderador:
Tobias Pereira – Levante Popular da Juventude

Observador:
Deilson (ES)

A oficina iniciou com a apresentação dos participantes e, em seguida, com um intenso debate sobre as características dos militantes. Surgiu no debate a discussão de que nem sempre o dirigente sindical é militante. Militante "nasce" militante, ou seja, ele é militante em sua casa, na família, na comunidade. O verdadeiro militante se envolve no processo político.

Após as apresentações e os debates, fizemos a leitura de um texto que nos fez refletir sobre nossos atos enquanto militantes. O texto nos fez observar as nossas falhas, e que nosso discurso geralmente está longe de nossa prática. Devemos aproximar a nossa prática e o nosso discurso, concluímos.



Onde habita o meu preconceito? Mulheres

Moderadora:
Vilenia Aguiar – Educadora Popular

A oficina teve início com uma rápida apresentação dos participantes. Em seguida, para motivar o debate, a moderadora leu um texto contando a história de um menino. Depois da leitura, as mulheres começaram a contar fatos relacionados ao preconceito vivido pelo fato de ser mulher, pela orientação sexual, religiosidade, profissão, patriarcado, machismo, estereótipos diversos e por vários tipos de violência.

Não temos escolhas e autonomia sobre nossos corpos. Mesmo com tanta forma de enfrentar a violência contra a mulher, ainda permanece muito forte essa cultura da violência.

A formação da Enfoc é um lugar de autoconhecimento e identidade pessoal e coletiva. Momentos interativos só entre mulheres, além de produtivos e construtivos, são espaços de diálogo e desabafo. A discussão de gênero não pode parar, tem que ser fortalecida e multiplicada.

Os preconceitos não nascem dentro da gente, eles são (depois) escritos dentro de nós. O preconceito é reflexo da cultura (patriarcado, cultura machista).

Depois houve um momento de avaliação, quando foram postos os sentimentos de gratidão pelo espaço que foi proporcionado pela oficina, e cada um/a relatou, por meio de uma palavra, o que significou aquele momento, tal como: respeito, gratidão, força, união, esperança, solidariedade e outros.

Encerramos gritando:

PRECONCEITO NUNCA MAIS!

Onde habita o meu preconceito? Raça

Moderador:
Amarildo Carvalho – Educador Popular

Gritaram-me Negra! A oficina começou com a leitura da poesia *Gritaram-me Negra*, de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, artista afro-peruana.

Em seguida as pessoas começaram a dizer quem eram, de onde vinham e em que a poesia lhes tocava. Foram trazendo a aceitação e a negação como uma construção social. Era visível que os participantes estavam envolvidos, viajando no tempo e percebendo que o preconceito racial mais notório é a realidade vivida.

Racismo é burrice! Foi a vez da música do rapper Gabriel, o Pensador (2002) mostrar a "naturalização" do preconceito nas instituições, na sociedade.

O grupo foi construindo a compreensão de que, mesmo nascendo negro, a tomada de consciência do ser negro requer ousadia e pertencimento. Como afirma Lélia Gonzalez (1988; 2019) "A gente não nasce negro, a gente se torna negro. [...]" É de grande importância colocar-se no lugar do outro; sentir que o negro vive!

A partir daí, foi sugerido aos participantes que, de olhos fechados e ouvindo a música *Maior* de Dani Black e Milton Nascimento (2015), pensassem sobre alguma situação de preconceito racial em que estiveram envolvidos/as ou presenciaram. O diálogo se estabeleceu.

"O mundo só será melhor quando for igual a 1", Essa frase vem da época do colegial, quando eu vivi o preconceito na pele, lembrou uma participante do grupo! Outras frases foram ditas, revelando experiências passadas.

GRITARAM-ME NEGRA

Victoria Eugenia S. C.Camarra

[...]
Alisei meu cabelo
Passei pó de arroz no rosto
E nas minhas entranhas
sempre ecoava a mesma
palavra:
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! [...]

RACISMO É BURRICE

Gabriel, o Pensador

[...]
Racismo, preconceito e
discriminação em geral
É uma burrice coletiva
sem explicação
[...]
O preconceito é uma
coisa sem sentido
Tire a burrice do peito
e me dê ouvidos
[...]

MAIOR

Dani Black e Milton Nascimento

Eu sou maior
Do que era antes
Estou melhor
Do que era ontem [...]

Em seguida, a moderação foi trazendo dados e compreensões.

- A identidade deve ser entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural. Como fortalecer uma identidade negra se sempre esteve em grau de subalternidade?

- O Brasil foi a segunda maior nação escravista da era moderna; o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão (1888); o penúltimo país da América a abolir o tráfico de escravos (1850) e o maior importador de toda a história do tráfico atlântico.

- O Brasil tem hoje a segunda maior população negra do mundo, com cerca de 80 milhões de indivíduos, só superado pela Nigéria. Mais de 60% da população carcerária no Brasil são compostas por negros e negras. Isto vem sendo denunciado, mas grande parte da população ainda desconhece. Precisamos compreender por que e divulgar.

- Mais de um século depois da abolição, as desvantagens e desigualdades geradas pelo regime escravista permanecem entre nós, e continuam sendo transmitidas entre as gerações

- No Brasil persistem grandes diferenças entre os indicadores socioeconômicos de brancos e negros e, o que é mais grave, vários desses indicadores não têm uma trajetória convergente

- Apesar disso, a sociedade brasileira continua negando a existência do problema e a necessidade de enfrentá-lo.

Também foram construídas algumas propostas para o MSTTR e para a Enfoc.

- Que as temáticas "raça e etnia" sejam trabalhadas em oficinas, mas também nas matrizes pedagógicas dos cursos da Enfoc e em outras atividades de formação no MSTTR, como abordagem para se entender a formação do pensamento brasileiro.

- Que os Sindicatos e Federações proponham essa temática racial nas estaduais e municipais durante todo o ano e que, durante o mês de novembro, seja o ponto alto dessa reflexão.

- Que sejam criados na Contag dispositivos de estímulo ao debate e participação de militantes negros e negras nas instâncias do Movimento Sindical (cota mínima de inclusão racial, dispositivo que foi recorde na inclusão de mulheres, jovens e idosos).

- Que a Contag e Federações promovam Encontros de Agricultores e Agricultoras Negras.

- Que se fomente nas escolas estaduais e municipais discussões sobre raça e etnia.



Onde habita o meu preconceito? Religiosidade

Moderador e Moderadora:
Tião Farinhada – Arte-Educador
Beatriz Rocha

Começamos com a apresentação dos orixás, explicando a participação que eles têm na natureza. No candomblé, orixá é natureza.

Estamos, neste coletivo, em uma grande miscigenação: negros, brancos, altos, baixos, magros e gordos, mas ninguém teve experiência com a cultura de matriz africana. Esta foi a primeira vez que as/os participantes da oficina ouviram falar do candomblé com um "outro" olhar.

Pelo fato de ser a primeira vez que se relacionaram com o candomblé, alguns estranharam e outros se jogaram no enredo da oficina. Todos absorveram as técnicas das danças de matriz africana reproduzidas pelos oficineiros. Houve pulso firme dos educandos quanto à intolerância religiosa, muitos deles tinham histórias a respeito do assunto tratado na roda de conversa. Muitos tinham um pouco de dificuldade por não saberem do assunto, mas foram quebrando a resistência e todos aprenderam e se divertiram.

Concluímos que todos/as nós aprendemos juntos/as a superar nossos preconceitos e desafios: eles com a dança e eu com minha primeira oficina, como professora, disse Beatriz. Grata ao evento por ter me proporcionado essa experiência. Ubuntu: Eu sou porque nós somos.





Arte e Cultura – expressando resistência

Moderadoras:
Layla Maryzandra e Dyarley Viana - INESC

Observadora:
Anajá (RS)

O espaço estava organizado com um tapume, latas de spray, imagens em folha de ofício e instrumentos de percussão. Foi realizada uma apresentação dos participantes de forma tradicional, mas circulando pela esquerda, como frisaram os educadores. Ao se apresentar, o último dos educadores contou um pouco do Levante Popular da Juventude. Informou que ele surgiu no Rio Grande do Sul e que agora está espalhado pelo Brasil; que se trata de um movimento social independente de jovens, ferramenta de luta das causas sociais.

Para melhor conhecimento dos participantes, os educadores perguntaram se alguém havia participado de atividade que envolvesse agitação e propaganda. Alguns levantaram a mão e revelaram o tipo de atividade.

Para facilitar os trabalhos, os participantes foram divididos em dois grupos, por livre escolha, um de percussão e o outro de "estêncil". Mas os participantes podiam se movimentar de uma para outra atividade. Era um conjunto de participantes composto predominantemente por jovens. Ao se dividirem em grupos, pelo menos duas pessoas mais velhas se retiraram não retornando a esta oficina.

Cada participante foi se aproximando dos materiais que mais chamaram sua atenção: uns, dos desenhos; outros, dos instrumentos musicais.

Num primeiro momento, fiquei observando como as pessoas escolhiam seus desenhos, para trabalhar com "estêncil". A educadora sugeriu que escolhessem os mais fáceis para aqueles que não conheciam a técnica. Ao escolherem, ela contou a história da técnica e o porquê desta técnica ser utilizada. Disse que era uma forma rápida de propagar uma informação.

Primeiro se escolhe um desenho e, com um transferidor, passa-se para um papel. Logo após, recorta-se a parte interna do desenho. Quando pronto, este desenho vazado é colocado sobre uma superfície (um muro, por exemplo), pregado com fita adesiva ou uma pessoa fica segurando. Quando fixo, passa-se tinta spray e o papel (gravura) é retirado e deixado ao lado.

Depois de ouvir essa explicação, me dirigi ao segundo grupo, o da percussão. Lá o educador estava dando continuidade a um exercício de escutar um som vocálico e a ele associar as batidas de pés. Cada um dos integrantes precisava entrar naquele ritmo que ele repetia com cada um e depois em conjunto. Quando todos conseguiram entrar em harmonia, ele passou a fazer este mesmo som com baquetas, para que eles percebessem que era aquele som que estava sendo reproduzido, novamente individualmente e depois coletivamente.

Aos poucos, entre risadas, os participantes foram pegando o ritmo, e foi surgindo o *Nego Nagô* da banda PJ e Raiz (2012).

NEGO NAGÔ

PJ e Raiz

Eu vou tocar minha viola – a – a,
eu sou o nego cantador.
O negro canta deita e rola – a – a,
lá na senzala do Senhor.
Dança aí, Nego Nagô! Dança aí, Nego Nagô!
Dança aí, Nego Nagô!
Dança aí, Nego Nagô – ô – ô –ô –ô –ô –ô... [...]

Uma jovem demorou um pouco mais para conseguir entrar nesse ritmo. Ao conseguir, ela deu um pulo de alegria! Após acertar o ritmo, o grupo aprendeu a seguir aqueles que davam os comandos, ou seja, os sinais que seriam utilizados para que eles soubessem quando algo iria iniciar, terminar ou pausar. Gradativamente, eles foram aprendendo a tocar, cantar e a andar; andaram e fizeram voltas.

Algumas pessoas que terminaram o trabalho com o "estêncil" foram participar da percussão. Não houve um momento de encerramento, as pessoas foram se retirando, permanecendo apenas uma que escolheu um desenho um pouco mais complicado e as pessoas que iriam com os instrumentos para um cortejo que deveria chegar à reitoria da universidade.

Arte Afro – Exposições e Identidades

Moderadora:
Layla Maryzandra – INESC

Observador:
Aldo Sena Conceição (PA)

Foi feita a apresentação de cada participante do grupo, revelando o seu nome e o estado onde vive. Em seguida, fizemos "um olhar para si", utilizando um espelho com o objetivo de entender "quem sou?" Realizamos um giro de conversas sobre o tema da oficina visto como objeto de resistência, das lutas e diálogo com a realidade afro, realidade cultural e pessoal.

Constatação importante: defender os direitos, realizar lutas de resistência, lutas por liberdade de escolhas. Cor, raça e etnia são elementos de enfrentamento contra uma parte da sociedade repressora, racista, homofóbica e machista.

Diversidade: respeito para com os outros para resistir e constituir identidade. O ato de fazer política, a partir do nosso próprio jeito de ser, reforça a identidade.

Ideias-força: libertar-se de um mundo racista, romper barreiras da sociedade machista.

Nesse sentido, devemos levar em consideração que a arte afro é parte da cultura oriunda desses povos e tem grande importância em nosso país. Na atualidade, a arte afro é fundamental para formar nossa identidade e a de nossa nação.

Pensamento sobre "tecido". Que entendemos por tecido? Tecer essas teias, fazer luta de classe para transformar e fortalecer os movimentos de massa, a identidade e características do sujeito. Tecido significa ideias para fazer sindicalismo popular. Significa olhar para trás, para a história, para entender o futuro.

Rádio popular – expressando cidadania

Moderadora e Moderador :
Barack Fernandes e Verônica Tozzi - Equipe de Comunicação da Contag

A oficina, ministrada pelo Barack e Verônica (Contag), iniciou realizando uma roda de apresentação. Quem se considera comunicador(a) popular não precisa ter curso acadêmico. Trataram da narrativa, de como falar em rádio, TV, jornal. Os trabalhadores que estão sintonizados na rádio recebem informações do sindicato e outras, como por exemplo, da Contag, sobre a garantia da safra, datas comemorativas, etc. Uma companheira falou que no Amazonas se leva cerca de 21 dias de barco para chegar a algumas cidades, por isso a importância da rádio é grande, facilita que as informações cheguem aos agricultores.

Nos governos Lula e Dilma, houve apoio às rádios comunitárias e a diversos meios de comunicação e instituições como: Mídia Ninja, CUT e a própria Contag.

Os participantes foram divididos em grupos para construírem elementos que podem contribuir na comunicação em rádio, TV, vídeos e jornal.

Concluiu-se que a rádio é necessária para se chegar mais próximo à base, mas, para isso, é preciso saber qual o público, para quem falar e o que se vai falar. A rádio deve fazer a comunicação do jeito do povo; tem que saber o que o povo quer. A comunicação tem que acontecer da forma que o ouvinte entenda. A comunicação popular pode também ser feita através de teatro, repente, cordel, cantiga, vídeos no celular, etc.



AS ATIVIDADES CULTURAIS

Além dos painéis, grupos e oficinas, durante o 5º Enafor tivemos muitas outras atividades, programadas e espontâneas, como apresentamos a seguir:

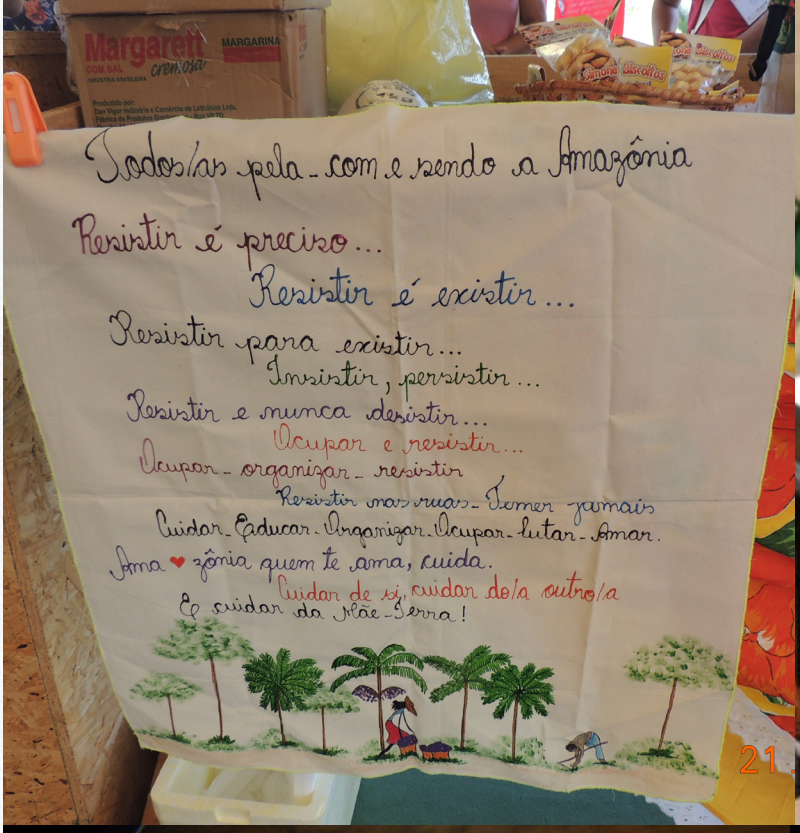
FEIRA DE SABERES E SABORES










Margarett
MARGARINA
cremosa
Todos/as pela - com e sendo a Amazônia
Resistir é preciso...
Resistir é existir...
Resistir para existir...
Insistir, persistir...
Resistir e nunca desistir...
Ocupar e resistir...
Ocupar - organizar - resistir
Resistir nas ruas - Temer - jamais
Cuidar - Educar - Organizar - Ocupar - lutar - Amar.
Ama ♥ zônia quem te ama, cuida.
Cuidar de si, cuidar de/a outro/a
E cuidar da Mãe-Terra!
21


MAG









MARGARIDAS EM MARCHA EM 2019

Plenária das mulheres

A Plenária das mulheres foi uma das atividades que ocorreu no primeiro dia do 5º Enafor, antes de ocorrer o lançamento da Marcha. A fala de Mazé Morais, que aqui resumimos, dá conta do que foi a atividade:

Quero ressaltar a importância das mulheres no processo de construção e desenvolvimento do 5º Enafor. Chegamos a mais de 60% de mulheres neste Encontro de Formação. É interessante que possamos nos distribuir nos diferentes espaços, nos diversos debates, nos momentos de apresentação das experiências de base, valorizar as discussões sobre o apoio às eleições de mulheres para cargos políticos e deixarmos expresso o olhar das mulheres na carta final do 5º Enafor.



Lançamento da MARCHA DAS MARGARIDAS 2019

22 de maio de 2018

Uma encenação de um grupo de "Margaridas" deu início ao ato de lançamento da MARCHA DAS MARGARIDAS 2019, já antecipando a força e beleza da manifestação. Duas mulheres, enquanto conversavam (Rosa e Adriana), repassavam ao 5º Enafor algumas informações sobre a Marcha: "Em agosto de 2019, vamos reunir cem mil mulheres em Brasília!"

E AÍ, MULHER! BORA CONSTRUIR A MARCHA DAS MARGARIDAS? VAAAAMOS!

"A MARCHA DAS MARGARIDAS já começou", brada Mazé Morais. Estamos construindo esta que é a maior mobilização das mulheres rurais da América Latina. Vamos apresentar para a sociedade nosso projeto político, mostrar o mundo que queremos. A mobilização faz parte de nossa luta e tem a cara de toda a diversidade das mulheres do campo, das águas e das florestas. Viemos aqui convidar a todas as "Mulheres e Homens Margaridas" para construir essa grande Marcha, refletindo sobre um mundo mais justo, um mundo igualitário como queremos. Essa construção é nossa, podemos contar com vocês?

O CANTO DAS MARGARIDAS

Loucas de Pedra Lilás

Olha, Brasília está florida,
estão chegando as decididas.
Olha, Brasília está florida,
É o querer, é o querer das
[Margaridas!
Somos de todos os novelos
De todo tipo de cabelo
Grandes, miúdas, bem erguidas
Somos nós as Margaridas.

Nós que vem sempre suando
Esse país alimentando
Estamos aqui pra relembrar
Esse país tem que mudar.

Olha, Brasília está florida...
(bis)

Água limpa sem privar
Sede de todos acalmar
Casa justa pra crescer,
Casa justa pra crescer,
Saúde antes de adoecer
Terra sadia pra lucrar
Canja na mesa no jantar
Um mínimo para se ter,
Um mínimo para se ter
Direito à paz e ao prazer.

E dentro e fora punição
Pra quem abusa do bastão
Do ser patrão, do ser machão
Não pode não, não pode não
Não pode não, não pode não!

Olha, Brasília está florida... (bis)

É o querer, é o querer das
[Margaridas!
É o querer, é o querer das
[Margaridas!

Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência

ATO DAS MULHERES CONTRA A VIOLÊNCIA

Durante o 5º Enafor, não aconteceram só atividades previamente planejadas. A dinâmica do evento também gerou algumas, entre elas, a encenação do repúdio coletivo, com a leitura de uma carta contra uma situação de intolerância e violência contra a mulher, vivida no Acampamento Lula Livre, mostrando a necessidade da luta feminista no enfrentamento ao patriarcado e a todas as suas formas de opressão. Isto ocorreu na noite de dia 24/05, depois que terminaram as oficinas pedagógicas.

A encenação encerrou com a apresentação da música *Andar com os próprios pés*, interpretada pelo Grupo Pau e Lata, coordenado por Danúbio Gomes.






ENCONTRO NACIONAL DE APROFUNDAMENTO TEMÁTICO E METODOLÓGICO DA JUVENTUDE
JOVEM SABER
LULA PRESO POLÍTICO
JOVEM SABER


REFORMA AGRÁRIA JÁ
REFORMA AGRÁRIA JÁ
JUVENTUDE RURAL
CONTAG

CHAMADA DO PROGRAMA JOVEM SABER

A juventude não podia deixar de mostrar sua criatividade. Com uma apresentação teatral, mostrou sua organização, as cotas conquistadas no Movimento Sindical e no Programa Jovem Saber.

PROGRAMA JOVEM SABER

Quebrando os protocolos e solicitando para que a Senadora Gleisi Hoffmann estivesse presente no ato de apresentação do Programa, a galera sobe ao palco e entra em cena relembrando alguns acontecimentos ligados à sua "história": decisões do 8º Congresso da Contag, criação e atuação da Secretaria de Juventude e construção do Programa Jovem Saber. Ao chamarem Mazé, surge uma jovem com a foto dela pendurada no pescoço, representando-a. Mazé estava no palco e foi visível sua emoção ao ver, nas falas da jovem, a luta que ela protagonizou enquanto estava naquela Secretaria. Colocou as mãos no rosto e, atenta, sorriu ao ouvir a sua própria história sendo contada.

Logo após, foi chamada Mônica que, com toda garra, passou a falar da reformulação desse programa de formação, enquanto foi aberto, ao centro do palco, um grande painel com o nome do programa no meio de um sol dourado/avermelhado.

Surgem jovens de todos os cantos e outro painel foi levado ao palco. Vários pontos da plenária foram se esvaziando, pois este 5º Enafor foi constituído por muitos jovens do Norte ao Sul deste Brasil. Ao som da música *Deixa-me ser jovem* (RIZZIERI, 1991), a galera foi se dissipando e retornando aos seus lugares.



JOVEM, SABE QUAL É SUA MISSÃO?

É LUTAR POR RESISTÊNCIA E FAZER TRANSFORMAÇÃO!
DEIXA-ME SER JOVEM, NÃO ME IMPEÇA DE LUTAR, POIS
A VIDA ME CONVIDA A UMA MISSÃO REALIZAR

CORTEJO, FEIRA DE TROCA DE SEMENTES CRIOULAS E BATALHA DA ESCADA

O cortejo foi animado por cânticos, e com pessoas portando os painéis e estandartes criados pelos coletivos das oficinas de intercâmbio de experiências. As palavras de ordem e animação, os cânticos e sons dos instrumentos de Tião Farinhada e Grupo Pau e Lata conclamavam as pessoas e indicavam os caminhos a serem trilhados para a chegada ao Teatro de Arena da UnB, onde aconteceu a "Troca de Sementes Crioulas do 5º Enafor" e uma "Batalha da escada", esta última, uma atividade promovida pelos estudantes da Universidade de Brasília, que se dedicam à "rima de improviso", e que acontece semanalmente no Teatro de Arena.

Música e reflexão sobre as sementes, ciranda para retratar que a partilha é necessária para continuarmos dando vida a tantas sementes que estão chegando à extinção por conta do agronegócio e agrotóxico, e apelo para a conservação da semente crioula criaram o cenário de uma tarde que findava e uma noite que chegava. "Precisamos, como educadores e educadoras populares, dar vida a essas sementes verdadeiras!"





Os estandartes que os grupos carregavam durante o cortejo foram colocados no chão, ao centro da Arena, quando as guardiãs apresentaram as sementes. Logo em seguida, aconteceu a esperada troca de sementes.

Muita sabedoria e sentimento de partilha víamos estampados nos gestos de cada um e cada uma e a certeza de que, em outros chãos, as sementes serão semeadas e novas vidas irão brotar.

Em seguida, os MCs (Mestres de Cerimônia e cantores de rap) começaram a batalha de rimas. Duplas se apresentavam e a plateia, levantando os braços, dava vitória ao melhor desempenho. Naquela noite, a MC Larissa Delfante nos representou recitando uma poesia-rima que tratava da Educação Popular e das lutas sociais.









MARGARIDAS EM LUTA

LariLuta

Margaridas estão unidas
Pra fazer a revolução
Cem mil mulheres nas ruas
Em marcha, em ação!

Na luta contra tudo
Que causa opressão
Da roça pra cidade
Não muda nada não.

Falou que é mulher
Tá sujeita à violência
Camponesa que enfrenta
Tá sujeita às consequências.

De um sistema que não aguenta
Ver mulher organizada
Protagonista da sua vida
Linha de frente da parada.

Mulher na liderança
Ainda causa estranheza
Mulher que questiona
Que argumenta
É mó treta!

Aqui tem camponesa
Organizando ocupação
Assalariadas conscientes
Pesadelo pro patrão.

Trabalhadoras que não querem
O papel de coadjuvante
Pescadoras que não aceitam
O papel de 'ajudantes'.

A ordem tá mudando
As mulheres ocupando
Das marés às quilombolas
As indígenas liderando.

Camponesas, sem teto
Dirigentes sindicais
Aqui tem mulher forte
Eu não vou deixar pra trás.

As guerreiras periféricas
Que no seu cotidiano
Enfrentam as mazelas
Do sistema desumano.

Do campo pra cidade
A violência está presente
Tem companheiro que faz o discurso
E se corrompe lá na frente.

Reproduz o machismo
E sustenta essa cultura
Que mulher é inferior
Desconsidera a nossa luta.

Mas nós somos margaridas
Do campo e da cidade
Nossa luta é uma só
É pela nossa liberdade!

Se Joga, Galera!

"A caminhada foi sensacional! Todos "participativos" desde as discussões dos grupos, compartilharam a alegria da caminhada e as sabedorias mostradas na feira que revelaram a diversidade de sementes e saberes riquíssimos."

"À noite, o espaço da Plenária foi ocupado com as vivências culturais. Vimos, ouvimos e sentimos as maravilhas que o canto e a dança podem proporcionar, revelando as diversidades culturais regionais."

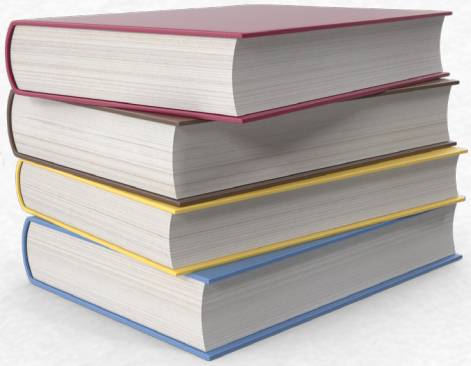
ABRAÇO SIMBÓLICO À REITORIA DA UNB

Um segundo cortejo à Universidade de Brasília iniciou, ao cair da tarde do dia 24/05, quando os/as participantes do 5º Enafor, com a animação que caracterizou todo o Encontro, deram um grande abraço à Reitoria da UnB, concentraram-se em frente ao prédio e representantes da Contag e da Reitoria da Universidade celebraram compromissos e agradecimentos pelas trocas, acolhimento e animação durante os dias em que o acampamento esteve instalado. Em seu pronunciamento, a reitora Dra. Márcia Abrahão apontou dificuldades, mas também o empenho da Universidade em desempenhar, com zelo, seus compromissos com a pesquisa e a educação.





LANÇAMENTO DE LIVROS



Foram lançados os livros:
Princípio às estratégias da luta política, de Acilino Ribeiro, com apresentação e prefácio de Alberto Broch.

Mulher, amor e revolução, de autoria de Acilino Ribeiro, com apresentação e prefácio de Thaísa Daiane e Mazé Morais.

ARTE E CULTURA

Além das expressões artísticas que espontaneamente brotavam no Encontro, não podia faltar uma programação que desse um espaço ao teatro, à dança e à música. Foi então que pudemos assistir a uma peça da Cia Burlesca de Teatro, *Santa Dica*; um espetáculo com Martinha do Coco, o Ato Cultural dos estados e uma apresentação especial do Grupo Pau e Lata.

Do lado de fora do acampamento, junto às barracas dos ambulantes que lá se instalaram, nossa gente não deixou de dançar e cantar provando a tapioca, a sopa quentinha, o churrasquinho de "carne de gato" e o cachorro-quente, regados à cerveja, quentão e cafezinho que a noite comprida e fria e o céu estrelado do Cerrado demandavam aos mais resistentes.





ESPAÇOS DE CUIDADO

As crianças protagonizaram momentos da mística de forma muito linda, mas também tiveram seus espaços – **Espaço da Ciranda Infantil** – para brincar sob a orientação pedagógica de educadoras recreacionistas.



E a saúde de toda aquela gente reunida sob o frio/calor de Brasília? O **Espaço Saúde** deu respaldo com gente preparada e os medicamentos adequados aos males menores que incomodaram alguns e algumas de nossa gente.



O restaurante serviu comida que deu conta de saciar a fome dos companheiros e companheiras e a recuperar as energias gastas enquanto se dedicavam a pensar muito, aprender e ensinar e a expressar seus sentimentos na medida em que as atividades do 5º Enafor se desenrolavam.

A banana se tornou o alimento símbolo do 5º Enafor. Esteve presente sempre, servida no café da manhã, almoço, jantar e lanches que intercalaram as refeições principais.



CAPÍTULO 4

ENCONTRO E COMPROMISSOS: “MÃO NA MÃO, PÉ NO CHÃO”



ENCONTROS –

Acampamento pela Reforma Agrária e Agricultura Familiar e Acampamento Enafor Lula Livre

Na manhã do dia 25/05 – Dia do Trabalhador e Trabalhadora Rural – foi a vez do Acampamento 5º Enafor Lula Livre ir em direção ao Acampamento da Reforma Agrária e Agricultura Familiar. "Cerca de 1.500 pessoas ocuparam a Esplanada dos Ministérios em um dia de luta e resistência, para fazer o encerramento do 5º Enafor e da Semana Nacional de Mobilização pela Reforma Agrária e Agricultura Familiar".

Numa caminhada, sob o sol e o vento do Cerrado brasileiro, toda essa gente cantou e bradou palavras de ordem mostrando a força da união, a intolerância à perda de direitos. Mostrou também a alegria do pertencimento a um coletivo que resiste e luta pela transformação social. Não faltou a ciranda, ritmada por tambores e pés, "ciranda de todos nós", que ambientou e animou esse coletivo!

As falas de encerramento sintetizaram o que os debates mostraram sob a forma de compromisso para a formação e para a luta do Movimento Sindical.

Para o Secretário de Formação e Organização Sindical da Contag, Carlos Augusto Silva, o Guto, "O 5º Enafor reafirmou a importância de se fazer formação política, popular e de base e, inclusive, como instrumento de resistência".

O Presidente da Confederação, Aristides Santos, com agradecimentos e chamamento à luta, encerrou os dois Encontros, mostrando entusiasmo com os conhecimentos, entendimentos e compromissos construídos.







"Viva os Sindicatos, as Federações, a Contag, a CUT e a CTB! Viva a luta do povo brasileiro!"

Enquanto o encontro entre os dois acampamentos ocorria, alguns representantes do Movimento faziam a entrega de uma pauta de reivindicações da Agricultura Familiar, representada pela Contag, ao Governo. As principais delas foram:

- Garantia de R$ 32 bilhões de reais ao Pronaf;
- Recriação do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA);
- Garantias para a Assistência Técnica;
- Compromisso de contratação de 100 mil unidades de Habitação Rural;
- Melhoria de acesso aos créditos com juros menores;
- Garantia de retomada da Reforma Agrária;
- Contra a votação do Pacote do Veneno;
- Contra a venda de terras para estrangeiros;
- Contra a privatização da Eletrobrás;
- e ainda outras demandas.



CARTA DE COMPROMISSOS

Foi lida, ainda neste ato de encerramento, a Carta de Compromissos do 5º Enafor.

CARTA DE COMPROMISSOS DO 5º Enafor

Com o tema **Educação popular é resistir, é transformar**, o 5º Encontro Nacional de Formação da Contag se consolida como um lugar de resistência e transformação. São mulheres, homens, jovens, negros/as, pessoas da terceira idade, pessoas idosas, na condição de agricultores/as familiares, camponeses/as, assalariados/as rurais, assentados/as, indígenas, quilombolas, ribeirinhos/as, extrativistas, faxinalenses, geraizeiros, sertanejos/as, vazanteiros, quebradeiras de coco, catingueiros, criadores/as em fundo de pasto e tantos outros trabalhadores e trabalhadoras rurais que povoam os mais diversos territórios rurais.

São filhos/as herdeiros/as da resistência, de séculos e séculos de luta contra o processo de expropriação da terra, de exploração dos recursos naturais, de espoliação e desterritorialização de suas identidades. São sujeitos políticos que resistem a todo processo de opressão ao mesmo tempo em que se constituem e se afirmam como sujeitos.

São pessoas que vieram de vários lugares do Brasil, de todos os cantos, e que tecem a formação em cada local: nas suas comunidades, nos seus municípios, nos seus estados, fazendo do Enafor uma experiência pulsante de unir pessoas as mais diversas, ganhando expressividade através de uma presença que transborda o vivido durante todo o processo de formação e evoca as dimensões coletivas dessa vivência, da utilização de diversas formas de linguagem, por meio das quais fazem a luta, se reinventam todos os dias, resistem e fazem a história apontando novos rumos.

Uma luta que se torna ainda mais significativa se consideramos que o 5º Enafor acontece em um contexto de retrocesso político, resultado de um processo que, mediante uma articulação entre o grande capital, a mídia e o judiciário, destituiu, por via parlamentar, um governo democrático, golpeando a democracia brasileira conquistada com muito esforço após termos vivenciado a ditadura militar durante 21 anos.

A elite conservadora brasileira sempre relutou em incorporar os excluídos à população trabalhadora na vida política do país e nas políticas públicas, de modo que, a cada tentativa de consolidação do regime democrático no Brasil, diante da possibilidade do aumento da participação da classe trabalhadora nas decisões políticas, a classe dominante articula golpes. Trazemos essa marca em nossa formação social, que mais uma vez se expressa no cenário atual.

Diante dessa conjuntura, cabe aos movimentos sociais uma posição estratégica na reconstrução da democracia. Cabe-lhes, por um lado, resistir às iniciativas de um governo que se instaurou ferindo a soberania popular; e por outro, lutar contra o atual cenário, transformando-o no sentido de restaurar a democracia, resistir diante da perda de direitos e avançar em direção à ampliação das conquistas. Isso implica:

1) A garantia da plenitude de direitos (humanos e sociais) dos povos do campo, da floresta e das águas, que promovam qualidade de vida e o fim da violência no campo; e o reconhecimento da sua diversidade social, étnica, cultural, religiosa, sexual e de gênero, como salvaguarda da pluralidade e da liberdade de suas posições de sujeitos;

2) A realização de uma ampla Reforma Agrária, que garanta a esses sujeitos o acesso à terra e aos seus territórios, e também aos bens comuns como as águas, bem essencial à vida e direito universal;

3) A defesa de uma produção de alimentos livre de agrotóxicos, baseada em modelos agroecológicos nos quais as práticas sociais, saberes (locais e acadêmicos), valores, cultura e formas de organização social e produtiva sejam levados em consideração. Para tal é preciso assegurar políticas públicas de apoio ao crédito, à comercialização e à assistência técnica continuada e de qualidade;

4) A criação das bases para que a sucessão rural se realize e a juventude do campo construa seus projetos de vida, sendo-lhe assegurada a qualidade de vida e a promoção da cidadania com a integração de políticas públicas:

5) A garantia de uma Educação do Campo contextualizada com as demandas sociais e culturais dos povos do campo, fortalecendo a sua identidade de sujeitos a partir dos seus territórios e do seu vínculo com a terra, da sua cultura e das suas práticas sociais, tornando-os sujeitos atuantes para a transformação da sociedade.

Isso significa trazer para o centro do debate a questão agrária, a desconcentração fundiária, a desterritorialização a que são submetidos os povos do campo, a necessidade de enfrentamento e de superação da lógica de produção capitalista, que tudo transforma em mercadoria, assim como questões relacionadas à terra, ao trabalho, aos alimentos, à água, à vida e às condições dignas para o bem viver no campo.

O 5º Enafor se faz como esse espaço, um lugar construído num clima de trocas em que se cria uma relação de interação a partir do lúdico, dos abraços, do afeto, da graça, da leveza, das cores, dos sons, tornando o convívio humano descontraído e acolhedor; mas também um espaço de resistência ativa, coletiva e propositiva indispensável às estratégias de lutas tendo no horizonte a transformação de realidades.

Diante disso nos comprometemos com:

1. A condução de uma reflexão acerca da elaboração de uma pauta unificada entre todos os movimentos de esquerda, com vistas à construção de um projeto político em que o fortalecimento da agricultura familiar e a realização ampla e massiva da Reforma Agrária sejam elementos centrais e fundamentais estruturadores do projeto;

2. O aprofundamento e atualização do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS) articulado a um projeto democrático e popular de sociedade, em torno do qual se unifique todos os movimentos de esquerda, reafirmando a identidade de projeto político transformador e de resistência;

3. Uma formação que atue para ampliar e fortalecer a aliança entre as organizações camponesas e a articulação em redes, avançando na relação campo-cidade, em defesa do projeto da classe trabalhadora;

4. Uma formação que reconheça que educação e política, embora práticas distintas, são inseparáveis entre si, diferentemente do que apregoa o movimento Escola Sem Partido, o qual proclama a neutralidade da edu-

cação em relação à política, pois toda prática educativa contém, necessariamente, uma dimensão política;

5. A reafirmação da Enfoc como espaço estratégico para fortalecer e consolidar o projeto político transformador que valorize o ser em toda a sua diversidade: social, cultural, étnico-racial, sexual e de gênero; e que fortaleça a nossa identidade de resistência e a cada um de nós como sujeitos de direitos;

6. Uma formação que qualifique a atuação dos sujeitos do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) para a ocupação de cargos eletivos (executivo e legislativo), incorporando a discussão da política partidária;

7. A eleição de candidatos e candidatas orgânicos e comprometidos/as com a luta de classes e que apoiem e defendam o PADRSS – projeto político do MSTTR;

8. A ampliação da compreensão do campo como lugar de expressão da vida e vivência dos princípios da agroecologia, através da articulação dos diferentes saberes, fazeres, sentimentos e crenças a favor da construção coletiva do conhecimento;

9. A permanente mobilização e atuação crítica e de luta frente ao modelo de desenvolvimento que privilegia o agronegócio exportador, excludente e degradante;

10. O incentivo à realização de feiras agroecológicas e da agricultura familiar como estratégia impulsionadora do desenvolvimento local e de promoção da qualidade de vida;

11. A promoção, produção e interação de diferentes formas de saberes que estabeleçam o rompimento com o pensamento "colonial", incentivando o questionamento e a reflexão de nossas próprias práticas em resposta às nossas necessidades sociais;

12. O estímulo ao diálogo e articulação com outros países latino-americanos para fortalecer um movimento de Educação Popular na América Latina que contribua para a transformação social;

13. A garantia de que as populações do campo, da floresta e das águas possam ter acesso à vida acadêmica, valorizando-se o conhecimento específico produzido por esses segmentos e sua participação efetiva em diversos espaços de atuação e atividade;

14. A valorização, legitimação e reconhecimento dos saberes populares construídos a partir das experiências, na perspectiva de retroalimentar a luta, assegurando sintonia entre base e direção;

15. A criação de espaços na Enfoc para promover e estreitar os diálogos com a Academia, favorecendo a troca entre o saber popular e o saber acadêmico;

16. A ampliação e consolidação de parcerias locais, nacionais e internacionais visando ao fortalecimento da formação no MSTTR, em especial, com universidades e comunidades acadêmicas;

17. Uma formação que garanta a presença da diversidade dos sujeitos nos mais diversos contextos, de modo a contribuir para o combate ao racismo, à discriminação e à desigualdade racial, étnica e de gênero;

18. A busca de modos de lidar com a diversidade nas suas diferentes formas (social, étnica, religiosa, cultural, sexual e gênero), ou seja, que nossas diferenças não sejam transformadas em desigualdades;

19. Uma educação autônoma, libertadora, contextualizada, classista, antirracista, não sexista e não LGBTfóbica, voltada para a democracia e a equidade de gênero, raça/etnia, sexualidade;

20. O fortalecimento da ação sindical por intermédio de uma formação política e ideológica, referenciada na Educação Popular, que incorpore desde as ações cotidianas até o enfrentamento dos grandes temas, tais como: a questão agrária, a concentração fundiária e o processo de mercadorização dos bens comuns; a desigualdade social e econômica; o esvaziamento das instituições e das ações de Reforma Agrária, dentre outros que possuem relação com a violência e a impunidade no campo;

21. A reafirmação da formação na ação visando dar organicidade à prática sindical e potencializar as lutas;

22. A articulação das práticas formativas com os demais espaços públicos e educativos em que se constroem a cidadania e a democracia;

23. Um fazer formativo que seja construído a partir das múltiplas linguagens, expressões artísticas e troca de saberes; e que estimule a criatividade nos processos de formação;

24. A realização de ações formativas direcionadas à base, que considere as especificidades dos sujeitos envolvidos na formação e acolha a sua diversidade; a mística, a religiosidade, as tradições culturais, a memória e as histórias de vida como parte dos processos formativos, assegurando a identidade dos sujeitos;

25. Uma formação para o exercício de relações democráticas, que fortaleça um sindicalismo militante, transparente e ético e para o combate ao aparelhamento, comodismo e distanciamento entre direções e base;

26. A consolidação da sustentabilidade político-financeira, com a gestão participativa e com o fortalecimento de entidades sindicais representativas e democráticas;

27. A continuidade e aprimoramento dos processos formativos que a Enfoc vem desenvolvendo, bem como a multiplicação dos processos formativos/criativos (GES, mutirões sindicais, cursos, etc.) visando ao fortalecimento da organização na base do MSTTR;

28. A ampliação e fortalecimento dos Grupos de Estudos Sindicais (GES), acolhendo as demandas locais de formação e a constituição de GES específicos de mulheres, jovens, terceira idade, por segmento produtivo e/ou organizativo;

29. A reafirmação da importância do papel da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, fortalecendo-a para que se articule em todos os níveis e assim favoreça o enraizamento dos processos formativos de base;

30. A consolidação da sistematização enquanto prática pedagógica coletiva do conhecimento referenciada na Educação Popular e no fortalecimento da Rede de Educadores/as Populares;

31. O engajamento na luta contra a ameaça que vem sofrendo a Educação do Campo com o processo de extinção e fechamento das suas instituições escolares; e por políticas educacionais que privilegiem a cultura, o cotidiano e os territórios rurais onde vivem os povos do campo;

32. Construção de uma estratégia de articulação e integração das ações de Educação do Campo com as ações do desenvolvimento rural sustentável e solidário, com o fortalecimento da agricultura familiar e dos assentamentos da Reforma Agrária;

33. A continuidade da luta pelo fortalecimento e ampliação de uma maior participação do MSTTR nos espaços de gestão e controle social das políticas públicas de Educação do Campo e da saúde, com atenção especial para os conselhos municipais, estaduais e nacional;

34. A continuidade da luta pelo fortalecimento e ampliação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, bem como de todas as ações do Programa Nacional de Educação do Campo – PRONACAMPO;

35. A promoção de uma maior integração entre a Educação do Campo e a Educação Popular, garantido sua discussão nas atividades formativas;

36. A introdução, nas atividades formativas do MSTTR, da temática da saúde pública, com ênfase para a importância da atenção básica enquanto política de ações de prevenção da saúde;

37. A continuidade da luta por uma saúde pública e de qualidade e em defesa do Sistema Único de Saúde – SUS, importante conquista da população brasileira;

38. O enfrentamento a toda forma de violência que as mulheres vivenciam em seu cotidiano, em suas casas, nas ruas, no Movimento Sindical, nos espaços de trabalho, entendendo que a violência sexista contra as mulheres é um dos pilares do patriarcado, uma das bases materiais sobre a qual as desigualdades entre homens e mulheres são produzidas e reproduzidas;

39. O combate a qualquer expressão de preconceito e intolerância, em especial, o machismo e todas as formas de assédio;

40. A continuidade e aprofundamento do debate sobre feminismo, patriarcado, relações de gênero e geração e orientação sexual nos processos formativos do Movimento Sindical;

41. A continuidade e aprimoramento de processos específicos de formação para as mulheres no Itinerário Formativo da Enfoc, incluindo os GES de mulheres e os processos de construção da Marcha das Margaridas;

42. O incentivo e a ampliação dos processos formativos para as pessoas da Terceira Idade e Idosas, contemplando suas temáticas específicas e reforçando o sentimento de pertencimento ao campo;

43. Ampliação da formação de jovens na base sobre as políticas públicas e organização socioprodutiva, e sobre os direitos de cidadania, reforçando o sentimento de pertencimento ao campo e ao Movimento Sindical frente aos desafios da sucessão rural;

44. O aprofundamento da abordagem da sucessão rural, potencializando e incentivando a participação de jovens nos processos formativos;

45. A democratização da comunicação como forma de combater o monopólio da grande mídia nacional, que influencia sobremaneira a sociedade e suas instituições;

46. A intensificação nos espaços de discussão sobre comunicação popular, inclusive com a realização de atividades específicas com comunicadores/as populares no Itinerário da Enfoc (nacional, regionais e estaduais);

47. O fortalecimento da Rede de Comunicadores e Comunicadoras Populares para a dinamização da comunicação no MSTTR.



CAPÍTULO 5

EDUCAÇÃO POPULAR É RESISTIR, É TRANSFORMAR



UMA REFLEXÃO CONTEXTUALIZADA

Vamos fazer um passeio por esses dois conceitos – Resistência e Transformação – para refletir, nesta parte final do texto, como o 5° Enafor deu conta de responder às perguntas que constituíram o eixo temático desta sistematização.

Eixo Temático 1 – Como o 5° Enafor vivenciou os princípios e métodos da Educação Popular de modo a contribuir com práticas de resistência e transformação de sujeitos?

Eixo Temático 2 – Como o 5° Enafor, enquanto espaço de Educação Popular, vivenciou os princípios e orientações do PADRSS, do PPP e da PNF?

Na Educação Popular, tratamos a resistência como luta, prática cultural, social e política que enfrenta relações de poder que promovem formas diversas de injustiça, dominação, exclusão. É ativa! Além de estratégicas, essas práticas de resistência podem também afirmar princípios, valores, regras de conduta condizentes com a construção de relações sociais igualitárias. Esta compreensão esteve presente nas diversas atividades do 5° Enafor, ficando claras desde a preparação do Encontro, nos **diálogos**, nas falas de nossos dirigentes, nas oficinas, como também em cada exposição de nossos painelistas. Ora se apresentou como esclarecimento, ora como denúncia e conclamação à luta, vinculada a caminhos que podemos andar no sentido de enfrentar o conservadorismo, a distorção da verdade, a tirania do mercado, ou seja, de **transformar** a sociedade.

Luiz Felipe

A primeira tarefa, hoje, é ampliar a mobilização e orientar a indignação do povo para pressionar, para reverter as medidas autoritárias. Sem pressão da maioria do povo brasileiro, não temos como retomar o caminho da democracia. Todos os que defendem a democracia precisam estar juntos.

Olgamir

Temos que enfrentar contradições que, de fora, passam para dentro da universidade: machismo, racismo, homofobia, e que são danosos à nossa convivência. Nosso papel é fazer o debate, e as armas que temos são a disputa das ideias e a não naturalização dos preconceitos.

Inez Helena

O discurso midiático é outro problema: existe um fato que pode ser observado, mas existem também versões do fato. A mídia golpista dá a versão que lhe interessa, a versão que quer.

Quanto maior o potencial das forças em atuação daqueles que dominam (dominação social, étnica, religiosa), exploram (exploração no plano econômico, de classe), assujeitam (relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros), maior terá que ser a resistência então forjada.

Isso também foi sendo mostrado neste grande Encontro, até mesmo na escolha do espaço e da forma física que ele adquiriu: um acampamento no centro cultural de uma universidade pública – o Acampamento 5º Enafor Lula Livre. Coerência!

A formação na Enfoc/Contag vem tratando com muita seriedade as contribuições dos diversos campos do pensamento historicamente construídos em nosso mundo.

E considera que a leitura do contexto em que vivemos é uma das principais iniciativas que provoca a reunião dessas contribuições. Revela as situações e condições importantes para dar corpo aos "Itinerários Formativos", ou seja, para a escolha dos temas a serem trabalhados em cada atividade educativa que realiza e para a decisão sobre os métodos utilizados para abordar esses temas, como sugere a Educação Popular. No caso desse 5º Enafor, não foi diferente. O eixo temático resistência/transformação foi trabalhado reconhecendo que "sofremos" um Golpe de Estado, de novo, neste país.

Foi Golpe, sim, a ação jurídico-parlamentar, amparada pela mídia, que levou ao impedimento da presidenta Dilma e abriu caminho para outras arbitrariedades e retrocessos da democracia brasileira.

Considerando isso, pudemos debater como enfrentar suas consequências imediatas e compreender como a vida da nossa gente, desde o Brasil/Colônia (1500-1815), convoca à resistência/transformação, pois a dominação colonial nunca foi erradicada. Ela renasce, a cada contexto, de um jeito diferente: colonialidade é a palavra que nos ajuda a compreender isso.

O que é, então, colonialidade?

A colonialidade engendrada no colonialismo (QUIJANO, 2009) se diferencia deste último por ser mais profunda e duradoura, agindo no nível da intersubjetividade. Trata-se da forma atualizada e desterritorializada da relação de dependência e subalternidade. Em síntese, enquanto o colonialismo tem claras ligações geográficas e históricas, a colonialidade atua sobre uma matriz subjacente ao poder colonial que seguiu existindo após as independências políticas de nossos países e que hoje se perpetua pelas variadas formas de dominação do Norte sobre o Sul (STRECK e ADAMS, 2014, p. 36).

Então, como debatemos nesses dias do 5º Enafor, nossa resistência está e precisa ser tecida desde o atual contexto, mas deve reconhecer que há um fio que sai do nosso hoje e nos leva ao passado. É ampla a luta, pois enfrenta as contradições do nosso hoje, mas reconhece a colonialidade do poder, do conhecimento e do ser, herança de nossa relação com o colonizador. Herança que permanece, mesmo após nossas independências políticas. Nosso hoje é parte de uma história.

A resistência sugerida situa-se, então, sobre os efeitos de poder decorrentes da atuação histórica dos dispositivos de sujeição e subalternização, raça, classe, gênero, etnia e outros mais, sobre nossos povos latino-americanos, presentes na colonialidade.

Socorro Silva

Temos cinco séculos de luta pela terra e de resistência ao colonialismo. Ao longo do tempo, os sujeitos campesinos foram personagens de uma construção histórica tensionada entre espoliação, opressão e resistência; de uma luta por libertação, que constitui suas identidades sociais. A resistência é marca do povo campesino, e aconteceu sob diferentes formas ao longo da história. A relação com a terra, a água, a floresta, a luta e a organização foram diversificando os sujeitos campesinos, em sua forma de produzir e reproduzir a vida

Gilvânia Silva

Queremos educação para ter escola e para nos libertarmos do processo colonial que está em vigor, apresentando-se de outras formas; esse processo que explora nossos corpos, as mulheres, a população negra.

Eliene Novaes

Compreendemos que não há campo sem sujeitos. Falamos de um campo que não é vazio, é lugar de luta, de resistência, de produção da vida, cultura, tradições. Campo não é espaço territorial apenas, mas lugar de identidade, de produção da vida, o sujeito está ali. Essa visão, que é da agricultura camponesa, contrapõe-se à visão do agronegócio.

Resistir, enfrentando essa colonialidade presente em nossas vidas e que perpassa e contamina nossas práticas é compreendê-la para "criar outras condições de poder, saber, ser, estar e viver que apontem para a possibilidade de conviver numa nova ordem e lógica que partam da complementariedade e das parcialidades sociais" (WALSH, 2009, p. 8). É reconhecer a diversidade que tanto defendemos e nos dirigirmos por caminhos que levam à transformação, desde qualquer lugar onde estejamos.

Inez Helena

Vamos voltar e ouvir as pessoas, não dizer o que elas têm que fazer. Precisamos compreender como se tecem hoje a opressão e a resistência para construir caminhos alternativos; fazer formação, levando em conta que educador e educadora não são facilitadores e sim DESAFIADORES.

Inez Helena

Precisamos fazer a luta dos lugares onde estamos. Entender que unidade, organização e mobilização é que vai mudar nossa realidade e recolocar a Reforma Agrária na pauta da luta para produção de alimentos saudáveis e de qualidade.

João Pedro

Estamos na disputa entre dois modelos, o do capital e o dos/as trabalhadores/as, inclusive assalariados/as. Os modelos são incompatíveis, agrotóxicos e transgênicos contaminam. As saídas são muitas, as lutas são pela política de resistência, ocupar terra, desenvolver agroecologia, ter cooperativas, não deixar eles tomarem toda a agricultura. Nosso modelo só se viabiliza se, em todo o Brasil, tivermos um outro projeto de país, que não seja o dos golpistas. Este tem que ser construído coletivamente, não pode ter mais diferença entre campo e cidade, agora é a classe trabalhadora, pois nas cidades se pode morrer envenenado.

Lazinho Dobri

Estamos fazendo sessões itinerantes e chegando às comunidades e, assim, nos fortalecemos. Temos que fazer o sindicato discutir orçamento. É um aprendizado de participação. Nosso desafio é ir pro parlamento e levar o Movimento Sindical, defendendo de fato nosso projeto; mudar a nossa ideologia, a nossa ideia, os nossos conceitos; mudar também nossa prática.

Insistimos, então, em dizer que transformação é práxis, implica um movimento dialético de denúncia e, por sua vez, possibilidade de anúncio, como apontava Paulo Freire; práxis no sentido de luta pela libertação de formas diversas de opressão, exploração e/ou assujeitamento de cada um, de cada uma de nós; práxis como a ação e a reflexão dos humanos sobre o mundo que, em seu movimento, nos apresenta formas diversas de relações de poder; práxis que nos possibilita a emancipação. Para isso, compreendemos o papel fundamental da educação/formação. Foi também Freire quem nos disse estas palavras: "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (FREIRE, 2000, p. 67).

Sabemos que a Enfoc/Contag, desde sua criação em 2006, teve a preocupação de criar uma Política Nacional de Formação, um Projeto Político Pedagógico e dialogar com o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Solidário e Sustentável, para orientar suas atividades de formação político-sindical. Resta, agora, pensarmos como o 5º Enafor, enquanto espaço de Educação Popular, vivenciou os princípios e orientações do PADRSS, do PPP e da PNF. E como manteve a sua Rede de Educadores e Educadoras Populares articulando essa vivência.

PNF

Articula um conjunto de diretrizes políticas e pedagógicas às estratégias de formação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais; assume a Educação Popular como teoria educacional em seus referenciais político-pedagógicos de humanização e emancipação do ser humano, tomando a posição de classe como determinante para a construção de identidades individuais e coletivas e promoção da justiça social. Explicita qual o projeto de sociedade que se defende e quais as mudanças sociais, éticas e políticas que este projeto vislumbra.

PPP

Explicita os princípios políticos e pedagógicos orientadores da formação humana, quais os sujeitos sociais que envolve e quais os caminhos a serem seguidos na formação. Este conjunto de elementos, articulados a partir de suas dimensões políticas, pedagógicas e metodológicas, caracteriza os espaços formativos e orienta os processos de gestão e organização da prática educativa.

PADRSS

Este projeto propõe um desenvolvimento do campo brasileiro cujos pilares estruturadores são: realização de uma ampla e massiva Reforma Agrária; fortalecimento e valorização da agricultura familiar; promoção da soberania alimentar; condições de vida e trabalho digno; dinamização do espaço rural com suas várias formas produtivas e de relações com a natureza, expressões culturais, diversidade organizativa e construção de relações igualitárias entre as pessoas.

Nesse 5º Enafor, pudemos perceber um fio condutor muito forte que passou por seus objetivos, eixos temáticos articuladores, painéis, místicas, oficinas, atividades culturais e ações políticas. Pudemos acompanhar a articulação dos seus objetivos/diretrizes políticas com as orientações pedagógicas, como apontam a PNF e o PPP, e que desembocaram na intencionalidade dos processos formativos da Enfoc de humanização e emancipação. Humanização no sentido de possibilitar às pessoas, que estiveram presentes no Encontro, sentirem-se desafiadas a "ser mais", enquanto se davam conta de que para isso precisam construir, com seus pares, um companheirismo que convoca e provoca o outro a se colocar como agente de transformação. Emancipação no sentido de romper cadeias, resistir aos dispositivos de opressão que se dirigem a roubar a "humanidade" das trabalhadoras e trabalhadores brasileiros, desde os tempos coloniais.

Vamos a uma síntese dos depoimentos de alguns participantes do 5º Enafor, quando foram perguntados sobre o que estavam levando para casa depois de terem vivido este grande Encontro:

Conhecimentos, aprendizagens e sabedoria: alimento para a militância, para o trabalho de base, para vencer conflitos internos, afirmação como sujeitos – autoestima e afirmação das nossas culturas.

Sonho, esperança na transformação política e consciência da necessidade de pensar novas estratégias.

Amor pela classe, consciência dos nossos direitos, como transformar dificuldades em soluções, renovação, fé, motivação e mais capacidade para a transformação.

Troca de experiências e conhecimentos sobre Reforma Agrária, sobre agricultura familiar, sobre o contexto e como estamos sendo afetados pelo Golpe.

Coragem, garra, força, união, entusiasmo, solidariedade, compromisso com a base, ousadia, amor pela luta, vontade de partilha.

Quanto ao PADRSS, as suas bandeiras como a da Reforma Agrária, da Agricultura Familiar, da Soberania Alimentar, das Expressões Culturais do Campo, do Reconhecimento da Identidade dos Sujeitos e Espaço Rural estiveram presentes, tanto nos painéis quanto nas oficinas, nas místicas e especialmente nos encontros solidários dos dois acampamentos: Acampamento 5º Enafor Lula Livre e Acampamento da Reforma Agrária e Agricultura Familiar.

Cabe afirmar, ainda, que o 5º Enafor fortaleceu a **Rede de Educadores e Educadoras Populares** como prática e estratégia de resistência e experiência de organização da formação político-sindical da Escola num presente que traça futuro; como vontade materializada em ação; como valorização do ser humano e reafirmação de princípios pautados pela Educação Popular latino-americana. Juntamente com a direção da Contag, com a equipe pedagógica da Enfoc e os/as secretários/as de Formação e Organização Sindical das Fetags durante todo o 5º Enafor, a Rede foi protagonista na preparação, organização, desenvolvimento e acompanhamento do evento, como esta sistematização atesta.

Levou também ao Encontro a capacidade de abertura à convivência com o diferente, pois cada educador/a é único e o reconhecimento disso torna os espaços de formação da Enfoc/Contag mais completo.

TENSÕES E APRENDIZADOS

NA ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ENCONTRO

A grande tensão vivida na construção do 5º Enafor foi sobre o lugar onde realizar o Encontro e como conseguir os recursos para realizá-lo. Cerca de mil pessoas precisavam ser abrigadas para uma convivência tranquila e alegre e para o desenvolvimento de um trabalho muito exigente, de compartilhamento de saberes e fazeres, de ensino e aprendizagens, de debate e tomada de decisões políticas e pedagógicas para a formação e ação sindical. Temas complexos estavam em debate desde uma conjuntura conturbada e agressiva, que precisava ser muito bem compreendida; conjuntura marcada por um golpe dirigido contra uma nação em desenvolvimento, contra uma presidenta honesta, contra a democracia!



Venceu o compromisso político! E as iniciativas da Enfoc/Contag fizeram valer a criatividade, a negociação de parcerias e a garra para, com recursos financeiros limitados, criar um espaço acolhedor e cheio de simbolismos: o "Acampamento 5º Enafor Lula Livre", armado no Centro Comunitário de uma universidade também carregada de marcas simbólicas, a UnB. Portanto, tensão superada.

A parceria com a Universidade não chegou a atingir a amplitude esperada. A bela e eficiente acolhida dispensada ao Encontro e aos seus participantes, por parte da administração da UnB e professores palestrantes, não teve reflexos maiores sobre os alunos/as e professores/as, que não chegaram a compreender o que estava se passando por ali. Apesar dos esforços do Núcleo de Estudos Amazônicos – NEAz, Sindicato dos Servidores da UnB e da tentativa de integração dos dois "coletivos" (corpo social da universidade e participantes do 5º Enafor) em atividades culturais (como a "batalha de palavras na escadaria", a feira de se-

mentes e os cortejos) não aconteceu a contento. Não chegamos a aprofundar o porquê, mas levantamos a hipótese: talvez tenha havido poucas discussões com esses coletivos da universidade, tanto dos alunos/as, quanto dos professores/as e funcionários/as não envolvidos diretamente com o Encontro, para acolher e selar uma relação avaliada como natural. Aprendizado!

Outra tensão foi em relação às atividades culturais noturnas – teatro, apresentações musicais, noite cultural "dos estados", que acabaram tendo um público muito reduzido, apesar de avaliadas como muito boas para quem participou. Por quê? O cansaço gerado pela intensa programação do encontro desviou as pessoas para suas tendas, para os totens de celulares, carregando-os para o contato familiar ou para a parte externa do acampamento, onde o comércio informal de alimentos, bebidas e objetos, com música para os diversos gostos, criou espaço para a conversa informal, a dança e a brincadeira de forma muito eficiente! O cansaço e a necessidade do contato informal entre as pessoas falaram mais alto do que as atividades culturais programadas. Aprendizado!



NA ELABORAÇÃO DO TEXTO DA SISTEMATIZAÇÃO

Não foi fácil, para a equipe de sistematização, usar as tecnologias digitais, para construir, de forma coletiva, o texto que correspondeu ao produto final da sistematização. Primeiro, porque, durante o curso de formação, a 6ª Turma, da qual a equipe se constituiu, não teve uma formação específica sobre sistematização, e o treinamento, quanto ao uso de algumas ferramentas digitais, foi pouco como a produção coletiva de texto em plataforma Moodle. Mesmo havendo oficinas preparatórias para a sistematização, antes de iniciar o 5º Enafor, não nos demos conta de que teríamos que ter praticado mais o acesso à plataforma e o uso dos recursos oferecidos por ela. Segundo, porque acreditávamos que aquilo que se constituísse dificuldade poderia ser superado por meio de tutoriais e pelas conversas coletivas em hangouts. Os hangouts não funcionaram apesar de várias tentativas feitas. Tivemos dificuldade de apoio técnico para uso da

ferramenta, conflito entre o tempo necessário para participar das "conversas" e as atividades (em excesso) dos e das componentes da equipe de sistematização (especialmente nos Sindicatos e Federações) e até problemas com fuso horário neste Brasil grande, dificultando o acesso à internet nos locais de trabalho. Em parte, estas dificuldades foram contornadas pelo uso do Whatsapp e da comunicação por e-mails, mas não tiveram o mesmo "calor" do encontro na tela e do diálogo em tempo real, possibilitados pelos hangouts. Perdemos também a possibilidade de gravação desses diálogos para serem ouvidos em outros momentos.

Mesmo enfrentando essas dificuldades, os registros feitos durante o evento e nossa teimosia em reescrevê-los, compondo um texto – também coletivo, porque decorrente de diários de campo, entrevistas, gravações, fotografias, observações e memória da equipe de sistematização – foram ricos e criaram as possibilidades para a sistematização apresentar um produto de grande valia para quem dela participou e para quem dela não participou diretamente, mas está tendo acesso aos seus produtos.

O que venceu? A garra e integração da equipe, que gerou sentimentos fortes de amizade, compreensão e compromisso com a tarefa assumida; o reconhecimento e aposta da equipe em sua diversidade e possibilidades de complementação entre os saberes que reuniu; as condições oferecidas pela Enfoc para que o trabalho se realizasse; a flexibilidade da metodologia de sistematização, adotada pela Escola e recriada a cada situação, como ocorreu no caso do 5º Enafor e também a conjuntura brasileira que vem nos ferindo, causando dor, forçando perdas, mas nos incitando a resistir e a transformar. Aprendizagem!

A EQUIPE "SE JOGA, GALERA!" AVALIA SUA ATUAÇÃO

Para a Educação Popular, a avaliação é um momento das práticas formativas de grande importância. Deve ser coerente com as práticas ou processos em que acontece. No caso do 5º Enafor e da sua sistematização, a avaliação foi acontecendo desde a preparação do Encontro até o final da elaboração deste texto "EDUCAÇÃO POPULAR É RESISTIR, É TRANSFORMAR". Foi muito importante para dar elementos para que o 5º Enafor acontecesse da forma como ocorreu, porque deu base para as reconstruções apontadas como necessárias, durante a preparação e o desenvolvimento do Encontro. Tudo transcorreu de forma silenciosa, mas orgânica à prática de formação que acompanhou – o 5º Enafor.

Chegou, então, o momento de dirigir o foco da avaliação para a equipe que assumiu a responsabilidade de sistematização do Encontro; para cada membro da equipe refletir e contar como foi participar dessa dupla "aventura", participar do 5º Enafor, sistematizando-o, ou seja:

- Observando o que acontecia, fazendo entrevistas;
- Fazendo relatos e construindo registros (os diários de campo);
- Fotografando e gravando;
- Refletindo e debatendo em grupo as vivências registradas ;
- Contando o que ocorreu e como transcorreu este grande acontecimento que foi o 5º Enafor, para as pessoas que não tiveram o privilégio de integrar o grupo de seus participantes.

Essa equipe teve um trabalho muito grande, muitas vezes tendo que acordar mais cedo e dormir mais tarde do que os/as outros/as participantes do Encontro, privar-se da convivência em uma ou outra atividade de lazer ou de papos informais para se reunir e dar conta de suas tarefas. Essas coisas, dizem os educadores e as educadoras populares, são transformadoras e tecem resistência... Então, vamos ver como cada um e cada uma dos/das integrantes da equipe "Se joga Galera" sentiu-se ao sistematizar este grande acontecimento. Os depoimentos que seguem tiveram por base as duas perguntas:

1) Como saio dessa experiência de sistematizar o 5º Enafor?

2) Principais aprendizagens.

- **JUSSIÊ ALVES DE ARAÚJO NUNES**

  Eu saio empoderado, renovado, inspirado, amando ainda mais o Movimento, suas lutas, a agricultura familiar, seus processos formativos, as suas essências... com uma visão muito mais clara do que essa ao meio em que vivemos, principalmente as lutas de classes... Saio com grande desejo de apoiar as boas causas em prol do povo trabalhador deste país. Saio fortalecido como pessoa, principalmente como Educador Popular. E, dentro desse lindo processo formativo, levo, ou melhor, trago comigo, além de riquíssimos conhecimentos, vários companheiros/as amigos/as para toda a vida, como diz Roberto Carlos: "Quantas emoções eu vivi", povos, culturas, diversidades, ideias, opiniões diversas... aprender e, ao mesmo tempo, ensinar foi e continuará sendo uma valiosa e grande experiência de vida tanto individual quanto a mais ampla que é a construção coletiva. A vida e o amor são as maiores dádivas que do Criador recebemos e, para encerrar, faço minhas as palavras de Roberto Carlos: "Eu tenho tanto para lhe falar, mas com palavras não sei dizer, como é grande o meu amor por vocês".

- **ANAJÁ ANTONIA MACHADO TEIXEIRA**

  Ao chegar ao 5° Enafor, eu sabia que tínhamos uma tarefa imensa e difícil a executar, principalmente porque éramos um grupo heterogêneo e com expectativas diferentes, mas que trazíamos nossos valores, costumes, o conhecimento de cada lugar que viemos.

  Passaram-se praticamente 17 meses, desde nossa primeira oficina. De lá para cá, aprendi a conhecer as potencialidades de cada um e a importância de cada um neste grupo. Aprendi que o trabalho coletivo não é fácil, que é preciso vencer as dificuldades para se conseguir chegar ao final de uma tarefa. E há muitos anos aprendi: "Tarefa dada é tarefa cumprida". Saio com um aperto, pois este era o último elo que eu tinha de uma fase da minha vida. Gostaria de dizer-lhes obrigada pelas trocas.

- **VIVIANE EMANOELA COUTO**

  Viver o Enafor por si só já é uma grande e valiosa experiência. Fazer parte dessa equipe (sistematização) me mostrou o quanto a Contag e as FEDERAÇÕES estão cada vez mais dando espaço,

acreditando, apoiando e empoderando sua base. Me sinto mesmo mais empoderada e com a certeza de que os desafios sempre nos fortalecem. Porque transformar o mundo é desafio bom.

Aprendi a acreditar mais em mim, que a persistência derruba barreiras, aprendi vivendo por experiência própria e também sentindo nas outras pessoas o quanto é importante e linda a valorização de cada saber. Porque Educação Popular é isso, é valorizar a/o outra/o, é resistir, é transformar. E como diz os dois primeiros versos do Hino da Fetape (DIONÍSIO, [20–]): "Da resistência de um povo/nasce uma esperança". GRATIDÃO!

■ **MARIA ANECI MARTINS DE ABREU**

Sistematizar, a princípio, deu-me um medo muito grande, a ponto de quase não aceitar o desafio. Porém, graças a Deus, não desisti e hoje posso falar que sou muito grata a Deus e à FETAEMA/Contag por me permitirem viver essa experiência maravilhosa da qual saio fortalecida de saberes e mais segura nas minhas falas e atuações, mais empoderada como mulher e como militante. Pude conhecer o nosso MSTTR mais profundamente, de dentro para fora, através das entrevistas que fiz a algumas pessoas e, com suas experiências contadas, peço desculpas se minhas contribuições não saíram como desejadas, pois posso não ter dado meu melhor, porém fiz o possível. Gratidão a todos dessa equipe, a todos que fazem a Enfoc e fizeram acontecer o Enafor pelo aprendizado adquirido.

Principais aprendizagens: Sistematizar, ter hábito de leitura, credibilidade em mim mesma.

■ **JOYCE PEREIRA DA SILVA**

Essa foi a melhor e mais louca experiência da minha vida. Viver o Enafor me proporcionou conhecer pessoas diferentes, sotaques diferentes, diversas culturas de vários cantos do Brasil. Pessoas com um único sonho: continuar sendo agricultores/as familiares, assalariados ou não; de todos os gêneros e raças, políticas decentes. Mas conhecer essa galera da equipe de sistematização foi melhor ainda, já são como uma família, e a Elza, Iara, duas mulheres incríveis que me incentivaram a ler, escrever, pensar mais do que já penso. Eu morria de medo de falar em público,

que dirá entrevistar pessoas que têm mais carga de Movimento que eu. Agradeço à Contag e ao MSTTR por me permitir participar dessa experiência maravilhosa.

Levo de aprendizado a sistematização, a confiança em mim mesma, a percepção de olhar mais para os outros, amizades verdadeiras com pessoas diferentes.

ANDRESSA DANTAS AMORIM SILVA

Uma experiência única capaz de transformar todo e qualquer indivíduo, isso me mostrou novas expectativas e renovou emoções.

Vivenciar novos Desafios me empoderou ainda mais, me fez enxergar com o olhar do outro o quanto somos capazes de sobrepor nossos limites.

A cada conversa, culturas, sabores vi o quanto é importante se jogar no mar de conhecimentos que experiências como essas nos proporcionam.

E agradeço a oportunidade às pessoas que acreditaram, à Federação que me apoiou, aos meus amigos que posso chamar de família os quais, juntos comigo, aceitaram o desafio "Se joga"! Vocês me passaram confiança, e as pessoas que nos conduziram a esse processo.

Sistematizar é trazer à memória o que jamais deveria ser esquecido. Isso está no meu coração.

WILMA ALVES DE FARIAS

Vivenciar o 5º Enafor é se encontrar no movimento de luta dentro de uma construção coletiva na qual aprendemos com as dificuldades voltadas para o cotidiano. Foi nesse entusiasmo de desenvolvimento, através de um processo formativo, que aprendi a valorização dos povos, diversidade, raças, etnias e culturas.

A troca de saberes nos traz uma visão ampla no meio em que vivemos em defesa da luta de classe, além do conhecimento que

trazemos. Com a renovação por um trabalho coletivo, aprendi com a sistematização a ter um olhar para cada situação. Aprendi também a valorizar o outro de forma especial e superar os desafios.

THALITA COELHO

A vivência do 5º Enafor da Contag para mim foi um mergulho no sonho de construção de uma sociedade socialista. Partilhar saberes e sabores; a vivência coletiva no "Acampamento Lula Livre", as reflexões profundas provocadas nos debates, a dedicação de todas e todos para a construção e preparação desta grande atividade, tudo isso regado a muita animação, muitas músicas da luta, muita solidariedade e companheirismo, reafirmaram em mim a crença da importância da formação, da Educação Popular e do trabalho de base para a libertação dos trabalhadores e trabalhadoras, e para a luta pela construção de um mundo livre e feliz. Saí desse Encontro renovada e com muito mais entusiasmo para cerrar as fileiras ao lado desse povo animado e lutador.

ALDO SENA ALBERNAS CONCEIÇÃO

Nos caminhos percorridos durante o 5º Enafor, tive a oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre a atual conjuntura política do Brasil a partir do golpe de 2016; construir estratégias de luta dos movimentos sociais; campo, sujeito e identidade; Reforma Agrária, água, agroecologia e terra. As experiências vivenciadas entre os/as educadores/as populares sobre a prática de formação política de base, cirandas temáticas, oficinas metodológicas, rodas de conversas, feira de saberes e sabores envolveram os participantes do 5º Enafor e a relação com os estudantes da UnB.

Como saio da experiência? Com a garantia de que é possível uma Educação Popular com base no campo, e sujeitos valorizando a identidade e a cultura. Dessa forma, reafirmo meu compromisso com a Educação Popular para resistir e transformar.

A Enfoc reafirma o nosso compromisso na sistematização do 5º Enafor como espaço de atuação estratégico para fortalecer

o Projeto Político Pedagógico; portanto, não tenho dúvidas de que a sistematização foi para potencializar as lutas sindicais e o aprimoramento dos processos formativos que a Enfoc vem desenvolvendo.

- **SILMARA RODRIGUES DA COSTA**

Participar da equipe de sistematização foi uma experiência incrível. Foram grandes oportunidades de conhecer novas pessoas, estudar, adquirir conhecimentos e, principalmente, poder colaborar com um acontecimento tão importante como o Encontro Nacional de Formação, lugar que reúne tanta gente dedicada à Educação Popular, que resiste e transforma mentes e corações em todo o Brasil. Saio dessa experiência fortalecida, a expressão "Se Joga" nunca fez tanto sentido em minha vida. Fico muito agradecida por tudo.

- **JENICELIA VIEIRA DE ARAGÃO**

Principais aprendizados do 5º Enafor: acreditar na formação de base, na Educação Popular, no "olhar" do fazer acontecer, nos melhores conhecimentos através das trocas de experiências. Foi momento de resistência e luta, respeito às diversidades, em que cada encontro despertou a esperança de que somos capazes de vencer e superar nossos objetivos, renovando nossas forças com entusiasmo e determinação.

Como saio da experiência de sistematizar o 5º Enafor? Foi um grande desafio, de início. Porém saio com experiências de suma importância para o desenvolvimento do Movimento Sindical, pois o que vivemos proporcionou o despertar de nossos valores e nos mostrou que qualquer desafio pode ser superado. Os bons aprendizados reafirmam os nossos compromissos com a luta do Movimento Sindical, tendo como base a Educação Popular como garantia de resistência, fortalecimento e transformação.

- **SILVANA TEIXEIRA DA SILVA**

Ser convidada para fazer parte de uma equipe que seria responsável para descrever em um livro todos os sentimentos, emoções e acontecimentos do 5º Enafor foi simplesmente uma surpresa extraordinária. Fiquei, por um tempo, ainda sem acreditar, mas aos poucos foi caindo a ficha do tamanho da responsabilidade que estaria sobre mim e o medo e as dúvidas começaram a aparecer na minha

cabeça. E agora, o que fazer? Como fazer? Por onde começar? Foi quando eu conheci os colegas, os nossos orientadores e a nossa querida professora que estaria comigo neste desafio, que juntos formamos uma ótima equipe com qualidade diferenciada, ideal para uma boa produção.

Depois vivenciamos o 5º Enafor, aprendizados sem tamanho! Tivemos mais conhecimento sobre o golpe e suas consequências, estudamos a terra, o campo, sujeito e identidade; falamos da Reforma Agrária e da conjuntura política, também montamos estratégias para os nossos movimentos, pois a conjuntura política atual não está favorável e precisamos estar preparados para a luta. O nosso Enafor, em forma de acampamento, também nos ensinou a ter união, respeito e amor pelo próximo. Aprendemos a dividir o pouco que temos, passamos a valorizar mais as culturas, os saberes e os sabores de todas as regiões.

Hoje, saio dessa sistematização transformada, radiante de alegria e gratidão. Passar por essa experiência me fez ter outra visão de vida. O acolhimento no espaço do acampamento me transformou como pessoa, nunca vou esquecer de um momento vivenciado na primeira noite, no qual eu nunca tinha passado tanto frio em minha vida, não conseguia dormir, cheguei a chorar. Foi quando uma amiga dividiu comigo o seu cobertor; mesmo sendo pequeno, ela me ofereceu ajuda. Parece ser um gesto simples, mas é nesses pequenos gestos que adquirimos grandes lições. Sobre a experiência da sistematização, agora tenho outra visão: em todos os espaços que estou presente, observo os sentimentos, os olhares, as histórias, enxergo coisas que antes acreditava não terem importância. Estou orgulhosa por saber que ajudei a levar o 5º Enafor para todos os espaços, a todas as pessoas que não tiveram essa oportunidade de estar naquele espaço.

FRANCISCA DE SOUSA SANTOS

- O 5º Enafor, para mim, foi espaço que considero de reafirmação da resistência. Aconteceu exatamente quando o MSTTR precisava se encher de Esperança e tive a oportunidade de viver momentos que levo para o resto da minha militância. Ficou clara a compreensão de que a esperança tem que ser a do verbo

esperançar. O 5º Enafor me fez capaz de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída; falo a partir do olhar para as ameaças que o nosso "estado democrático de direito" passa.

O 5º Enafor agrega vários componentes de fortalecimento da minha luta, momentos que fizeram revelar o quanto eu preciso animar e provocar revoluções que garantam a transformação do meu lugar de militância, para que sejamos capazes de superar as desigualdades sociais a partir do nosso chão, da nossa base.

Sou muito grata ao espaço de participação do 5º Enafor, lugar de aprendizado que me possibilitou novos horizontes por meio da leitura e da escrita como forma de levar a outros espaços momentos vividos que não podem passar sem serem vistos por outras pessoas.

Sei que não colaborei o tanto quanto devia, mas o processo de construção e a vivência de sistematização me tornou uma mulher negra, agricultora, nordestina, mãe e militante mais empoderada e mais capaz de enfrentar os desafios que são a nós postos na sociedade capitalista.

Com o aprendizado, estou me desafiando a sistematizar a nossa escola família agrícola, uma proposta de educação contextualizada que vem provocando revoluções na vida da juventude do campo.

Gratidão pela permissão a uma agricultora escrever, quando, ao longo da minha trajetória de vida, meu instrumento é a enxada para cultivar a terra.

- **Agradecimento de ALDO CONCEIÇÃO**

  Quero agradecer inicialmente ao convite que me foi feito pela Escola Nacional de Formação da Contag (Enfoc), e pela nossa equipe que contribuiu para a sistematização do 5º Enafor. Para mim é uma enorme alegria falar sobre as afirmações: **Educação Popular é Resistir, é Transformar**; Educação Popular é Formação Pedagógica.

  Preparar essa atividade foi um momento particularmente prazeroso que me fez retomar as escritas e recordar as nossas inúmeras conversas e coisas em comum. Assim, queremos 'dar voz', tal como sugar a expressão dos indivíduos e do 'ponto de vista dos indivíduos' capazes de promover significativas mudanças no espaço social. Da mesma forma, 'dar passagem'

a que esses indivíduos se articulem do ponto de vista da sociedade, com possibilidade de examinar o que acontece na sua experiência diante de um suposto potencial de autonomia para transformar a própria realidade. Também sobre o que motiva a ação coletiva de um grupo, o que decorre, tanto de finalidades comuns entre os sujeitos implicados, como das relações interpessoais de convívio. E é nessa condição que o mundo do trabalho é um mundo essencialmente pedagógico, pois compreende um conjunto de interações que a atividade do fazer oportuniza para além dela mesma. O produzir, como ação sobre a matéria-prima, também se torna produzir saberes e sabores oriundos da multiculturalidade e multicapacidade do sujeito.

A Educação Popular vem se definindo basicamente como uma prática pedagógico-política. Quer dizer, como uma prática social que, trabalhando fundamentalmente com o conhecimento, tem uma intencionalidade e um objetivo político. Dessa maneira, se afirma, ao mesmo tempo, como uma forma renovada de fazer política. É uma forma alternativa de fazer educação. Paulo Freire nos disse tantas vezes: os oprimidos, isolados não chegarão a lugar nenhum, ainda mais quando não se reconhecem portadores desta opressão. O desafio é darmo-nos as mãos e caminharmos juntos.

Frente a esse contexto, o Enafor traz como tema **Educação popular é resistir, é transformar**, afirmando a importância de ampliação e intensificação das ações formativas para o fortalecimento das lutas e resistência nesse cenário em que pautas conservadoras avançam sobre as conquistas sociais, aprofundam desigualdades e restringem liberdades do povo brasileiro. Um encontro como esse nos fortalece como rede de educadores/as e nos possibilita uma troca de saberes riquíssima, que será multiplicada na base a partir das diversas ações formativas. Nos oportuniza ainda fazer uma avaliação crítica de como andam nossas ações e onde precisamos melhorar. O Enafor é também espaço de elaboração de estratégias de atuação articuladas à Política Nacional de Formação (PNF), ao Projeto Político Pedagógico (PPP) e ao Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS), que são os principais referenciais dos processos formativos do MSTTR durante as lutas de classes.

Participar da sistematização foi uma experiência única, pois se tinha contato com tudo o que estava acontecendo no evento, com a socialização; isso foi fundamental.

DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL NA ENFOC

Desde os primeiros preparativos desta sistematização do 5º Enafor, existiu a vontade da Enfoc/Contag de que os ensinamentos, as reflexões e as aprendizagens construídas durante este grande acontecimento não ficassem como posse apenas daquelas pessoas que estiveram ali presentes. Muitos conhecimentos circularam durante as atividades desenvolvidas, sentimentos profundos deram intensidade às vivências que foram de uma diversidade imensa e muitos compromissos foram firmados ou renovados nos diferentes momentos do Encontro. Comunicar tudo isso é necessário!

Entretanto existiram preocupações específicas delegadas à sistematização do 5º Enafor. Compartilhar com as pessoas, que não tiveram a oportunidade de participar deste Encontro, informações sobre as estratégias de resistência e transformação presentes nas práticas do Encontro e das experiências que reuniu. E, com isso, contribuir para o fortalecimento de "estratégias formativas articuladas às lutas populares de resistência, ao neoliberalismo e às práticas conservadoras de desmonte dos direitos conquistados pelos trabalhadores e trabalhadoras" (ENFOC, 2018) em nosso país, desde a Enfoc.

Acreditamos que o texto que estamos finalizando e que procuramos dar forma como um lugar que fala, e também como um lugar de fala, deu conta de cumprir as solicitações que foram emitidas pela Enfoc/Contag à nossa equipe "Se joga, Galera!", responsável por esta sistematização: relatamos, refletimos, teorizamos, avaliamos.

Apresentamos, a seguir, alguns dos desafios que nos remetem a refletir como aprofundar e desenvolver melhor a estratégia formativa que a Enfoc e o trabalho de base vêm desenvolvendo, ao longo de seus 13 anos, muito bem mostrados no 5º Enafor. São desafios que, a nosso ver, estão em diálogo com o tema do Encontro: **Resistir, transformar!** Que jogam com a atual conjuntura parte de um golpe que ainda não terminou. Os desafios são os seguintes:

- Fortalecer as lutas em defesa dos direitos e das políticas públicas subtraídas da classe trabalhadora, especialmente dos povos do campo. Sabe-se que, mais do que nunca, no Brasil de hoje, enfrentar os debates sobre as políticas de valorização da agricultura familiar, enquanto um direito dos agricultores e agricultoras familiares que cultivam a terra para produzir alimentos e construção das condições de permanência no campo com qualidade de vida, passou a ser uma questão imperativa para esses agricultores e agricultoras, e a formação da Enfoc/Contag precisa se ocupar mais disso nos próximos anos.

- Reforçar as parcerias com os Movimentos Sociais do Campo e da cidade e potencializar o desenvolvimento de ações conjuntas, para enfrentar o cenário ultraconservador e ultraneoliberal que o Brasil atravessa. É preciso suplantar velhas dicotomias e compreender que o momento histórico exige que cada Movimento exerça sua capacidade de articulação e entenda que tem um papel importante na reconstrução da democracia brasileira e de um projeto popular de sociedade.

- Estimular a participação dos trabalhadores rurais, agricultores e agricultoras familiares, nos partidos políticos do campo democrático e popular. É verdadeiro afirmar que os sujeitos do campo exercem pouca expressividade nesses partidos, mas também é verdadeiro dizer que esses sujeitos atuam, desde os seus espaços sociais, para que se tenham legisladores e gestores públicos comprometidos com as demandas da classe trabalhadora. É preciso que a Enfoc se ocupe mais com esse tema em seus processos formativos para estimular que mais lideranças do campo se lancem nesses espaços em condições de saírem vitoriosas das disputas.

- Aprimorar e ampliar a estratégia de Educação Popular com tecnologias da informação e comunicação, para que as Federações e os Sindicatos consigam ter acesso e construam processos formativos próprios e articulados à concepção e estratégia formativa da Enfoc. Cabe lembrar que a experiência da Enfoc com a plataforma Moodle tem mostrado que é possível utilizar essa ferramenta a nosso favor, desde que aprimoremos nossas estratégias e criemos as condições para que Educadores e Educadoras da Rede possam atuar com essa modalidade formativa.

- Ampliar nos espaços os tempos formativos com temas sensíveis do cotidiano da vida como espiritualidade/religiosidade, orientação sexual, relações étnico-raciais e de gênero, novas masculinidades, arte e cultura popular, articulando abordagens da racionalidade política com a política dos afetos. São temas que atravessam o campo das subjetividades nutridas pelas trajetórias de vida das pessoas, portanto carregados de sentidos políticos. Temos convivido com crescentes manifestações de preconceitos raciais, de gênero, xenófobos e sexistas que se manifestam de diferentes nuances e ataques à vida de pessoas que expressam outras formas de existir, pensar e atuar no mundo. É preciso considerar que a amorosidade e a dimensão dos afetos são conteúdos do mundo político e não podem ser considerados como temas "pouco relevantes" nos processos formativos. É necessário, portanto, que os tempos formativos sejam reprogramados para dar margem a essa relação.

Portanto, é fundamental que nos próximos anos os processos formativos atuem na perspectiva de superar esse conjunto de desafios, o que vai exigir que sejam feitas análises profundas de contexto, considerando as condições objetivas e subjetivas dos sujeitos e desvelar quais são seus novos valores e suas novas percepções de mundo e como o contexto atravessa suas subjetividades e suas formas de reprodução da vida, de forma a dar força à militância. Trazer para a consciência um olhar imbuído dessas questões requer exercitar nossa capacidade de "escuta ativa e sensível", que envolve reflexões e posicionamentos sobre como estamos em relação ao que estamos vivendo e como estamos vendo o outro/a frente ao vivido. Seguimos reverberando as boas e promissoras aprendizagens que o 5º Enafor nos proporcionou!

PARA FINALIZAR ...

Silvana Teixeira da Silva/BA

Agora quero saber de você
Que do evento participou
O que o 5º Enafor
Em sua vida acrescentou?
E em sua militância
Algum conceito mudou?

Ao voltar para sua casa
Qual foi o sentimento?
Quais foram os aprendizados?
Qual o melhor momento?
Como foi a experiência
De viver o acampamento?
Agora quero saber
Dos que não puderam participar
Como foi através deste livro
O 5º Enafor acompanhar?
Teve algum momento marcante?
Você chegou a se emocionar?

Também queremos saber
O que "o relato" provocou?
Os desafios vividos ali
Qual sentimento lhe causou?
Qual é a sua avaliação?
Queremos saber se você gostou.



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BACELAR, Tânia. **Estudo sobre a ruralidade no Brasil atual**. Apresentação no Senado Federal em colaboração com o IICA – Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Brasília: 2013.

BARRETO, Raquel. **Uma pensadora brasileira**. Reprodução de depoimento de Lélia Gonzalez publicado em 1988. "A gente não nasce negro. A gente se torna negro. [...]" 2019. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/. Acesso em: 30 dez./2019.

BLACK, Dani (compositor e intérprete) feat NASCIMENTO, Milton (intérprete). Maior. In: BLACK, Dani. Álbum: **Dilúvio**. Formato: CD. São Paulo. Gravadora: Tratore, 2015, faixa 11.

BOTE fé e diga Lula (Jingle de campanha de Luiz Inácio Lula da Silva). In: **Memorial da Democracia**. 2002. Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/ajax_audio_ extra_item/264. Acesso em: 25 jan 2019.

BRANDÃO, Carlos R. Pefácio. In: **A questão política da educação popula**r. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-10.

BRASIL. **Constituição, art. 196 e 205**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRECHT, Bertolt. **Os que lutam**. Disponível em: https://www.psicanaliseclinica.com/poemas-de-bertolt-brecht/. Acesso em: 11 out.2020

BUARQUE, Chico. Sonho de um carnaval. Compositor e intérprete. In: BUARQUE, Chico. Box: **Os primeiros anos**. CD 1. Gênero: MPB. Gravadora: Som Livre. Gravação: de 1966-1968. São Paulo, 2006, faixa 12.

CAÑAS, Ana. **Viverei**. Compositora e intérprete. Gênero: MPB. Produção: Xuxa Levy. Arranjo: Xuxa Levy e Ana Cañas. Gravado no acampamento Lula Livre, Curitiba, maio de 2018.

CÉSAR, Chico. Reis do Agronegócio. Compositor e intérprete. Formato: CD e download digital. In: CÉSAR, Chico. Álbum: **Estado de Poesia**. Produção: Chico César e Michi Ruzitscha. Estúdios: Gargolândia. Gravadora: Urban Jungle. São Paulo: 2015, faixa 14.

CIA. BURLESCA DE TEATRO. **Santa Dica**. Direção: Mafá Nogueira. Produção: Cláudia Leal. Fotografia: Pedro da Silva. Atores/atrizes: Lyvian Sena, Julie Wetzel, Pedro Caroca. Brasília, 2018.

CORDEL, Nando. Deus está em mim. Compositor e intérprete. In: CORDEL, Nando. Álbum: **Meus mantras**. 2014. Faixa 2. Disponível em: https://open.spotify.com/album/ 7BKARouPW2R93STkjcIFuI. Acesso em: 10 out. 2020.

DIONÍSIO, Elias. Hino da FETAPE. Recife: Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco, [20-].

ENFOC – Escola Nacional de Formação da Contag. **Fôlder do 5° Enafor.** Brasilia: Enfoc/Contag, 2018.

ENFOC/CONTAG. **Um conto que encanta**. IV Encontro Nacional de Formação da Contag. Organizadores: Juraci Couto, Iara Lins, Elza Falkembach. Brasília: Enfoc, 2015.

FAGUNDES, Marli; MONTE, Maria; MARTINS, Eulália Paula. **Andar com os próprios pés**. [S.l]: Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, [entre 2001 e 2018].

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização, uma arte de ampliar cabeças. IN: FALKEMBACH, Elza M. F. **Arte de ampliar cabeças: uma leitura transversal das sistematizações do PDA**. Brasília, MMA, 2006, p. 34-55. (V. 11 de MMA – Série Sistematização) Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/pda/_publicacao/ 51_publicacao05052011033057.pdf. Acesso em: 20 set. 2019.

FRANÇA, Mestre Valter. **Cheguei meu povo, cheguei pra vadiar**. Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife. Recife: [199-?].

GABRIEL O PENSADOR. Racismo é burrice. Compositor e intérprete. Gênero: Hip-Hop/rap. In: GABRIEL O PENSADOR. Álbum: **MTV ao Vivo**. Formato: CD, DVD. Gravadoras: Chaos e Sony Music. Direção: Fabrizio Martinelli. Produção: Liminha, Marcelo Yuka, DJ Cleston e Gabriel o Pensador. São Paulo, 2003, faixa 4.

GONZAGUINHA. From United States of Piauí. Compositor e intérprete. Gênero MPB. In: GONZAGÃO & GONZAGUINHA. Álbum: **Gonzagão & Gonzaguinha juntos**. Gravadora: BMG/Ariola. Catálogo V. São Paulo: 1992, faixa 3.

GONZAGUINHA. Caminhos do coração. Compositor e intérprete. In: GONZAGUINHA; Álbum: **Caminhos do coração**. Gravadora EMI Music Brasil. São Paulo/Rio: 1982, faixa 10.

HOROWITZ, Selina. Altissimo corazon. Compositora e intérprete. In: HOROWITZ, Selina. Álbum: **Earth & Sky**. Gênero: Nova Era. Gravadora: Studio 12. [S.l.], 2014.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Levante sua voz**. Vídeo. Formato: DVD. Roteiro, direção e edição: Pedro Ekman. Apoio: Fundação Friedrich Ebert Stiftung. Produção executiva e produção de elenco: Daniele Ricieri. Duração: 17 minutos. São Paulo: 2009.

LOPES, Francis. Pisa ligeiro. Compositor e intérprete. In: LOPES, Francis. Álbum: **E tome piseiro**. Gravadora: MD Digital Music. São Paulo: 2019, faixa 4.

LOUCAS DE PEDRA LILÁS – Grupo Teatral de Mulheres do Recife. **O canto das Margaridas**. Compositoras e intérpretes. Recife, 2006. Arranjos: Virgínia Cavalcante. Recife, 2007.

LUCIANO, Renato. **De toda cor**. Compositor e intérprete. IN: LUCIANO, Renato. Álbum: De toda cor. Produção: Sérgio Chiavazzoli. Participação: Ney Matogrosso, Oswaldo Montenegro e outros. Gravadora: Biscoito Fino. Rio de Janeiro: 2017, faixa 14.

MEJÍA, Raúl; ZIOTTI, Narita; KATO, Danilo Seithi. La globalización capitalista y el lugar epistémico de la educación popular en América Latina. Uberaba/MG: **Cadernos CIMEAC**, v.7, n. 2, 2017, p. 8-35.

MUNHOZ, Pedro. Canção da Terra. Compositor e intérprete. Gênero MPB. In: O TEATRO MÁGICO. Álbum: **A sociedade do espetáculo**. Gravadora independente. 2011, faixa 18.

MUNHOZ, Pedro. **Quando matam um Sem Terra**. 2009. Disponível em: https://mst.org.br/2009/08/28/quando-matam-um-semterra/#:~:text=Quando%20ma tam%20um%20Sem%20Terra%20Pedro%20Munhoz%201.,quando%20matam%20um%20Sem%20Terra. Acesso em: 31 out. 2020.

NOVAES, Beto. **Nuvens de veneno**. Vídeo. Formato: DVD. Direção e roteiro: Beto Novaes. Produção executiva: Beto Novaes, Carlos Minayo, Wanderley Pignati. Produção: Terra Firme, Vídeo Saúde e MP2 Produções. Edição: Gislaine Lima. Fotografia: Cleisson Vidal. Distribuição: Vídeo Saúde, distribuidora da Fiocruz. Duração: 23 minutos. Rio de Janeiro, 2013.

O AUTO da Compadecida. Filme. Gênero: comédia. Produção e direção: Guel Arraes. Trilha sonora: Sá Grama. Produtoras: Lereby Produções e Globo Filmes. Produção executiva: Daniel Filho e Eduardo Figueira. Distribuição: Columbia Tristar. Roteiro: Guel Arraes, Adriana Falcão e João Falcão. Edição: Ubiraci de Motta e Paulo Henrique Farias. Elenco: Matheus Nachtergaele, Selton Melo, Marco Nanini e outros. Baseado em: *Auto da Compadecida, O santo e a porca e Torturas de um coração*, de Ariano Suassuna. Colorido. Duração: 104 minutos. Brasil, 2000.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **O Brasil feliz de novo** (Jingle de campanha de Luiz Inácio Lula da Silva. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vZh2c-ZLoQs. Acesso em: 25 fev. 2019.

PINTO, Zé. Ordem e Progresso. Compositor. Intérprete: Beth Carvalho. Gênero: MPB. In: MST: **Arte em Movimento**. Programação e teclados: Luís Lopes. Direção de voz: Renato Corrêa. Coro: Kapenga, Evaldo e Zé Pinto. São Paulo: 2002, faixa 19.

PJ & RAIZ. Negro Nagô. Intérprete. In: PJ & RAIZ. Álbum: **Fazendo pastoral**. Produção: Equipe Diocesana de Pastoral da Juventude da Diocese de Guarulhos. Guarulhos/SP: 2012.

PRA MUDAR a sociedade do jeito que a gente quer. Mulheres nas canções do MSTTR. In: Plenária Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais/CONTAG, 6ª, 2016. **Caderno de canções**, 2016, faixa 11.

PRONZATO, Carlos. Poema 3. In: PRONZATO, Carlos. **Poemas Sem Terra**. Salvador/BA: Fast Design, 2009. 44 p.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

RIZZIERI, José Luiz. Deixa-me ser jovem. Intérprete. In: CARVALHO, Pe. Sebastião Assis. **Cantemos ao Senhor**. Produção: Frei Jardel Eberhardt e Frei Maxes Estinvil. Brasília: Salesianas, 1991.

SÁNCHEZ, Damian José e SOSA, Jorge Luis. Hermano dame tu mano. Compositores. Intérprete: Mercedes Sosa. In: SÁNCHEZ, Damian José e SOSA, Jorge Luis. Álbum: **Traigo un Pueblo en mi Voz.** Gravadora: Philips Records, Rio, 1973, faixa 3.

SANTA CRUZ, Victoria. **Me gritaron negra**. Poema-canção. Compositora e intérprete. In: SANTA CRUZ, Victoria. Álbum: **Poemas e Pregones Afro-Peruanos.** Lima (Peru). Gravadora: Mgp, 2003, faixa 1.

SANTOS, Gilvan. Não vou sair do campo. In: MST – **Livro Cantares da Educação do Campo**. São Paulo: Setor de Educação, 2006.

SEM medo de ser mulher. Mulheres nas canções do MSTTR. In: Plenária Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais/CONTAG, 6ª, 2016. **Caderno de canções**, 2016, faixa 12.

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SÓ, só sai reforma agrária... Após as reticências, escrever: Intérprete: Gérson. In: ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Cancioneiro de corpo e alma** – para cantar e saborear o VIII EnconASA. Januária/MG, 2012.

Sousa, Antônio Cícero de. Fala sobre educação. In. BRANDÃO, Carlos R. A questão política da Educação Popular. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-10. Prefácio

STRECK, Danilo Romeu; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educ. Pesqui**., São Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-258, 2012 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000100016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 ago./2020.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. **Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

TATIT, Paulo e PERES, Sandra. Uma história. Intérprete: Palavra Cantada. Gênero: música infantil. In: TATIT, Paulo; PERES, Sandra et al. **Livro de brincadeiras musicais.** Vol. 1. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

TENDLER, Sílvio. **O veneno está na mesa**. Vídeo. Direção e Roteiro: Sílvio Tendler. Edição: Paulinho Sacramento e Kaio Almeida. Narração: Caco Ciocler, Dira Paes, Amir Haddad e Julia Lemmertz. Fotografia e entrevistas: Aline Sasahara. Produção: Hélene Paihous. Produção executiva: Ana Rosa Tendler. Trilha sonora: Lucas Marcier/ Arpx. Duração: 49 minutos. Amazônia, 2011.

TIERRA, Pedro. **Pedagogia dos aços** – Poema-denúncia do massacre dos trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás/PA, em 1996. Brasília: 1996.

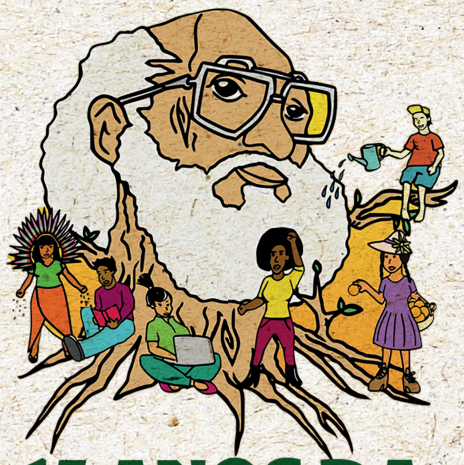
VADHAR, Pedro. Los cuatro elementos. Compositor e intérprete. In: VADHAR, Pedro. Álbum: **Cielo Y Tierra**, vol. 1. Gravadora: Pedro Vadhar. México: 1995, faixa 9.

VANDRÉ, Geraldo. Caminhando – Pra não dizer que não falei das flores (versão ao vivo gravada no Festival Internacional da Canção de 1968). Compositor e Intérprete. Gênero: MPB/Bossa Nova. Álbum: **Geraldo Vandré**. Gravadora: Som Maior. Joinvile/ SC. 1979, faixa 1.

VICENTE, Zé; FONTELES, Babi. O que vale é o amor. In: VICENTE, Zé; FONTELES, Babi. Álbum: **Em canto**. Gênero: Cristã/Gospel. Gravadora: Paulinas COMEP, 2015, faixa 12.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. In: CONGRESO DA ASSOCIATION POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE, 12., 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2009.





15 ANOS DA ENFOC

STTRs FETAGs CONTAG

Failiada à:

ceaal

DIEESE